

RELATÓRIO FINAL

O PROJETO ORLA
Estrutura, equipamentos e usos da Orla na Praia de Atalaia em Aracaju/SE



PROJETO ORLA

**Estrutura, equipamentos e usos
da Orla na Praia de Atalaia em Aracaju/SE**

ORGANIZADORES

Diego de Sousa Mendes
Sérgio Dorenski D.Ribeiro
Cristiano Mezzaroba



Aracaju, 29 de Outubro de 2011

Ministério
do Esporte



LaboMídia
www.labomidia.ufsc.br

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| PREFACIO..... | 4 |
| APRESENTAÇÃO..... | 7 |
| OS EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER DA ORLA DE ATALAIA – Diego de Sousa Mendes <i>et al</i>..... | 10 |
| AS "TRIBOS" DA ORLA: INVESTIGANDO OS GRUPOS SOCIAIS NOS MOMENTOS DE LAZER – Luciana Carolline Pina Garcia; Paula Aragão; Cristiano Mezzaroba..... | 40 |
| ACESSIBILIDADE E POSSIBILIDADES DE LAZER: A PESSOA COM DEFICIÊNCIA COMO FOCO DE ANÁLISE - Rosa Karla Cardoso de Almeida; Patrícia Matos Souza Nunes; Fábio Zoboli..... | 62 |
| COPA PETROBRAS DE TÊNIS EM ARACAJU:OUT – André Marsiglia Quaranta; Sérgio Dorenski D. Ribeiro..... | 72 |
| SOBRE OS AUTORES..... | 88 |

PREFÁCIO

DO TRENZINHO DO AULU´S AO PROJETO “ORLA DE ATALAIA”

O cenário, mais acadêmico, impossível. Localizado nas proximidades de uma das entradas principais da Cidade Universitária Zeferino Vaz, da UNICAMP, o restaurante Aulu´s é um tradicional ponto de encontro de docentes e pós-graduandos de diferentes cursos, especialmente das ciências humanas e sociais, daquela universidade paulista.

A comida, tipicamente mineira (além dos conhecidos pratos de buffet´s por kg, que se espalham pelo país), é reforçada por um ambiente personalizado e de bom gosto, com peças antigas como um jukebox original, fotos e cartazes de atores e atrizes da segunda metade do século passado, réplicas diversas; além da sua principal atração, um trem elétrico em miniatura, que desliza sobre trilhos suspensos sobre as mesas, por quase toda a extensão do restaurante.

Foi neste cenário, entre um apito e outro do trenzinho que encantava a todos, que Sergio Dorenski, Cassia Hack, André Quaranta e eu, almoçando numa folga entre sessões da 60ª Reunião Anual da SBPC, em julho de 2008, comentávamos sobre a beleza e a diversidade dos equipamentos de lazer da renovada Orla de Atalaia, em Aracaju, SE.

Como acadêmicos, não deixávamos de nos referir, sobretudo, à correta integração do espaço construído com a natureza do lugar, a preocupação em criar espaços públicos para pequenos e grandes públicos, a valorização do artesanato, da arte e da culinária locais, enfim... Sem dúvida, um belo lugar para se ver e para se desfrutar, também como turista.

Mas foi como acadêmico que perguntei aos queridos amigos de Aracaju se eles tinham conhecimento de estudos realizados por pesquisadores da UFS sobre aquela que considero a mais qualificada intervenção pública em área urbano-litorânea no país, quer pelos equipamentos implantados, quer pela cultura de apropriação desenvolvida pela sociedade local (embora saibamos que as obras da Orla tenham sido feitas para atrair turistas à Aracaju, uma espécie de “patinho feio” entre as capitais nordestinas, quase todas repletas de belas praias urbanas).

Foi com uma espécie de espanto compartilhado que constatamos não haver estudos acadêmicos mais consistentes e ambiciosos, salvo pequenas investigações pontuais.

Tuúú! Tuúúúú! O apito do trenzinho sobre nossas cabeças parece ter-nos despertado para a relevância de se pesquisar aquele espaço. As possibilidades vislumbradas foram, logo, se ampliando: diagnóstico dos equipamentos disponíveis,

descrição das práticas de lazer observadas, análise das formas de organização dos grupos que ocupam espaços específicos, os eventos esportivos ali realizados, uma crítica em relação aos espaços públicos “privatizados” para federações esportivas (tênis, kart) ou para o SESC, etc.

Tal como compositores boêmios, que na mesa do bar fazem suas rimas e canções em guardanapos de papel, foi assim também que começamos a registrar tais possibilidades de abordagens de pesquisa a partir da Orla de Atalaia. Pesquisas empíricas, de observação, de acompanhamento prolongado dos hábitos e práticas de lazer ali realizados - imediatamente, escolhemos o “ponto de observação” principal, o acolhedor restaurante Ponto da Picanha, na ponta norte da Orla, já quase na Coroa do Meio (o comercial sai de graça, eles merecem!). A cada nova “pesquisa” pensada, já se indicava, às gargalhadas, quem iria “tocá-la”: a Lu, então graduanda de Educação Física da UNIT, recém-ingressa no LaboMidia/UFS. Seria o seu ritual de passagem...

Bem, de lá pra cá, passaram-se três anos e muitas coisas boas aconteceram, muitas em decorrência do episódio acima descrito. Célere e corajoso tal como o trezinho do Aulu’s, o núcleo LaboMidia/UFS consolidou-se de vez, sendo hoje por todos reconhecido. Aos esforços iniciais do Dorenski, André e Luciana, juntaram-se o Diego (que hoje está em São João Del Rei, com o nosso LaboMinas), o Cristiano, a Paula Aragão e, na esteira destes, vários graduandos e recém-graduados do curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe.

A pesquisa sobre a Orla de Atalaia passou do guardanapo de papel para a realidade acadêmica, tendo seu mérito reconhecido pela Rede CEDES, do Ministério do Esporte, que concedeu ao grupo apoio financeiro, aprovado no edital público de 2009. Partes do estudo foram divulgadas em congressos científicos importantes da área por todo o país. E hoje, para nossa alegria, as conclusões desse estudo coletivo são reunidas, ganham asas e se tornam públicas, graças à publicação dessa obra.

Vamos encontrar aqui relatos de pesquisa relativos aos três eixos originais do Projeto “Orla de Atalaia”, proposto pelo LaboMidia/UFS, expressos em capítulos que tratam, respectivamente de: a) levantamento e diagnóstico dos equipamentos de lazer dispostos ao longo dos quase 6 km da Orla; b) identificação e análise de algumas das principais “tribos” ou grupos organizados de usuários, que ocupam regularmente espaços específicos da Orla, para suas atividades esportivo-recreativas e socializações; e c) as competições esportivas oficiais que acontecem na Orla, incluindo aí a sua repercussão na mídia esportiva de Aracaju e do estado de Sergipe. Além destes, mais um capítulo muito interessante, veio completar a obra, que trata da questão da acessibilidade dos espaços e equipamento da Orla a pessoas com deficiências, estudo coordenado pelo prof. Fabio Zoboli, da mesma instituição. Também é preciso destacar a beleza da arte da capa, obra do camarada Rodrigo Ferrari, a partir de fotografia original com produção da Luciana Pina Garcia.

Bem que eu gostaria de falar muito mais, do meu prazer e da alegria por estar prefaciando essa primeira obra do LaboMidia/UFS, de constatar que a idéia nascida no Aulu’s frutificou, que o grupo de Sergipe já marca indelevelmente sua presença no campo acadêmico da Educação Física no Nordeste e do Brasil. Vontade, aliás, não falta, mas um prefácio é apenas um prefácio, precisa saber, pois, o seu lugar. Assim, antes que eu me alongue demasiadamente, vou encerrando por aqui, não sem antes, porém, registrar meu agradecimento aos amigos organizadores da obra, pela honra que me concederam ao me convidar para escrever essas palavras iniciais.

Tenho certeza de outras publicações desse “time” logo virão, porque o trabalho dos pesquisadores do LaboMidia/UFS está só começando. Certamente, o próprio campo de estudos que a Orla de Atalaia representa está longe de se esgotar, carecendo inclusive

de abordagens interdisciplinares, que investiguem, por exemplo, sua importância para o turismo e a rede hoteleira ali instalada, as manifestações artístico-culturais que acontecem no espaço dos shows, os roteiros de mobilidade urbana da população da região metropolitana de Aracaju para desfrutar daquele espaço privilegiado, as interfaces possíveis com a educação ambiental, etc.; tudo isso está a indicar a necessidade de aproximação do Labomídia/UFS a outros pesquisadores da universidade.

Aguardemos, pois!

Giovani De Lorenzi Pires

LaboMídia/UFS

Florianópolis, Ilha da Magia, setembro/2011.

APRESENTAÇÃO

A presente obra constitui-se numa análise inicial da pesquisa “PROJETO ORLA: análise dos espaços e equipamentos de esporte e lazer da praia de Atalaia em Aracaju/SE e de suas formas de uso/ocupação”, desenvolvida entre 2010 e 2011 por pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe (UFS) ligados ao Grupo de Pesquisa “LaboMídia – Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva” (Núcleo UFS) e demais colaboradores. O desenvolvimento do estudo contou com apoio financeiro da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer do Ministério do Esporte, obtido através da seleção por chamada pública no edital 01/2009 da Rede Cedes.

Em Aracaju, Sergipe, a nova Orla da Praia de Atalaia se constitui em um cartão postal da cidade. Reformulada com diversos equipamentos para as práticas esportivas e de lazer, configura-se como um local “ideal” no tocante às opções de lazer para os aracajuanos e sergipanos, bem como para os turistas que visitam a cidade.

Este espaço é considerado atualmente uma das mais belas e equipadas orlas do país, sendo totalmente preparado para o turismo, o lazer e o entretenimento. Com 6 km de extensão, tem iluminação para uso noturno, espaços culturais e um complexo de bares e restaurantes. Possui equipamentos de ginástica, banheiros, ciclovia com mais de 5 mil metros de extensão, parques infantis, passarelas de acesso ao mar, espaço tenístico com 12 (doze) quadras, espaço de vôlei de praia, campo de futebol de areia e futebol *society*, parede de escaladas, complexo de esportes radicais com rampas de *skate*, estacionamentos com capacidade para 1.359 automóveis, além de um Centro de Arte e Cultura de Sergipe com 1.610 m², que abriga 48 boxes. O espaço dispõe ainda de bancas de revistas, refletores de luz, telefones públicos, placas de informações, fontes luminosas, delegacia para turista, lagos, rede hoteleira, monumentos históricos, pista de *Motocross* e Kartódromo, entre outras¹.

Apesar da Orla de Atalaia constituir-se como um espaço eminentemente público, diferentes equipamentos de esporte e lazer encontram-se marcados pela lógica da privatização, a exemplo das quadras de tênis, do Kartódromo, o Oceanário (mantido pelo Projeto Tamar), a pista de *Motocross*, a própria praça de eventos (que costuma abrigar quase que semanalmente eventos musicais pagos) e outros, que são administrados por entidades privadas. Diante de tal fato, parte da população local encontra dificuldade de acesso a bens e práticas situadas na Orla, devido a cerceamentos econômicos ou pela ausência de políticas públicas atentas às necessidades sociais de transporte, segurança pública, manutenção dos equipamentos etc.

Destas constatações iniciais elaboramos o “Projeto Orla”, uma proposta de estudo sobre a infraestrutura, ocupação e acessibilidade dos equipamentos de esporte e lazer da Orla de Atalaia, em Aracaju, visando identificar pontos que possam sugerir melhoria da qualidade do serviço oferecido à sociedade, especialmente pelo setor público. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu a partir de três eixos centrais: 1. O levantamento e a análise dos equipamentos de esporte e lazer situados na Orla de Atalaia (suas condições estruturais e acessibilidade); 2) As competições esportivas que ocorrem na orla; 3) Identificação e análise dos grupos (“tribos”) frequentadores da Orla

¹ Informações extraídas do site: <http://www.orladeatalaia.com.br>

(grupos sociabilizadores que se organizam e usufruem a partir de interesses específicos e particulares em relação às suas práticas esportivas, corporais, culturais e de lazer)².

Entendemos que para o administrador público é importante que existam estratégias para identificar e mapear a infraestrutura dos espaços e equipamentos de esporte e lazer e as formas de ocupação, a fim de que seus esforços, no sentido da abrangência do acesso e da qualidade da infraestrutura, possam ser reorientados quando necessários.

Muitas vezes, o processo de mapeamento e identificação dos espaços públicos de esporte e lazer, bem como de seus usos, é negligenciado, isso se pensarmos no Brasil como um todo, mas especialmente no nordeste do país, onde a carência de efetivas ações no âmbito das políticas de lazer é mais acentuada, seja pelas condições políticas historicamente consolidadas, ou, no caso do litoral, pelo fato dos espaços naturais, tais como as praias, serem tomadas como referência de garantia de oferta/acesso ao lazer para população. Esse último fato pode ser um dos pontos nevrálgicos que justificam as ausências de investimento no lazer público, desconsiderando que questões socioeconômicas estão também diretamente relacionadas ao acesso a esses bens naturais, especialmente da população mais carente.

A realização de estudos de mapeamento e análise de espaços e equipamentos de esporte e lazer articulados às perspectivas de desenvolvimento de políticas públicas, embora seja uma tendência crescente na realidade brasileira, ainda necessita de ampliações. Poderíamos dizer que tal necessidade torna-se mais enfática quando falamos da realidade do nordeste do país e, especialmente, do estado de Sergipe, territorialmente o menor estado da federação.

Por este motivo buscamos sistematizar, inicialmente nesta obra, uma análise que aponte as carências e necessidades para a melhoria do acesso ao esporte e ao lazer público na Orla de Atalaia. Para tal, os dados obtidos no estudo foram organizados em quatro artigos/capítulos, sendo os dois primeiros e o último escritos por autores/pesquisadores do LaboMídia/UFS, já o terceiro capítulo trata-se de uma bela parceria com um pesquisador colaborador da UFS que também voltou seus olhos para os estudos da Orla de Atalaia em temática específica.

O primeiro artigo, denominado “*Os Equipamentos de Esporte e Lazer da Orla de Atalaia*”, apresenta e analisa criticamente a infraestrutura dos equipamentos de esporte e lazer da Orla de Atalaia em Aracaju/SE, identificando as condições de manutenção, acesso e uso a partir de observações dos pesquisadores e de entrevistas com os sujeitos frequentadores deste espaço.

Em seguida temos o artigo “Investigando a Ocupação das ‘Tribos’ nos Equipamentos de Lazer da Orla de Atalaia em Aracaju/SE”. O texto aborda quem são os grupos sociais da Orla e quais os interesses desses grupos em relação ao lazer e aos equipamentos disponíveis nesse espaço. Considerando a existência de grupos sociais que possuem as características de “tribo”, no sentido sociológico contemporâneo, este estudo revela as múltiplas formas de socialização e as relações de pertencimento/identificação que se estabelecem nas práticas de lazer de Orla de Atalaia.

² O Projeto enviado ao Edital 01/2009 da Rede Cedex/Ministério do Esporte enfatiza a pesquisa a partir dos eixos “1” e “3”, pois o eixo 2 já estava em desenvolvimento. A partir do eixo “2” foi desenvolvida uma pesquisa que analisou a cobertura jornalística da Copa Petrobrás de Tênis, trabalho este, tornado público em diversos eventos científicos como SBPC, Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte (2008), Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (2009) entre outros e publicado no livro Educação Física e Sociedade: Temas emergentes, Vol. III/UFS/2009. Na presente obra contamos com uma última versão desse texto preparada especialmente para integrar esse projeto.

Já no terceiro texto, “*Acessibilidade e Possibilidades de Lazer: A Pessoa com Deficiência como Foco de Análise*”, o leitor encontrará uma investigação à luz das leis específicas que garantem o acesso ao lazer para as pessoas com deficiência, bem como os obstáculos encontrados em sua real aplicabilidade nos equipamentos da Orla, o que termina privando/excluindo estas pessoas desse direito.

Por fim, no quarto capítulo, temos uma análise da cobertura jornalística na mídia impressa a respeito de um importante evento esportivo realizado na Orla de Atalaia, a Copa Petrobras de Tênis. Um fechamento que nos permite identificar alguns dos significados contemporâneos da Orla de Atalaia através das narrativas midiáticas.

Acreditamos que a composição de uma obra como esta seja o ponto de partida para consolidação de um diálogo aberto, crítico, rigoroso e efetivo entre o Poder Público, a Universidade, a Sociedade e as demandas sociais contemporâneas no tocante ao esporte e lazer, bem como, contribuir para uma (re)visão crítica das políticas em andamento ou a serem empreendidas na cidade de Aracaju, como capital dos sergipanos e como capital nordestina que deseja atrair mais turistas (principalmente com o *slogan* já veiculado nacionalmente de “capital nordestina de melhor qualidade de vida”). Com isto, caro leitor, esperamos que este estudo não só simbolize o debate acerca destas questões, mas, sobretudo, possa ampliar/melhorar as condições de acesso ao lazer na Orla de Atalaia, a partir de ideais democráticos e da cidadania plena que atendam aos interesses populares. O debate está aberto!

Os organizadores,

*Diego de Sousa Mendes
Sérgio Dorenski D.Ribeiro
Cristiano Mezzaroba*

ARTIGO 1

OS EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER DA ORLA DE ATALAIA

Diego de Sousa Mendes

Sérgio Dorenski Dantas. Ribeiro

Cristiano Mezzaroba

Aliomar de Carvalho Santos

Paula Aragão

Luciana Carolline P. Garcia

Tamires Santos Oliveira

Silvan Menezes dos Santos

A ORLA DE ATALAIA E SEUS EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER COMO PROBLEMÁTICA DE PESQUISA: NOTAS INICIAIS

Considerando a problemática da urbanidade na contemporaneidade, especialmente no que se refere às possibilidades de lazer nas cidades brasileiras, nos empreendemos em um estudo que buscou investigar as condições estruturais de um dos principais espaços de esporte e lazer do Estado de Sergipe, a Orla de Atalaia, na cidade de Aracaju.

A capital de Sergipe, Aracaju, é uma cidade localizada no litoral do país, com cerca de 571.149 habitantes, de acordo com o Censo Populacional de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹. Segundo os dados oficiais é a capital com menor desigualdade da região Nordeste do Brasil² e estimada como uma das cidades com hábitos mais saudáveis do país, segundo Ministério da Saúde³. Em partes, a conquista desses títulos se deve a investimentos públicos em diversos espaços e equipamentos de lazer distribuídos ao longo da cidade. Nesse panorama, a nova Orla da Praia de Atalaia é sem dúvida um dos espaços centrais dos investimentos em esporte e lazer na cidade de Aracaju/SE, sendo, antes de tudo, o principal ponto turístico da capital. É neste espaço, com cerca de 6 km de extensão, que se encontra uma vasta quantidade de equipamentos de lazer destinado aos mais variados públicos frequentadores da Orla, atendendo aos interesses específicos dos diversos grupos sociais, desde crianças até idosos, passando por grupos familiares, visitantes ou moradores de região metropolitana.

Contudo, apesar de toda relevância social deste espaço para a população aracajuana no tocante ao lazer, são poucos os estudos sobre o local, especialmente com ênfase nas análises sobre os equipamentos de esporte e lazer, suas estruturas físicas, materiais, condições de acesso, segurança, manutenção, entre outros, com vistas à melhoria das Políticas Públicas neste setor. A realização de estudos de mapeamento e análise de espaços e equipamentos de esporte e lazer articulados às perspectivas de desenvolvimento de políticas públicas, embora seja uma tendência crescente na realidade brasileira, ainda necessita de ampliações. Poderíamos dizer que tal necessidade torna-se mais enfática quando falamos da realidade do nordeste do país e, especialmente, do estado de Sergipe. A composição de pesquisas com tais características é o ponto de partida para consolidação de um diálogo aberto e rigoroso entre o poder público e as demandas sociais contemporâneas no tocante ao esporte e lazer.

Diante desse fato, realizamos esse estudo com o objetivo de identificar e analisar os espaços e equipamentos públicos de esporte e lazer na Orla da praia de Atalaia, bem como suas condições estruturais e repercussão no campo do acesso e possibilidades de uso desses pela população.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

¹ <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=se>

² <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=se>

³ Em matéria divulgada no programa Globo Repórter, da emissora Rede Globo, foi divulgado que, segundo pesquisa do Ministério da Saúde, Aracaju ficou em primeiro lugar no ranking das capitais mais saudáveis do país. A matéria pode ser vista no seguinte endereço eletrônico: <http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-19547-3-319428,00.html>

No tocante aos aspectos metodológicos, este estudo parte da perspectiva Descritiva de pesquisa, numa abordagem Qualitativa. Tem por característica a descrição interpretativa dos sujeitos e das situações envolvidas com o máximo de abrangência e detalhamento sobre os fatos e fenômenos investigados. Seu foco essencial está em conhecer os traços característicos do objeto, as pessoas envolvidas, o espaço, os valores, os problemas etc. (TRIVIÑOS, 1987).

A coleta de dados foi realizada por meio de observação direta do espaço da Orla de Atalaia e seus equipamentos de Esporte e Lazer durante um período de seis meses, Maio à Outubro de 2010. Devido à extensão do campo de pesquisa, a Orla foi dividida estratégica/didaticamente em três setores/regiões (Região Norte/ Região Central/ Região Sul) de 2 km, aproximadamente, e os pesquisadores divididos em três subgrupos, cada qual responsável pela observação de um setor/região. As observações foram feitas de maneira assistemática, de acordo com a disponibilidade de horário dos pesquisadores, sendo garantido, no entanto, em cada setor, observações repetidas em turnos distintos (diurno e noturno), bem como em dias úteis e finais de semana, considerando que supostamente os horários de maior fluxo na Orla de Atalaia são pela noite e aos finais de semana.

Além das observações, foram aplicados questionários com questões fechadas a uma parte da população de frequentadores da Orla de Atalaia, totalizando uma amostra composta por cento e cinquenta e uma (151) pessoas. A aplicação desse questionário foi realizada de maneira aleatória em toda extensão da Orla durante o período de um mês, considerando a disponibilidade de dias e horário dos pesquisadores e bolsistas envolvidos no trabalho. Tratou-se, portanto, de uma amostragem não-probabilística do tipo a esmo ou sem norma. Esse é o tipo de amostragem em que o amostrador, para simplificar o processo, procura ser aleatório sem, no entanto, realizar propriamente o sorteio ou algum outro tipo de dispositivo aleatório confiável, sendo utilizado nesse caso como critério de seleção o período temporal de um mês.

O registro das observações dos equipamentos da Orla de Atalaia foi realizado a partir do uso de diário de campo e registro de imagens com máquina fotográfica digital. Já para o tratamento dos dados, todos os elementos dos diários de campo (construído por cada pesquisador/observador) foram digitalizados, utilizando o *software Microsoft Word*, versão 2007 e submetidos à análise interpretativa. Já a quantificação dos questionários foi realizada no *software Microsoft Excel*, versão 2007.

OS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER SITUADOS NA PROBLEMÁTICA DA URBANIDADE

A realização de estudos de mapeamento e análise de espaços e equipamentos de esporte e lazer articulados às perspectivas de desenvolvimento de Políticas Públicas, embora seja uma tendência crescente na realidade brasileira, ainda necessita de ampliações. A composição de pesquisas com tais características é o ponto de partida para consolidação de um diálogo aberto e rigoroso entre o poder público e as demandas sociais contemporâneas referentes ao esporte e lazer.

Conforme aponta Pinto *et al.* (2008), a partir dos anos de 1980 a produção acadêmica sobre o lazer nos cursos brasileiros de Educação Física foi vastamente ampliada, “sendo criados inúmeros Grupos de Estudos, criados Bacharelados em Lazer no nível de graduação, realizados vários cursos de especialização lato sensu, incluídas linhas de pesquisa em Lazer em Cursos de Mestrado e , atualmente, criado o Mestrado –

stritu sensu – em Lazer na UFMG” (p.50). Esse fato trouxe desdobramentos também para a produção acadêmica vinculada aos estudos de infraestrutura de esporte e lazer. Os estudos que se situam nessa linha começam a surgir no cenário nacional com maior frequência nos últimos anos da década de 1990 e ao longo dos anos iniciais do sec. XXI.

Para darmos início a esta discussão, julgamos procedente compreender a problemática dos espaços e equipamentos de lazer na contemporaneidade a partir de um olhar sobre o processo de urbanização. Para Henri Lefebvre (1991)⁴, filósofo e sociólogo francês, em sua obra “O direito à cidade”, a industrialização é um ponto marcante para a apresentação da problemática urbana. O autor aponta que a cidade precede o processo de industrialização, mas esse marca definitivamente a configuração e a lógica urbana.

A organização social das cidades se transforma com a industrialização e o capitalismo, tornando-se lugar de produção e acumulação de bens materiais, bem como de riquezas, conhecimentos, técnicas e obras. Os centros urbanos passam a ser ocupados em grande escala por massas migratórias que abandonam o campo em busca das promessas da vida moderna nas cidades. Os centros das cidades se configuram como espaços comerciais e de oferta de bens e serviços, agregando ao seu redor a burguesia, bem como comerciantes emergentes. É também no centro das cidades que se localizam os espaços de cultura e arte. Isoladas dos centros comerciais, os trabalhadores e recém-chegados se aglomeram nas periferias das cidades, consolidando os bolsões de pobreza e caoticidade urbana. As indústrias inicialmente se instalam também nas periferias das cidades e não necessariamente junto aos bairros do operariado.

As cidades, após o processo de industrialização, para Lefebvre (1991), mantêm dialeticamente *valor de uso* (marca característica do que ele chama de “obra”) e *valor de troca* (marca característica do “produto”). O *valor de troca*, aos poucos, contamina a lógica das cidades e de seus espaços, transformando-os em lugar de consumo. Os parques, os centros de cultura e arte, tudo passa a ser pensando em função do consumismo. Surge, então, o que Lefebvre (1991) denomina de áreas ou núcleos, demarcações específicas nos centros urbanos que sobrevivem apenas pelas qualidades estéticas ou possibilidade de lazer: monumentos, espaços para festas, diversão etc.

O núcleo urbano torna-se assim produto de consumo de uma alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas oriundas da periferia, suburbanos. Sobrevive graças a esse duplo papel: lugar de consumo e consumo do lugar. (LEFEBVRE, 1991, p. 17)

A racionalidade, típica da época, representada pela organização centralizadora do poder na figura do Estado se vê diante da necessidade de tentar (re)organizar as cidades em prol da higienização social (leia-se divisão de classes) e reordenação dos centros urbanos. Segundo Pellegrini (1999, p. 26), “as classes dirigentes ou dominantes criam estratégias para remanejar a cidade, que são essencialmente estratégias de classe”. A autora cita como exemplo o caso da reforma urbanística de Paris, no século XIX, em que foram construídos os famosos *boulevards*, amplas avenidas e espaços vazios que varreram as massas populares das regiões de circulação urbana burguesa. Surge na mesma época em Paris, os *habitats*, moradias populares que atendiam a um conceito funcional e abstrato e que geraram uma periferia desurbanizada e dependente da cidade.

⁴ A versão original data de 1969.

Essa lógica de urbanismo dos séculos iniciais do período moderno fez incorporar a noção do *habitats* às cidades. Os espaços urbanos foram sendo preenchidos pela especulação imobiliária, enquanto os espaços para encontros, para festas e agremiações populares foram sendo subsumidos ou condicionados a segundo plano.

A cidade contemporânea guarda em grande parte traços de sua edificação moderna, seja no que se refere à sua arquitetura, ou mesmo quanto à racionalidade que a subjaz. Deste modo, o aumento demográfico populacional presente nas cidades modernas não foi acompanhado do desenvolvimento de infraestrutura adequada, gerando abismos sociais, divisões territoriais entre os centros concentradores de benefícios e a escassez de recursos nas periferias, além de descompassos no que se refere à existência, concentração e possibilidade de acesso aos espaços e equipamentos de lazer⁵ (MARCELLINO, 2007).

O processo de valorização da cidade enquanto produto diluiu seu *valor de uso*, especialmente no que se refere às perspectivas de encontros humanos, supervalorizando suas potencialidades econômicas, constituindo-a em mais uma mercadoria. Nessa condição, a especulação imobiliária passou a investir numa expansão vertical das cidades, supervalorizando as áreas centrais, que normalmente possuem pouco espaço para construção civil e estimulando o crescimento horizontal. De um lado o poder público é colocado cada vez mais à parte da construção de equipamentos públicos de lazer, dando espaço aos empreendimentos privados, de outro, o aumento da malha urbana dificulta a extensão de recursos às regiões mais afastadas.

Como consequências gerais, temos o isolamento entre os habitantes e desses com a cidade, gerando uma crescente ética individualista. Para Zygmunt Bauman, o indivíduo é o pior inimigo da cidadania e, portanto, das decisões que afetam diretamente a vida da cidade.

O ‘cidadão’ é uma pessoa que tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade - enquanto o indivíduo tende a ser morno, cético ou prudente em relação à ‘causa comum’, ao ‘bem comum’, à ‘boa sociedade’ ou à sociedade justa’. (BAUMAN, 2001, p.44)

Nesse contexto, o cidadão (individualista) cada vez mais é privado ao acesso aos bens de lazer, ou, então, se vê exposto às “opções” que impõe restrições à parte da população por questões econômicas, como nos casos dos *shoppings*. Marcellino (2007, p. 18) lembra que os equipamentos urbanos de lazer, muitas vezes são assumidos pela iniciativa privada apenas como empreendimentos para atrair o consumidor. “As possibilidades oferecidas em termos de lucro são os critérios levados em conta para a construção e manutenção em funcionamento dos equipamentos de lazer”.

No entanto, compactuamos com Padilha (2003) que os equipamentos de esporte e lazer não podem ser vistos apenas da perspectiva do mercado, devendo ser considerados em suas múltiplas possibilidades de significados, permitindo um lazer público e irrestrito à população. Desta maneira, nas Políticas Públicas voltadas ao lazer é preciso considerar a integração de uma rede de equipamentos específicos e não específicos, conforme sugere Requixa (1980):

⁵ Nesse estudo, consideramos os conceitos de espaço e equipamento de lazer distintamente. Segundo Santini (1993), os *equipamentos* se referem aos objetos que organizam um determinado espaço em função de determinada atividade, enquanto o *espaço* é entendido como o suporte territorial/geográfico para os equipamentos. Assim, “conclui-se que é possível se exercer atividades de lazer sem um equipamento, mas não é possível o lazer sem a existência de um espaço” (MARCELLINO, 2007, p. 15-16).

Como equipamentos não específicos entende os que, na origem, não foram construídos para a prática das atividades de lazer, mas que depois tiveram sua destinação específica alterada, de forma parcial ou total, criando-se espaços para aquelas atividades. [...] Entre esses equipamentos não específicos estão: o lar, a rua, o bar, a escola, etc. Já os equipamentos específicos são construídos com essa finalidade, podendo ser classificados pelo tamanho, atendimento aos conteúdos culturais, ou outros critérios. (REQUIXA, 1980 apud MARCELLINO, 2007, p. 16).

Deste modo, pensamos que para as cidades hodiernas deve haver uma Política de Estado, inter-setorial (considerando a educação, saúde, esporte etc.), para o âmbito do lazer, que considere, além da construção e manutenção de equipamentos de esporte e lazer, possibilidades de gestão participativa e popular, políticas de acessibilidade e auto sustentabilidade, de organização urbana, de redução do tempo de trabalho etc., numa perspectiva, portanto, ampliada de Política Pública.

LAZERANIA: UMA POSSIBILIDADE AMPLIADA PARA ABORDAGEM DO LAZER

A perspectiva da lazerania apontada por Mascarenhas (2004) tem como preocupação central localizar o lazer no escopo mais amplo das transformações sociais em curso no mundo do trabalho, centrando-se nas determinações que atravessam a esfera política, especialmente, aquelas relativas à desintegração dos direitos sociais, em que o lazer pode se prestar à educação/formação para a cidadania. Segundo o autor,

A ideia de “lazerania”, ao mesmo tempo em que procura expressar a possibilidade de apropriação do lazer como um tempo e espaço para a prática da liberdade, isto é, para o exercício da cidadania, busca traduzir a qualidade social e popular de uma sociedade cujo direito ao lazer tem seu reconhecimento alicerçado sobre princípios como planificação, participação, autonomia, organização, transformação, justiça e democracia, deixando de ser monopólio ou instrumento daqueles que concentram o poder econômico. (MASCARENHAS, 2004, p. 74-75)

Neste âmbito, o conteúdo lazer não é entendido apenas em sentido estrito, como um bem em si próprio, ao contrário, a lazerania considera o tema em suas inter-relações com as condições históricas, sociais e políticas do contemporâneo, bem como sua relação no contexto de produção capitalista. O conteúdo lazer assume características mais amplas e desafiadoras, para além de uma perspectiva frívola, de manutenção da lógica produtivista e reificadora do capital. Assume-se, portanto, o trato com o lazer em um âmbito educativo e, neste sentido, tencionador dos nexos causais que arrogam este objeto à forma de mercadoria.

O objetivo, neste caso, consiste em buscar consolidar no âmbito do lazer um espaço significativo de formação para a cidadania, especialmente no que toca a mobilização e conscientização popular rumo a uma nova direção política, ao diálogo com saberes, habilidades, métodos, estratégias, experiências dos sujeitos sociais, a fim de que estes reivindiquem direitos, reconheçam determinações e reclamem transformações no tocante a esfera do lazer público, considerando especialmente aqui os elementos referentes aos espaços e equipamentos públicos de esporte e lazer da Orla de Atalaia.

Isto implica em um projeto de esclarecimento crítico em relação aquilo que Adorno e Horkheimer (1985) classificaram como uma domesticação cultural do tempo livre, devido à consolidação da indústria cultural. Segundo estes mesmos autores, a indústria cultural teria como objetivo a determinação, de antemão, de tudo aquilo que os indivíduos devem fazer, ler, consumir e, até mesmo, sentir em seus momentos de lazer (e não só nestes), conforme se vê na passagem abaixo:

Aquilo que em geral e sem mais se poderia chamar de cultura, queria, enquanto expressão do sofrimento e da contradição, fixar a ideia de uma vida verdadeira, mas não queria representar como sendo vida verdadeira a simples existência e as categorias convencionais e superadas da ordem, com as quais a indústria cultural a veste, como se fosse a vida verdadeira e essas categorias fossem a sua medida (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 97).

Com isto, os autores pressupõem que a cultura passa a significar a afirmação da realidade existente, pura e simplesmente, sem qualquer referência à dimensão ambígua presente em si, ou seja, à injustiça e à dominação nela presentes.

Neste bojo, a produção capitalista da cultura “tem a função de ocupar o espaço de lazer que resta ao operário e ao trabalhador assalariado depois de um longo dia de trabalho, a fim de recompor suas forças para voltar a trabalhar no dia seguinte sem lhe dar trégua para pensar sobre a realidade miserável em que vive” (FREITAG, 1990, p.72).

Exatamente por este motivo é que o conceito de lazerania vem se comprometer com o direito ao lazer em uma perspectiva emancipatória, buscando a superação das condições materiais do desenvolvimento de atividades de lazer circunscritas “nas lógicas assistencial e emergencial inerente aos ditos programas de ‘lazer-solidário’ ou ‘lazer-filantrópico’, em sua maioria ancorados em ofertas empobrecidas de ‘mercolazer’” (MASCARENHAS, 2004, p. 86).

Portanto, considerando-se este contexto, o que se procura consolidar são práticas de lazer autênticas, desvinculadas de interesses comerciais ou fortemente atreladas à cultura produtivista da sociedade hodierna, em que a própria produção do prazer se encontra intimamente relacionada às condições aquisitivas dos indivíduos, às perspectivas individualizantes e ao consumo como princípio para o entretenimento. Acreditamos que este deva ser o alicerce para a conjugação das propostas de Lazer no âmbito das Políticas Públicas contemporâneas.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir do cruzamento dos dados obtidos nos questionários com os registros das observações de campo, elencamos uma série de características que transpassam os equipamentos de esporte e lazer da Orla de Atalaia, considerando seus 6 km de extensão. Os primeiros dados que se seguem são referentes à caracterização dos sujeitos que participaram da pesquisa por meio dos questionários, seguido da apresentação e análise dos equipamentos de esporte e lazer mapeados pelo estudo.

Os Sujeitos da Pesquisa

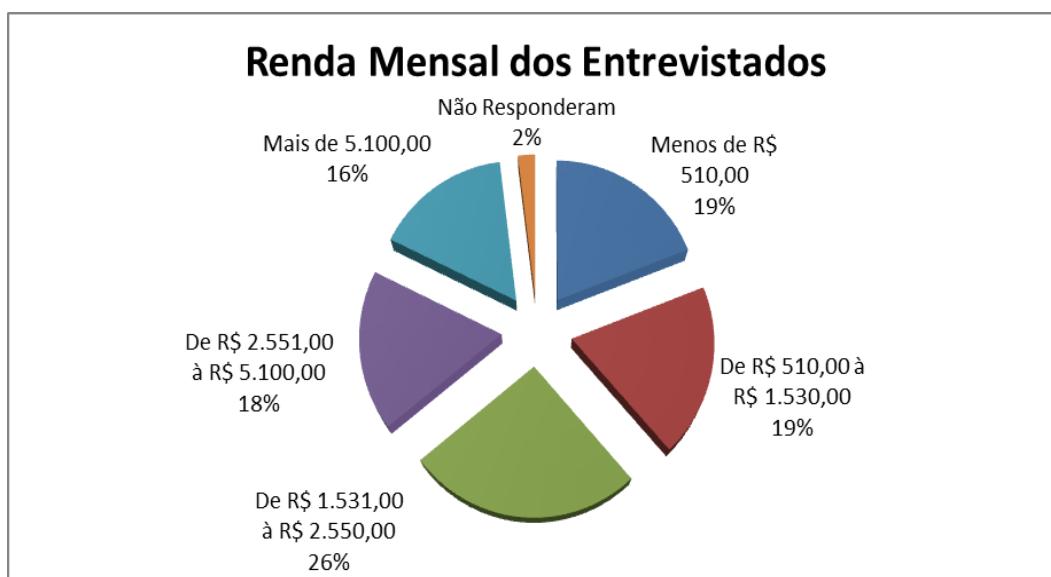
A maior parte das pessoas que responderam aos questionários tem idade entre 15 e 30 anos, embora tenhamos abordado desde crianças até idosos (conforme o Gráfico 1), sendo 64% do sexo masculino e 36% do sexo feminino. A maioria absoluta eram moradores da cidade de Aracaju (92%) e apenas 8% residiam em cidades próximas, na região metropolitana da capital.

Gráfico 1 – Idade dos participantes do questionário.



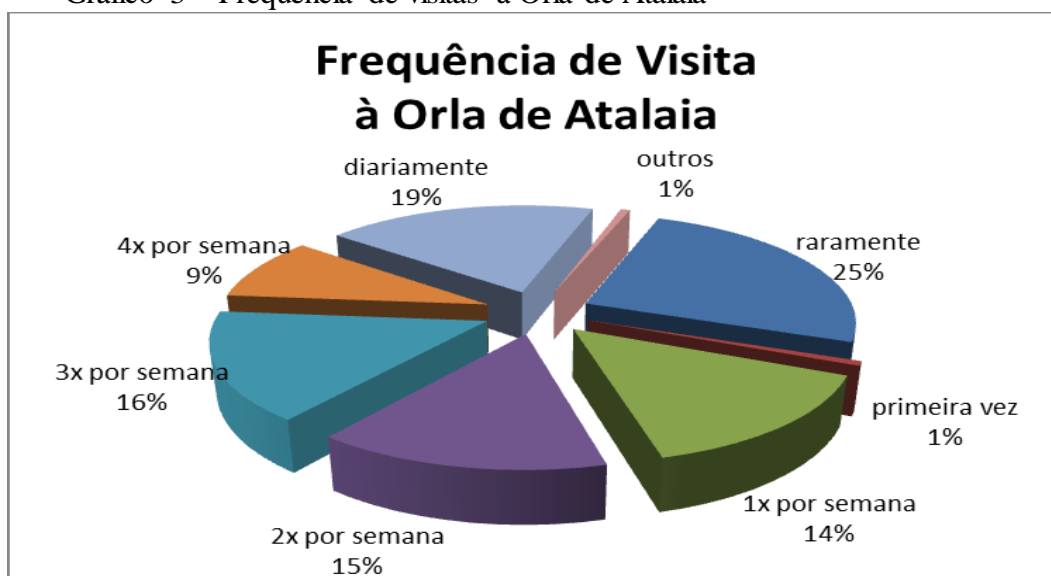
Com relação à condição financeira dos entrevistados, pudemos perceber que circulam pela Orla pessoas de diferentes classes sociais. A maior parte dos entrevistados podem ser considerados de classe média, uma vez que 44% possuem renda entre R\$ 1.531,00 e 5.100,00 reais (valores baseados no salário mínimo de 2010, que equivalia a R\$ 510,00 reais - de acordo com a Medida Provisória nº 474/2009, de 24.12.1009). Contudo, 19% do público respondeu ter renda menor do R\$510,00 reais mensais e, ainda, 16% possuíam renda maior do que R\$ 5.100,00 reais, demonstrando que a Orla é frequentada também por pessoas com renda inferior ao salário mínimo dos brasileiros e por grupos que gozam rendas consideradas altas para os padrões do país.

Gráfico 2 – Renda mensal dos participantes dos Questionários



O público investigado nos questionários tinha hábitos de frequência à Orla de Atalaia variados. Cerca de 25% disseram frequentar os equipamentos de lazer da Orla raramente, apenas em situações ocasionais e sem periodicidade. Outros 20% (aproximadamente) frequentavam diariamente. E 45% é o percentual somado daqueles que frequentavam entre uma vez e três vezes na semana.

Gráfico 3 – Frequência de visitas à Orla de Atalaia



Mas afinal, esse público frequentador da Orla de Atalaia e os demais integrantes da população aracajuana e região metropolitana encontram que tipos de equipamentos de Esporte e Lazer a sua disposição nesse espaço? E mais, em que condições esses equipamentos se apresentam em termos de infraestrutura? Para respondermos a essa pergunta buscamos sistematizar os dados obtidos nas observações realizadas na Orla e que nos permitiram mapear os equipamentos de esporte e lazer presentes nesse espaço, seja em quantidade ou mesmo em qualidade, apresentando suas características gerais.

Os Equipamentos de Esporte e Lazer da Orla de Atalaia

As observações de campo nos permitiram identificar um total de 52 equipamentos específicos de esporte e lazer, de 21 tipos diferentes, ao longo dos 6 km de extensão da Orla de Atalaia (conforme o gráfico abaixo), o que mostra certa diversidade de opções no oferecimento de práticas de esporte e lazer em toda sua extensão.

Gráfico 4 – Equipamentos de Esporte e Lazer da Orla de Atalaia

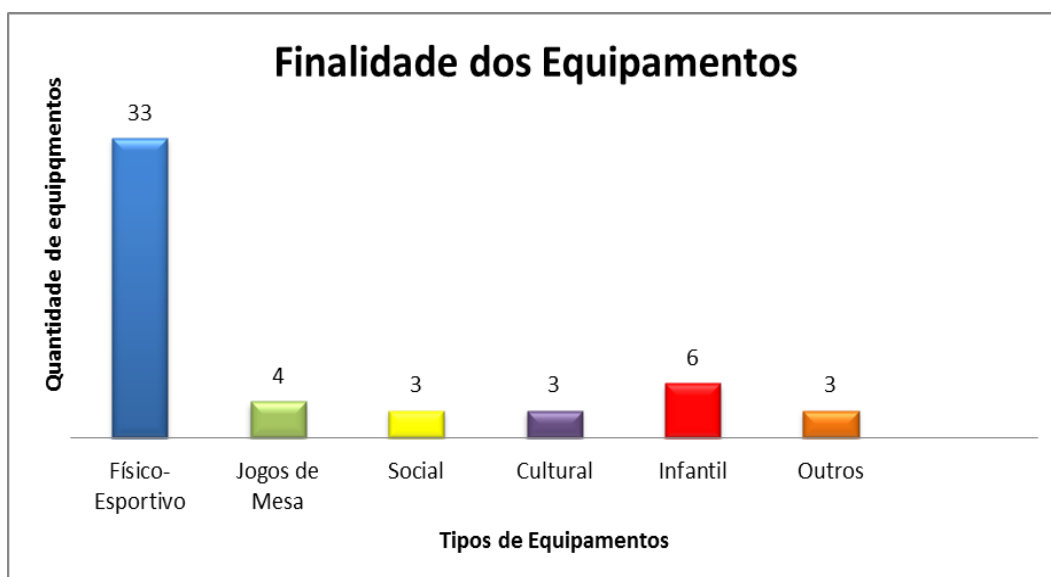


Todos estes equipamentos foram organizados/agrupados em seis (6) categorias, de acordo com as funções as quais são destinados, sendo elas:

- **Cultural** – se refere a equipamentos que têm como função o fomento, a produção e a divulgação da cultura, tal como galeria de arte, espaços destinados a artesanatos, Oceanário etc.;
- **Físico-Esportivo** – equipamentos destinados às diferentes práticas corporais, esportivas ou não, como caminhadas, ginástica, futebol, vôlei, basquete, tênis etc.;
- **Infantil** – equipamentos voltados ao público infantil, a exemplo dos parques;
- **Jogos de Mesa** – equipamentos destinados a jogos de tabuleiros, de cartas, dominó, dama, xadrez etc.;
- **Social** – estruturas destinadas à sociabilidade ou ao convívio social, tal com salão de dança e boate;
- **Outros** – equipamentos que não foram enquadrados em nenhuma das demais categorias, à exemplo da pista de aeromodelismo, *lan house*, entre outros.

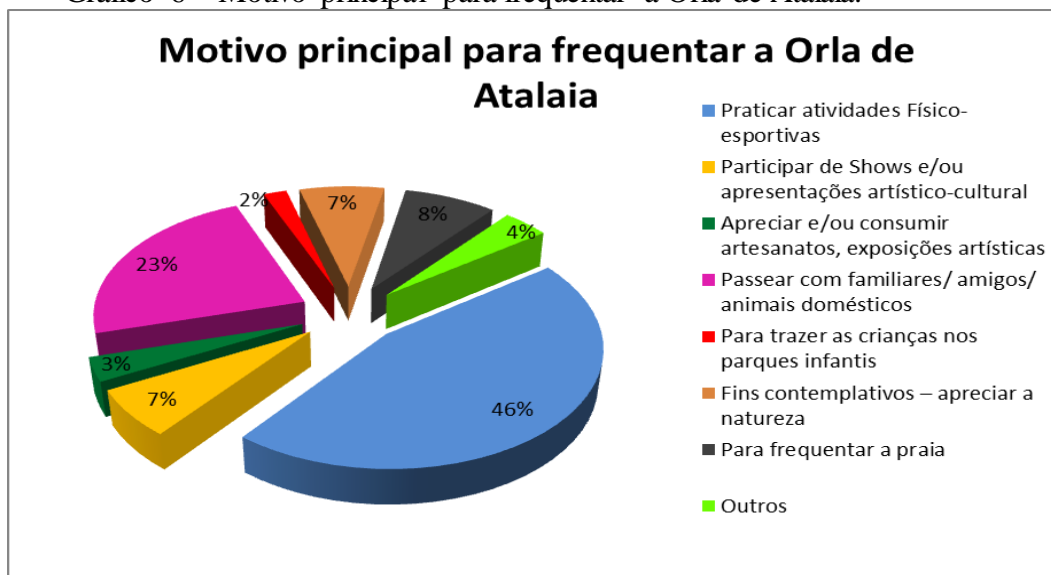
A pesquisa, com os dados acima, revela que a maior parte dos equipamentos da Orla de Atalaia, em Aracaju/SE, destinam-se às atividades Físico-Esportivas. Cerca de 63,5% dos equipamentos de toda Orla são destinados a essas atividades. Logo em seguida temos os equipamentos voltados à categoria Infantil, com aproximadamente 11,5%. As demais categorias possuem menos de 10% dos equipamentos presentes na Orla de Atalaia.

Gráfico 5 – Finalidade dos Equipamentos da Orla de Atalaia



Esses dados sobre os equipamentos de esporte e lazer, quando cruzados com as respostas obtidas nos questionários, revela que há uma íntima ligação entre aquilo é disponibilizado à população (enquanto estrutura material e física) e os anseios dessa, especialmente no que se refere às práticas esportivas. Isto porque, ao serem questionados sobre o principal motivo pelos quais frequentavam a Orla de Atalaia, a maior parte dos entrevistados, 46%, optou pela resposta “Praticar atividades físico-esportivas”.

Gráfico 6 – Motivo principal para frequentar a Orla de Atalaia.



Equipamentos Físico-Esportivos

A ênfase em equipamentos de caráter Físico-Esportivo pode advir de certa tradição consolidada no campo das Políticas Públicas de lazer focada em ações de construção de praças e/ou quadras esportivas (em muitos casos, uma única quadra “poliesportiva”) como tipos-ideais de equipamentos para a cidade ou a população. Isto

se deve em parte à compreensão, no plano do senso comum, dos políticos administradores de nossas cidades – bem como da maioria da população – de que “lazer” se resume à ocupação do tempo de “não trabalho” da população trabalhadora.

A prática esportiva como principal atividade de lazer é tradicionalmente aceita e tem raízes nas origens burguesas do esporte moderno. Conforme Proni (2002), o esporte, da maneira como o entendemos atualmente, tem sua origem na Inglaterra, tendo existido desde o século XVIII, a partir da Revolução Industrial. Nasceu, portanto, com a sociedade industrial, o que o torna inseparável em relação a sua estrutura e funcionamento junto ao sistema social que o gerou. Assim, o esporte foi se estruturando e se organizando de acordo com a evolução do capitalismo mundial, assumindo forma e conteúdo que refletem a ideologia burguesa.

Desde seu surgimento junto à modernidade, o esporte é praticado em clubes fechados, cultuado entre as parcelas sociais, inclusive como distintivo de classes. É nessa leva que o modelo clubístico, popularizado entre a burguesia brasileira ao longo do século XX, apostou fortemente no esporte como “carro chefe” de suas ações. Os clubes continham suas quadras de tênis e piscinas, equipamentos típicos à prática de esportes da elite. Nesse bojo, os equipamentos de lazer esportivos passam a compor o imaginário social com relativa força no tocante a associação entre esporte e lazer.

De outro lado, se o esporte é associado ao lazer pela elite, o mesmo passa a se dar entre as classes populares. Historicamente as classes dominantes empreenderam esforços no sentido de reorientar as atividades populares, oferecendo a essas camadas populacionais atividades controladas, especialmente o esporte-espetáculo, restando a função de público aos menos favorecidos (MELO e JUNIOR, 2003). Evidentemente, as classes populares nunca se restringiram única e exclusivamente a condição de público, organizando-se para conquistar espaços para suas práticas. É aqui também que se encontram esforços nas construções de quadras em bairros distantes dos centros urbanos.

Nesse contexto, é pertinente considerar o peso cultural e histórico que se segue ao entendimento do esporte como principal forma de lazer, o que certamente não escapa à lógica dos administradores públicos.

Constatamos também, por meio de nossas observações, análises e discussões que, embora a maior parte dos equipamentos de lazer da Orla de Atalaia seja de caráter Físico-Esportivo, eles contemplam ao menos três sub-tipos dessas práticas, sendo elas: *equipamentos de esportes tradicionais*; *equipamentos de esportes diferenciados*; e *equipamentos relacionados a práticas de atividades físicas* diversas, hoje em dia associadas aos pressupostos da chamada “agenda da vida saudável/estilo de vida ativo”⁶.

Tabela 1 – Sub-divisões da categoria Físico-Esportivo

| Categoria | Sub-Categoria | Equipamentos | Quantidade |
|------------------|----------------------|---------------------|-------------------|
| | Esportes | Pista de Patinação | 01 |
| | Diferenciados | Pista de Kart | 01 |
| | | Pista de Skate | 01 |
| | | Pista de Motocross | 01 |

⁶ Para uma discussão ampliada sobre o estilo de vida ativo na contemporaneidade consultar Bagrichevsky, Palma, Estevão e DaRos, na obra intitulada “*A saúde em debate na Educação Física*”, volume 2, 2006.

| | | | |
|-----------------------------------|------------------------------|--|----|
| Categoria Físico-Esportivo | | Parede de Escalada | 01 |
| | Esportes Tradicionais | Quadras Esportivas: | 20 |
| | | 12 de Tênis, | |
| | | 02 de Areia, | |
| | | 02 poliesportiva, | |
| | | 01 de futsal | |
| | | 01 de handebol | |
| | 01 de vôlei | | |
| | 01 de basquete | | |
| | | Campo Futebol Suíço | 01 |
| | Atividades Físicas | Ciclovía | 01 |
| | | Complexo com equipamentos de ginástica | 03 |
| | | Lagos com pista de caminhada | 03 |

Equipamentos de Esportes Tradicionais

A Orla de Atalaia contém 20 quadras esportivas dispostas por toda sua extensão. Na parte Norte da Orla fica o Centro Tenístico, composto por 12 quadras dessa modalidade, oportunamente na região em que se encontra a maior parte dos hotéis de luxo da Orla. Na Região Central da Orla temos uma quadra poliesportiva e um campo de futebol suíço, e na Região Sul é onde se encontra a maioria das quadras de esportes populares (como futebol, vôlei e basquete) e outra quadra poliesportiva.

As quadras de Tênis, por serem administradas pela Federação Sergipana de Tênis, estão em melhores condições estruturais que as demais, considerando que esse órgão administrativo cobra uma taxa para o uso desses equipamentos. Dessa forma, embora as condições físicas das quadras estejam em bom estado de conservação, possuindo iluminação noturna, redes em bom estado etc., as condições de acesso do público encontra barreiras financeiras.

Além do complexo tenístico pudemos constatar a existência de duas quadras poliesportivas, uma situada na Região Central e outra na Região Sul da Orla. A quadra situada na Região Central se mostrou estruturalmente bem conservada, tendo a pintura, as grades de proteção, traves, tabelas e iluminação em bom estado. Contudo, chamou a atenção o fato dessa quadra permanecer trancada durante quase todo o período de observação da pesquisa. Apenas em um fim de semana encontramos essa quadra aberta ao público. O mesmo se dá em relação ao campo de futebol suíço. Durante todo o período de observação não foi possível constatar nenhum registro desse campo estar em uso ou aberto ao público, o que nos aponta que tais equipamentos estão sendo subutilizados, permanecendo mais como elementos da “paisagem” do que propriamente democratizado em relação a seu acesso e uso. Como a utilização do campo é limitada, a

praia acaba sendo um refugio para as inúmeras peladas e outras atividades futebolísticas.

As quadras da Região Sul, apesar de contarem com danos nos portões (alguns estavam quebrados) e nas redes de proteção que impedem o escape das bolas, observaram-se boas condições nas pinturas, no assoalho de cimento e na limpeza do local. É interessante destacar a utilização efetiva das quadras de vôlei, de handebol e futsal, inclusive no período da madrugada. Foi observado que a utilização dessas quadras pela comunidade em geral é bastante significativa, destacando a presença repetitiva dos mesmos grupos nesses equipamentos, especialmente os praticantes de futsal. Observou-se, ainda, em menor frequência, o uso das quadras por grupos familiares (pais que levam seus filhos para aprender a andar de bicicleta ou até mesmo dar os primeiros passos nessas quadras), ou interessados em outras modalidades esportivas, como, por exemplo, um grupo de jovens que se reuniam nessas quadras para praticar hóquei com patins. Um dos fatores que garante maior público nessa região (Sul) é sua proximidade com o principal terminal de ônibus público da Orla, o que evidencia a íntima relação existente entre política de acesso e garantia de espaços de lazer.

Equipamentos de Esportes Diferenciados

Os esportes pouco tradicionais também têm espaço na Orla de Atalaia. Há equipamentos específicos para patinação, skate, corridas de kart e Motocross e parede de escalada. As observações revelaram que esses equipamentos encontram-se distribuídos por toda extensão da Orla com maior concentração na Região Norte, onde estão as pistas de Motocross e skate, bem como a parede de escalada. A pista de patinação está presente na Região Sul e a pista de kart na Região Central.

A pista de patinação possui uma estrutura boa, com amplo espaço, piso liso, sem buracos, adequada à prática. Falta ao local um corrimão de segurança lateral para o isolamento da pista e também para servir de apoio aos patinadores iniciantes. Constatamos que este equipamento é pouco utilizado e seu uso se dá principalmente no final das tardes e à noite, e nos finais de semana. Nesses turnos há a presença de uma empresa privada que aluga patins e oferece curso de patinação aos interessados.

A pista de skate “Cara de Sapo” – homenagem ao skatista sergipano Fabrício Santos, reconhecido no cenário nacional – é um dos maiores equipamentos esportivos do espaço da Orla e um dos únicos que é totalmente administrado e mantido pelo Estado, possibilitando o livre acesso ao público sem nenhum tipo de restrição ou taxa para sua utilização. Porém é perceptível a diferença qualitativa na logística administrativa do equipamento – os refletores que iluminam a pista de skate são bem mais fracos do que, por exemplo, os que iluminam o complexo de tênis. Ao lado da pista fica a parede de escalada, a qual a população também tem acesso livre, contudo “assusta” a falta de utensílios de segurança no local: as escadas para a subida e descida na parede já estão desgastadas pela maresia e o chão no entorno da parede não tem nenhum minimizador de impactos.

Embora os equipamentos citados acima sejam de acesso gratuito, constatamos que outros desses se encontram marcados pela lógica da privatização, sendo o acesso restrito ao pagamento de taxas, por vezes altas. Esse pode ser outro fator que contribui para a amplitude de equipamentos voltados aos interesses Físico-Esportivos, pois muitas dessas práticas contemporâneas carregam a marca do que Mascarenhas (2004) denomina como “Mercolazer”, ou seja, são práticas mercadológicas, que, mais do que se preocupar com a fruição lúdica, visam, antes, ser consumidas. Marcelino (2008, p. 138) alerta que esses equipamentos urbanos para o lazer, “quando concebidos, quase

sempre são assumidos pela iniciativa privada, que os vê como uma mercadoria a mais para atrair o consumidor”.

É o caso das pistas de kart e de Motocross. Esses são equipamentos de grande porte, entre os maiores de toda Orla e contemplam ótimas condições físicas e de manutenção. Contudo, apenas tem acesso a esses bens o público pagante ou mesmo atletas das modalidades, filiados às associações e/ou federações⁷. Nota-se, portanto, nesses equipamentos, que as condições de acesso são restritas à população. Resta ao público não pagante (leia-se imensa maioria) a condição de consumidores do espetáculo dessas práticas, enquanto meros expectadores.



Figura 1 - Kartódromo Emerson Fittipaldi

Esta “privatização” que está acontecendo na Orla de Atalaia se deve ao modelo de gerenciamento deste espaço público aracajuano/sergipano, que é realizado em parceria com entidades como Associações e Federações Esportivas. Assim, tais entidades foram contempladas com locais específicos para suas modalidades esportivas na Orla de Atalaia e oferecem, em contrapartida, a responsabilidade de gerenciamento dos mesmos.

No caso do Kartódromo, está previsto que o equipamento possa ser usado para treino dos membros da Associação Sergipana de Kart e eventos esportivos da mesma. Já nos horários em que essas atividades não ocorrem, a pista é dividida em duas partes para locação de corridas pelo público pagante. As tarifas para uso do Kartódromo durante o período de observação eram em média de vinte e cinco reais por 15 minutos de corrida, sendo disponibilizados seis karts em cada pista. Outra possibilidade que resta ao público usuário da Orla é assistir as corridas de kart, visto que o equipamento conta com um espaço gratuito para observação das corridas e que permanece aberto durante todo seu período de funcionamento. O uso da pista de Motocross é, ainda, mais restrito, sendo destinado apenas aos atletas da federação e a eventos esportivos.

É importante notar que a construção desses equipamentos de lazer se deu ao redor do que denominamos nesse trabalho de “região dos lagos”, um espaço situado na parte central da Orla onde se encontram três lagos artificiais, com pistas para

⁷ Referimo-nos a Federação Sergipana de Motociclismo e a Associação Sergipana de Kart.

caminhada, corridas ou passeio de bicicletas, o Oceanário (Projeto TAMAR), entre outros. Este talvez seja o principal espaço contemplativo da Orla, visto que o cenário formado pela proximidade dos lagos com a praia oferece um visual edênico ao público. O contato, no entanto, desse espaço com o Kartódromo e a pista de Motocross produzem um dos maiores paradoxos arquitetônicos do local, pois a bela paisagem é invadida pela poluição sonora desses automotivos. Nesse sentido, podemos aferir que a interferência do processo de privatização da Orla influi não apenas em objeções econômicas ao acesso de determinados públicos ao lazer na Orla, como interfere também na estrutura ambiental do local.

Equipamentos para Atividades Físicas

Além dos equipamentos voltados ao esporte normativo, encontram-se na Orla equipamentos de lazer que estão associados às atividades físicas contemporâneas, práticas de movimentação corporal regidas pelos preceitos da vida ativa, ou, nesse caso, pelo lazer ativo. Segundo Fraga (2006), o discurso da vida ativa anuncia o binarismo movimento x não-movimento, considerando que:

Educar o corpo para o movimento, pôr em atividade, impelir ao exercício físico, independente do modo de execução, frequência e duração apregoada como ideal para a saúde, há muito tempo tem sido considerado um dos meios mais naturais de livrar a sociedade de males físicos e vícios morais ‘responsáveis’ por certas doenças (p.10).

O estilo de vida ativo, portanto, se oferece como uma forma de oposição aos males provenientes de uma vida sedentária. Nesse cenário, as atividades físicas aeróbicas como caminhar, correr, andar de bicicleta, nadar, dançar, praticar ginástica e musculação ganham destaque como possibilidades de exorcização das doenças cardiorrespiratórias e de aquisição de um bem-estar físico, mental e “social” (segundo a Organização Mundial da Saúde, a OMS).

Contudo, vale destacar que vários autores⁸ têm se questionado a respeito dos discursos que dão sustentabilidade aos preceitos da vida ativa, considerando que a saúde não está condicionada apenas à normatividade em relação à exercitação física e determinados comportamentos individuais (os já conhecidos e famosos discursos dos “estilos de vida”, de caráter bastante comportamentalista), antes, consideram que a saúde está atrelada a questões políticas e sociais mais amplas, como o direito a moradia, saneamento básico, trabalho, renda, educação etc. Outro forte argumento busca relativizar a normatividade sobre a exercitação física, compreendendo que “as formas de ser saudável podem ser muitas e tão diferentes como os modos de ser humano” (SILVA, 2001, p.36).

No quesito equipamentos de lazer voltados às atividades físicas, a Orla de Atalaia dispõe de três possibilidades: a ciclovia, os complexos com aparelhos de Ginástica e os lagos com pistas para caminhada.

A ciclovia pode ser considerada um equipamento de grande porte, se considerada sua extensão, pois atravessa toda Orla. Em relação as suas condições estruturais, constatamos que este equipamento não tem marcação adequada e em determinadas partes se confunde com o espaço de trânsito das pessoas, colocando em

⁸ Fraga (2006); Silva (2001); Matiello Junior e Gonçalves (2001), Bagrichevsky, Palma e Estevão (2003; 2006; 2007); Devide (1996); Ferreira (1997); Carvalho (2009), entre outros.

questão a segurança dos transeuntes, sejam ciclistas ou não. A falta de marcação clara sobre o percurso da ciclovia ocasiona outro problema, em determinados pontos onde ela é atravessada por ruas ou acessos aos estacionamentos, sua continuidade se perde, não havendo em alguns casos uma visualização clara de qual seja o trajeto adequado para as bicicletas.

A Orla é frequentada por grupos de ciclistas, principalmente no período noturno, que fazem seus passeios em meio à avenida, junto ao tráfego de carros, muitas vezes com apoio de motociclistas particulares ou até mesmo policiais, não utilizando a ciclovia. Este fato nos evidencia os limites da ciclovia que transcorre a Orla. É justo, no entanto, relatar, que apesar da marcação e continuidade deficitária, não há ciclistas apenas na avenida, a ciclovia é bastante utilizada, seja por pessoas andando de bicicletas, praticantes de caminhadas, corridas e mesmo por aqueles que apenas transitam pelo espaço.

Os equipamentos de Ginástica se encontram na região Sul e na Região Central da Orla. Esses equipamentos não possuem qualquer tipo de orientação quanto ao uso, seja por meio de placas informativas sobre as formas de exercitação possíveis, ou mesmo pela presença de agentes ou monitores especializados na prescrição, orientação e avaliação de atividades físicas. Os aparelhos de ginástica localizado na Região Sul não possuem boas condições estruturais, contendo ferrugem, pintura deteriorada pelo tempo, rachaduras e pequenos danos. Foi observado que esses aparelhos são subutilizados, tendo pouco público. Um dos fatores que pode interferir é a condição climática, com temperaturas altas na maior parte do ano.

O público frequentador dos equipamentos ginásticos é constituído em sua maioria por jovens do sexo masculino. Observamos que o público durante a semana e no período diurno é diferenciado daquele que frequenta aos fins de semana e/ou no período noturno. No primeiro caso observamos crianças e jovens⁹ aparentemente de classes menos favorecidas brincando nos aparelhos. Já aos finais de semana esse equipamento é utilizado por jovens aparentemente de classes econômicas mais elevadas, para exercitação física. Vale destacar também que os equipamentos ginásticos da Região Central durante o período noturno tem pouco movimento, policiamento e iluminação insuficiente, ocasionada por lâmpadas queimadas, o que gera uma sensação de insegurança neste lugar. Não obstante, foram flagrantes as práticas de consumo de drogas lícitas e ilícitas no local e proximidades.

Outros equipamentos de lazer voltados às atividades físicas são os lagos, que, além da função estética de ornamentação do espaço, são contornados por pistas para caminhadas/corridas/passeios de bicicletas. Esses contam ainda com pedalinhas e caiaques para passeios e fonte com águas luminosas. No total são três lagos, mas somente dois deles são utilizados para as práticas de atividades físicas. O menor lago tem um caráter apenas de ornamentação. As condições estruturais de todos os lagos são boas, embora suas águas sejam impróprias para banhos. Há iluminação noturna adequada, cestos de lixo e bancos distribuídos ao redor de todo o trajeto de caminhada.

Esses equipamentos são um dos mais frequentados da Orla, contém um público bastante amplo. Devido ao seu posicionamento próximo à rede hoteleira, observamos a presença de muitos turistas no local, especialmente em feriados e finais de semana, bem como uma ampla presença da população local. O público frequentador é muito heterogêneo de modo que não se pode constatar se há predominância de homens ou mulheres, nem de faixa etária e condição econômica. O equipamento é utilizado para

⁹ Essa inferência é feita baseada na condição simbólica que esses sujeitos se apresentavam: sem calçados, bicicletas em mal estado de conservação e/ou sem marca, roupas precárias etc.

caminhadas, corridas, passeios de bicicleta ou de pedalinho, passeios familiares ou com animais de estimação e para contemplação da paisagem.

Outra característica marcante desse espaço é a ampla área comercial que se estende ao seu redor. Por ser um dos espaços de maior movimento, os lagos são rodeados por vendedores ambulantes de toda espécie e por barracas de alimentação.



Figura 2 - Região dos Lagos

Equipamentos Infantis

Com relação aos equipamentos da categoria Infantil, foi levantada a existência de seis (06) parques, sendo cinco (05) deles de pequeno porte e um de médio porte, denominado “Mundo Maravilhoso da Criança” (MMC). Com relação à localização, observamos que os equipamentos voltados às crianças estão distribuídos por toda extensão da Orla, três parques estão na Região Norte, dois ficam na Região Sul e o MMC na Região Central.

Os parques pequenos possuem características em comum, possuindo brinquedos clássicos como escorregadores, gangorras, balanços e, alguns, caixas de areia. Esses parques são de acesso livre e gratuito e podem ser considerados em boas condições estruturais.

O MMC se constitui como o principal equipamento da categoria infantil, não apenas por ser o maior parque da Orla, mas por ser uma espécie de “ilha”, de reduto especialmente construído para o público infantil, com ampla infraestrutura. O MMC tem aos fundos o Kartódromo Emerson Fittipaldi, à sua direita uma delegacia de turismo (o que lhe confere, supostamente, maior segurança) e um salão de eventos. Já à esquerda há restaurantes, estacionamento e um setor com mesas de jogos.

Seu espaço é constituído por três mini-parques com gangorras, escorregadores, balanços etc., um carrossel na parte central e nos fundos há um mini-kart, dois espaços cercados para passeios em carrinhos eletrônicos. Nesse local encontram-se também brinquedos itinerantes que são ofertados pela iniciativa privada nos momentos de maior movimento, tais como pula-pula e até mesmo um trenzinho que circula pela Orla. Há, ainda, no local uma barraca de venda de sorvetes e um banheiro público.

Verificamos que parte dos brinquedos disponíveis nesse local é de acesso livre e caráter gratuito, e outra parte de seus atrativos são geridos pela iniciativa privada e o acesso é pago, como o carrossel, o mini-kart, os carros eletrônicos e o trenzinho. Há também uma intensa atividade comercial no local voltada ao público infantil e seus familiares. O interior e os arredores do parque é envolvido por vendedores ambulantes de diferentes produtos, desde brinquedos artesanais até doces, cds e dvds piratas. Além dos ambulantes, os arredores do parque são tomados por uma série de barracas e postos de venda de produtos alimentícios, entre outros.

O período mais frequentado desse parque é o noturno, com aumento considerável de público aos fins de semana. O público do parque é constituído basicamente por crianças acompanhadas de familiares e/ou responsáveis. Os brinquedos mais procurados são os carrinhos eletrônicos e o mini-kart. Algumas crianças ocupam os espaços públicos enquanto esperam a vaga nos brinquedos pagos.

A intensa atividade comercial nesse espaço revela a inter-relação entre consumo e infância que perpassa o local. Mais do que um parque, o MMC é um dos principais pontos de oferta de bens e serviços à população infantil. Deste modo, é possível inferir que o acesso aos bens de lazer no MMC é influenciado pela atividade comercial que se estabelece no local, visto que durante a semana e no período diurno as crianças que frequentam o parque têm acesso apenas aos brinquedos clássicos, pois os demais permanecem fechados pela iniciativa privada. As observações revelaram também que nos brinquedos públicos alguns pais ou responsáveis brincam com as crianças, mas nos privados são apenas espectadores.

A partir do evidenciado podemos considerar que, embora toda extensão da Orla tenha parques, outros espaços são apropriados pelas crianças para suas brincadeiras, como as quadras esportivas, os equipamentos ginásticos, entre outros, o que nos permite considerar que os espaços infantis e o direito ao lazer para as crianças estão assegurados pelo poder público.

Entretanto, de igual maneira, constatamos que a existência de equipamentos de lazer voltados ao público infantil não bastam, sob a perspectiva das Políticas Públicas, para assegurar plenamente o direito ao lazer infantil. Conforme alerta Marcellino (2008), é preciso ser assegurado também políticas que incentivem a produção cultural “das” crianças, e não apenas a oferta de produção cultural “para” as crianças.

O MMC oferta ao público infantil produtos culturais projetados “para” as crianças enquanto mercadorias a serem consumidas. Este fato faz com que determinadas crianças tenham acesso a esses bens, enquanto outras são excluídas por questões econômicas. Os produtos destinados às crianças também não propiciam a interação, o convívio social, nem tampouco estimulam a criatividade e a produção cultural, uma vez que são brinquedos individuais/individualistas.

Nessa direção, chamou-nos a atenção a pouca oferta de atividades culturais mais autênticas e com potencial artístico às crianças. Durante as observações constatamos que são raras as atividades de teatro infantil, não há a presença de animadores socioculturais fomentando atividades lúdicas e culturais que permitam a integração das crianças, bem como a produção cultural por parte delas. Na mesma direção não identificamos nenhum projeto de escolas visitando a Orla em atividades educacionais organizadas. Este fato chama a atenção para a necessidade de tornar permanentes as atividades como estas voltadas ao público infantil.

Para Marcellino (2008, p.136), a ausência de ações que permitam a produção cultural por parte das crianças em seu lazer pode ter como consequência “a diminuição das ocasiões de reunião das crianças, isto é, das brincadeiras coletivas, tão importantes no aprendizado da vida em grupo e no desenvolvimento do sentimento comunitário”.

Equipamentos para Jogos de Mesa

Outra marca da Orla são os equipamentos destinados aos Jogos de Mesa, tais como dama e xadrez, jogos de cartas, dominó etc. Consideramos equipamentos para Jogos de Mesa aqueles que são constituídos por alguns conjuntos de mesas marcadas para tais atividades e que se encontram reunidas em um mesmo espaço.

Em toda extensão do espaço são encontrados quatro equipamentos que são destinados a essas atividades. Embora sejam equipamentos de médio porte, consideramos que a quantidade desses é pequena se comparada à categoria Físico-Esportivo.

Constatamos que esses equipamentos, de modo geral, são pouco utilizados, especialmente para as funções as quais foram designadas, sendo comuns os registros de uso dessas mesas como espaços para alimentação, para bate-papo entre as pessoas, consumo de bebidas alcoólicas, entre outros. Consideramos que o uso dessas mesas para os jogos são escasso devido às condições precárias em que se encontram. Por exemplo, as pinturas se encontram mal conservadas e a iluminação para utilização noturna estava em grande parte deteriorada e sem manutenção adequada. Em função da pouca luminosidade noturna, esses locais também são os mais isolados durante a noite, causando maior sensação de insegurança. Daí ser comum registro desses equipamentos sendo utilizado para o consumo de drogas, ou mesmo como abrigo para pessoas de baixa renda dormir durante a noite.

O uso das mesas de jogos para outras finalidades atribui a esses equipamentos um caráter de multifuncionalidade, o que é, por nós, considerado positivo, visto que isto permite seu uso por grupos diferenciados e com intuítos distintos. No entanto, a omissão em relação a sua manutenção, para permitir seu pleno funcionamento para os jogos de mesa, traz consigo uma fragilidade no que se refere à conservação dessas práticas na Orla. Tradicionalmente esses equipamentos são apropriados por pessoas de mais idade (embora não seja essa uma atividade de exclusividade desse grupo social) e aposentadas, para a realização de encontros de jogos de mesas diversos. Essas atividades de lazer são responsáveis pela sociabilidade entre os grupos de maior idade na sociedade, além de preservarem um importante patrimônio cultural que vem se perdendo frente às possibilidades de lazer moderno, ancoradas em pressupostos consumistas.

Em um estudo realizado por Peixoto (1995), a autora revela a importância dos espaços de jogos de mesa para os idosos e sua socialização a partir da dinâmica que se estabelece nesses locais, conforme o trecho a seguir:

O que está em jogo para esses jogadores é, sobretudo, passar o tempo: um tempo vivido no meio de sensações de sucesso e derrota que atravessam as partidas de cartas, de xadrez ou de gamão [...] Desse modo, a escolha dos parceiros, bem como dos adversários, é definida por critérios precisos como jogar bem, jogar honestamente, jogar alegremente etc. E como os jogadores não possuem todas essas qualidades ao mesmo tempo, a escolha recai sobre a representação que se tem do jogo. Se o importante é distrair-se, a seleção se faz entre os jogadores divertidos, mesmo que eles não sejam os melhores. Nessas mesas, as brincadeiras provocam risos constantes e invertem a ordem silenciosa do jogo. Outros escolhem como parceiros os jogadores honestos e sérios, mesmo que eles não joguem tão bem assim: as trapaças são proibidas e o respeito às regras do jogo é fundamental.

Nessa direção, percebemos que as mesas de jogos da Orla não têm atraído o público idoso, nem qualquer outro público interessando em jogos de mesa, dada as condições estruturais das mesmas para essas práticas específicas ou mesmo pela ausência de incentivo à preservação dessas atividades por meio de projetos específicos.

Nossa constatação é que há um ganho na apropriação multifuncional atribuída a esses equipamentos, mas por outro lado há ausência das práticas para as quais esses equipamentos foram desenvolvidos, ocasionando uma diminuição da apropriação desses por grupos de idades mais avançadas ou mesmo a perda do patrimônio cultural dos jogos de mesa no âmbito do principal espaço de lazer da cidade de Aracaju.

Equipamentos Sociais, Culturais e Outros

Os equipamentos voltados à sociabilidade (tais como espaço de show, boate e salão de eventos), além de serem numericamente inferiores, são, em sua maioria, marcados pelo acesso pago. Foi considerada nessa categoria uma casa noturna/boate localizada na Região Central da Orla de Atalaia (um empreendimento privado), uma ampla praça destinada à realização de shows e um pequeno salão de eventos. Todos os três equipamentos se situam relativamente próximos um dos outros e próximos à região de maior número de hotéis.

A mesma inferioridade numérica marca também os equipamentos Culturais, como o Oceanário e dois centros de Arte e Artesanato, além dos demais equipamentos que não se enquadraram nas categorias anteriores (uma *lan house*, um pombal e uma pequena área destinada a aeromodelismo).

A parcela de equipamentos que se destina a sociabilidade e a cultura está ligada à indústria do Turismo e por isso se encontram localizadas próximas a rede hoteleira. Alguns desses equipamentos, inclusive, mostraram-se subutilizados, estando na maior parte do período de observação da pesquisa fechados ao público e sem qualquer atividade, a exemplos do pombal, da *lan house*, pista de aeromodelismo, galeria de arte e salão de eventos.

Os equipamentos dessas categorias mais procurados pelo público são o Oceanário, a Praça de Eventos e o Centro de Arte e Cultura, que no período noturno oferece em seus arredores uma feira de artesanato.

O Oceanário compõe a sede física do Projeto Tamar¹⁰ em Aracaju. É um espaço de divulgação da cultura preservacionista, de apresentação de informações sobre animais marinhos e que, portanto, contribui para o processo de enculturação humana. Além disto, seu espaço é como uma exposição, uma galeria de artefatos naturais. Trata-se, em última análise de um equipamento de lazer voltado ao patrimônio natural do país. É, portanto, um bem de divulgação cultural. Seu acesso é pago, porém, a verba é revertida em função da manutenção do projeto.

Já o Centro de Arte e Cultura J. Inácio é um espaço de exposição e comércio do artesanato local, sendo um local destinado as cooperativas e artesãos organizados do Estado de Sergipe. É possível encontrar peças em renda, bordados, cerâmicas, esculturas em barro, madeira e palha, peças de tapeçaria, redes e objetos de decoração em geral. Aos finais de semana o Centro abriga o Projeto Manifestações Populares, que tem por objetivo ser palco para diversas manifestações culturais do Estado. Esse espaço

¹⁰ O Projeto Tamar-ICMBIO designa o Programa Brasileiro de Conservação das Tartarugas Marinhas. Instalado em diferentes Estados Brasileiros, sua função é proteger espécies de tartarugas marinhas presentes na costa brasileira, bem como realizar pesquisa científica. Para maiores informações ver <http://www.tamar.org.br>

foi inaugurado em setembro de 2004 e passou por uma reforma e ampliação em 2008, sendo gerenciado pela Secretaria de Estado da Inclusão, Assistência e do Desenvolvimento Social – Seides.

A Praça de Eventos de Atalaia é o principal palco de Shows e eventos de grande porte da Orla, como o Arraiá do Povo (durante as comemorações de São João em Junho) e a Feira de Sergipe, destinada a divulgação e comercialização do artesanato, (normalmente realizada no início do ano). Esta área é de responsabilidade da Secretaria de Estado de Infraestrutura (Seinfra), que responde pela cessão desse espaço público. Normalmente são realizadas no espaço parcerias entre a Seinfra e a iniciativa privada, ou mesmo estatal para promoção de eventos no local.

As observações desses equipamentos indicam que o acesso à cultura e às atividades de sociabilidade na Orla de Atalaia são garantidos ao público. Quanto à manutenção e condições estruturais, esses equipamentos encontram-se em bom estado de conservação – o Oceanário por ter fontes de manutenção específicas, como o patrocínio da Petrobras, e o Centro de Arte e Cultura, bem como a Praça de Eventos, por esforços das Secretarias responsáveis pela administração.

Contudo, o acesso pago a Shows e eventos na Orla tem sido uma das maiores barreiras ao lazer cultural, além da carência de pontos de ônibus na região (Norte) em que esses eventos acontecem. Quanto ao acesso pago, vale lembrar que a maior parte dos Shows realizados na praça de eventos é de iniciativa privada, com concessão da Seinfra. A polêmica sobre o uso privado desse espaço chamou a atenção até mesmo do Ministério Público Estadual (MPE), que em 2009 promoveu uma audiência referente à utilização indevida da Praça de Eventos da Orla para shows particulares. Para o promotor de Justiça do Meio Ambiente e Urbanismo, Renê Erba:

A Praça de Eventos da Orla é um espaço público, constituindo-se um bem de uso comum do povo, e o MPE entende que só pode ser permitida a realização de eventos que sejam abertos ao público em geral, isto é, ainda que realizado por particulares, não haja cobrança de ingresso”, explica o promotor. Além do que se refere à utilização do espaço público para festas pagas, o promotor levantou também o problema da poluição sonora e da degradação ambiental. [...] ‘Pode estar havendo uma degradação ambiental por conta do lixo produzido e dos banheiros químicos, por exemplo, e uma emissão sonora que passa dos limites, caracterizando o crime ambiental’.¹¹

O acesso pago aos equipamentos de Lazer Cultural e/ou Social na Orla com finalidades lucrativas não apenas restringe a população local de usufruir desses bens, como exemplifica bem o caráter mercantil que o lazer assume frente à indústria do turismo no Estado. Não obstante, a resposta do Secretário de Estado da Infraestrutura à audiência citada anteriormente é contundente: “não podemos tomar uma medida que prejudique o turismo e o desenvolvimento da cidade” (Valmor Barbosa Bezerra, Seinfra)¹².

Demais Infraestrutura

Além dos equipamentos de esporte e lazer, a Orla de Atalaia possui uma infraestrutura que lhe dá suporte, tais como lixeiras, placas de sinalização, banheiros

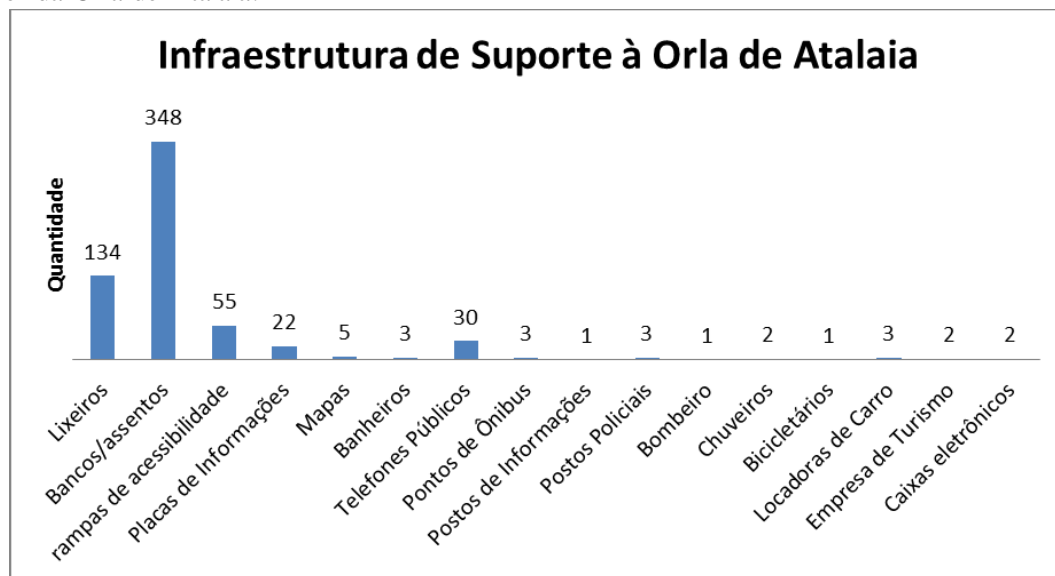
¹¹ As informações sobre esse caso foram divulgadas em alguns veículos de imprensa de Aracaju. Veja mais em <http://www.infonet.com.br/cidade/ler.asp?id=91924&titulo=cidade>

¹² <http://www.infonet.com.br/cidade/ler.asp?id=91924&titulo=cidade>

públicos, adereços de ornamentação e embelezamento (fontes luminosas e monumentos históricos).

Segundo nossa análise, toda extensão da Orla é repleta de bancos/assentos e lixeiras. Esses materiais são encontrados em maior número do que os demais elementos considerados no estudo. É possível aferir que são bem distribuídos espacialmente e em quantidade suficiente, porém, muitos lixeiros estão em más condições ou destruídos, seja por atos de depredação do patrimônio público por parte da população em geral que utiliza tal espaço/equipamentos ou mesmo pelo desgaste natural ocasionado pelas condições climáticas, o que pode interferir na limpeza da Orla.

Gráfico 7 – Infraestrutura física e material de suporte aos equipamentos de esporte e lazer da Orla de Atalaia.

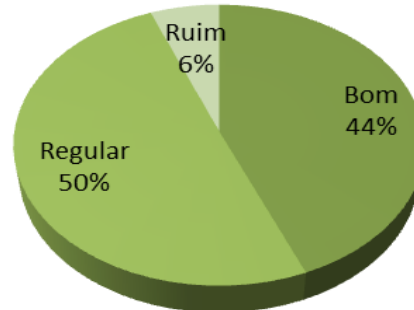


Toda essa estrutura recebe manutenção todas as manhãs, de segunda a sábado, no que se refere à limpeza e jardinagem. A limpeza é realizada todas as manhãs por uma empresa terceirizada que distribui um número total de 26 funcionários em toda sua extensão. Além dessas equipes de limpeza, quando a Praça de Eventos é utilizada para Shows ou apresentações de grande porte, uma quantidade grande de funcionários de limpeza é designada especialmente para essa região. Ao que tudo indica, além da concessão pública do espaço, é o dinheiro do Estado quem paga pela limpeza e pela segurança externa dos eventos que ocorrem nesse local, mesmo nos eventos de caráter privado, o que evidencia um tipo de parceria Público-Privada que precisa ser mais bem explicitada. Afinal, num evento privado, que só tem acesso o público pagante, parece não haver contrapartida das empresas promotoras dos eventos quanto à limpeza do local, ou mesmo à segurança externa, fazendo com que esse gasto seja apenas da iniciativa pública.

Os dados obtidos com os questionários nos mostraram que 50% dos entrevistados julgaram a limpeza da Orla na região em que mais frequentam como regular e 44% avaliaram como bom, indicando satisfação ou satisfação parcial com esse aspecto. Apenas 6% consideraram a limpeza na Orla de Atalaia e seus equipamentos ruins.

Gráfico 8 – Opinião sobre a limpeza da Orla de Atalaia

Opinião sobre a Limpeza da Orla de Atalia

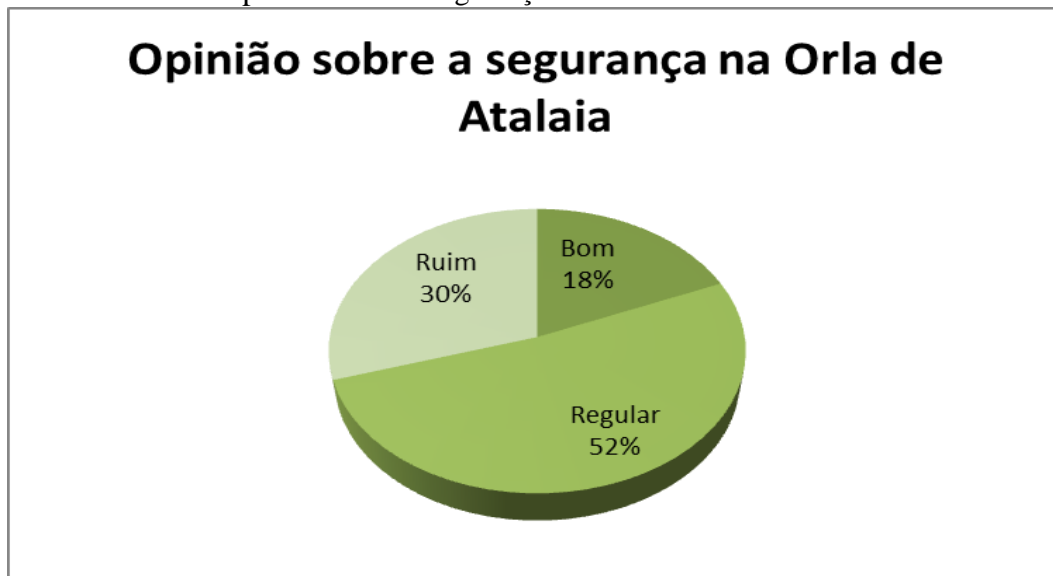


Outro aspecto que pode ser relacionado à limpeza e que está intimamente ligado ao suporte aos equipamentos de esporte e lazer é o número insuficiente de banheiros. Para nossa surpresa, nos seis quilômetros (6 km) de extensão da Orla existem apenas três (3) banheiros públicos. Cada um desses banheiros contém divisões para público masculino, feminino e deficientes físicos. As observações revelaram que dois desses banheiros não ficavam abertos ao público em boa parte do dia, sendo mais frequente sua abertura aos fins de semanas e à noite – momentos de maior movimento. Apenas um dos banheiros ficava aberto das 8:00 às 20:00 horas todos os dias, fechando somente no horário das 12 às 14 horas. Vale ressaltar que o mesmo se encontra em bom estado de uso e conta com um funcionário público sempre nesse horário com a responsabilidade de manter o ambiente em bom estado de conservação.

A segurança na Orla de Atalaia também foi considerada no estudo. Sobre esse item constatamos que a presença de uma Delegacia de Turismo, uma Companhia de Policiamento Turístico (CPTur), da Polícia Militar, e um posto policial, além da presença de um posto de bombeiros na Orla, responsável entre outros pela segurança dos banhistas. Além desses órgãos institucionais, observamos também que policiais militares de bicicletas fazem rondas em períodos específicos, sendo maior a mobilização policial nos horários de maior movimento, tais como finais de semana e no turno noturno. Todavia, mesmo com aumento do contingente nos momentos de maior movimentação, parece ser reduzido o número de policiais para a extensão do local. Além das rondas de bicicletas, os policiais da CPTur dispõe de carros para as patrulhas. Outro equipamento utilizado na segurança da Orla de Atalaia é a presença de câmeras de vídeos.

Apesar de todo esquema de segurança, constatamos que uma das maiores queixas do público está justamente nesse quesito. Apenas 18% dos entrevistados consideraram o local seguro, 30% julgaram a segurança ruim e 52% consideraram esse serviço regular. Realmente pudemos constatar que alguns trechos da Orla se apresentam menos seguros. A ronda de carro, por exemplo, pouco ajuda na segurança aos fundos da Orla, na região próxima a areia da praia, local que só pode ser patrulhado a pé ou pelas rondas de bicicletas. Durante a noite essas áreas mais afastadas e próximas da faixa de areia também parecem ser as menos patrulhadas e há menos iluminação. Além disto, as ruas que se seguem próximas e aos fundos da rede hoteleira da Orla são um dos principais pontos de prostituição da cidade, que juntamente com a indústria do Turismo atraem uma parcela da marginalidade interessada em furtos.

Gráfico 9 – Opinião sobre a segurança na Orla de Atalaia.



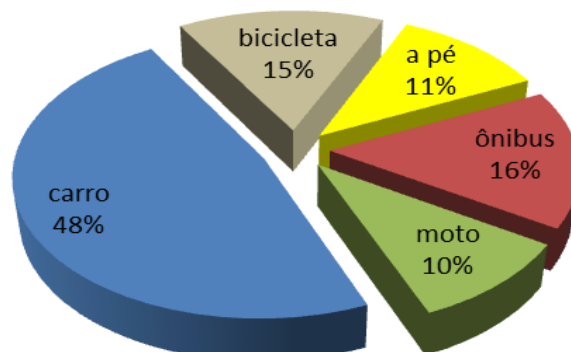
Esta sensação de insegurança por parte dos usuários do Orla de Atalaia acaba por interferir no sucesso de outros serviços que são oferecidos ao público. A Orla possui uma zona de cobertura de internet sem fio gratuita. Esta pareceu uma das medidas mais interessantes da Orla, integrando uma Política Pública de acesso à informação e também de lazer. Contudo, por motivos ligados a segurança no local, não constatamos em nossas observações sequer uma pessoa fazendo uso de um computador portátil (*laptop*) na Orla.

Além da segurança, o transporte público “na” ou “para a” Orla de Atalaia também pode ser considerado como um dos aspectos relevantes para as Políticas Públicas de esporte e lazer em Aracaju. A maior parte dos entrevistados de nosso estudo (48%) apontaram que utilizam o carro como meio de transporte para a Orla de Atalaia. Apenas 16% utilizam o transporte urbano público. Pudemos constatar que o público que vai a Orla de ônibus se concentra majoritariamente na Região Sul, onde fica situado o terminal de integração de ônibus de Atalaia. Isto se explica em partes pelas condições do transporte público ao longo da Orla, são apenas três (3) pontos de ônibus e na Região Norte, próximo a rede hoteleira, o circuito de transporte se afasta da Orla, continuando se trajeto por ruas secundárias, mais distantes dos equipamentos de lazer. Pode-se constatar com isso que o tráfego dos transportes públicos não oferecem plenos recursos para o cidadão sair do terminal de ônibus situado na Região Sul e desembarcar na Região Norte sem ter seu caminho desviado da Orla de Atalaia. Deste modo, tem acesso privilegiado à Região Norte da Orla a parte da população que melhor tem condições de tráfego pela cidade, os detentores de veículos automotores próprios.

A maior parte dos entrevistados que utiliza o meio de transporte público para a Orla de Atalaia considerou esse serviço ruim (50%) ou regular (46%), evidenciando que esta é uma das questões centrais para as políticas de esporte e lazer no local, visto que a população se sente mal ou medianamente atendida quando necessita do transporte público para ter garantido seu direito ao esporte e lazer nessa região da cidade (gráfico 9). As observações nos mostraram que os pontos de ônibus na maioria das vezes estavam vazios durante o dia e que não há ônibus suficiente em toda extensão da Orla.

Gráfico 10 – Meio de Transporte utilizado para ir à Orla de Atalaia.

Meio de transporte para ir a Orla de Atalaia



Por fim, outros aspectos da infraestrutura poderiam ser analisados nesse capítulo, mas para não deixar o texto demasiado extenso, optamos por recortar aqueles assuntos que mais nos chamaram atenção e que podem ter repercussão positiva sobre o desenvolvimento de futuras Políticas Públicas de esporte e lazer na Orla de Atalaia, visando a melhoria dos aspectos administrativos, de acessibilidade da população e de garantia das condições plenas para o esporte e lazer em Aracaju.

É preciso destacar que a Orla de Atalaia possui, além dos itens analisados, uma estrutura de ornamentação e de bens culturais, tais como esculturas, monumentos em homenagem a personalidades nacionais e estaduais, que não foram levantados no estudo, e que se destacam positivamente. A presença desses elementos demonstram uma preocupação do poder público em ofertar uma política de lazer que se preocupe também com a formação de seus cidadãos e com o seu bem estar na cidade.

Outro aspecto desconsiderado nesse estudo devido as condições temporais e humanas do estudo se deve a ampla rede de lazer cultural-gastronômica que se estende por toda Orla. É preciso aqui apontar que a dimensão da gastronomia é uma fonte de lazer para grande parte dos frequentadores da Orla, devido a grande quantidade de bares, lanchonetes, restaurantes, barraquinhas de alimentação que se fazem presentes ao longo de todo esse espaço.

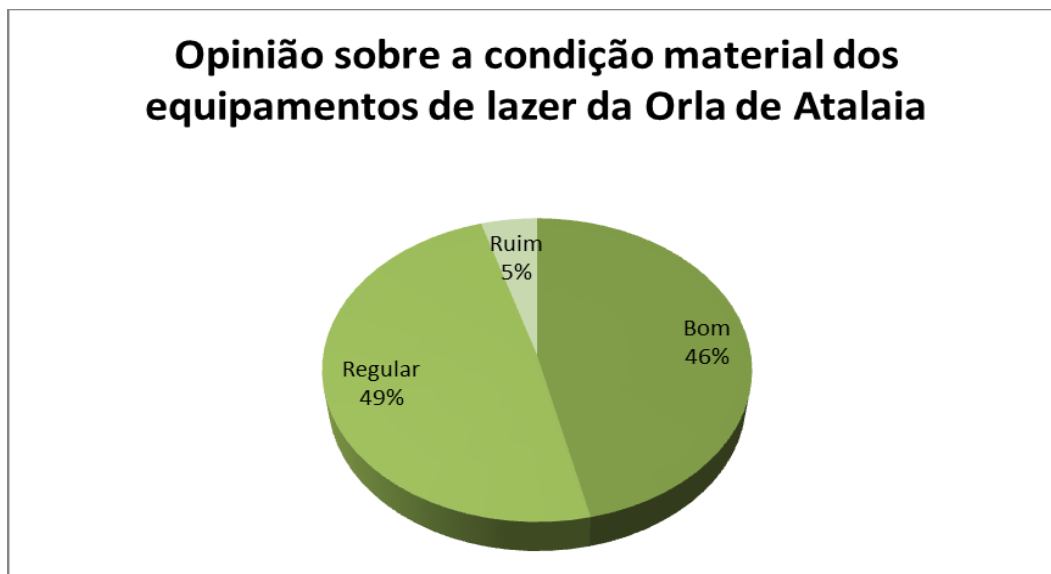
Entretanto, voltamos a destacar que, mais do que esgotar todas as possibilidades de análises que se fazem presentes sobre o tema, nossa intenção aqui é destacar os pontos de maior relevância ao poder público para a avaliação e busca por melhorias das Políticas Públicas de lazer da cidade, buscando garantir à população de Aracaju e seus visitantes o pleno usufruto do direito ao lazer e ao esporte na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho nos possibilitou compreender melhor as possibilidades de lazer dos aracajuanos, sergipanos e turistas em geral no que se refere às condições estruturais da Orla de Atalaia. Pudemos constatar que praticamente metade das pessoas abordadas em nosso estudo (49%) consideraram as condições estruturais (estado de conservação, acessibilidade, manutenção etc.) dos equipamentos de esporte e lazer que mais utilizam regulares. Isto indica a necessidade do poder público ouvir esses sujeitos

sobre suas demandas específicas no tocante à preservação/forma de manutenção e gestão desses, mesmo que outra parcela significativa, de 46% dos entrevistados tenha considerados as condições estruturais boas.

Gráfico 11 – Opinião sobre a condição material dos equipamentos de lazer da Orla de Atalaia.



Além disso, constatamos, de modo geral, que a Orla é mais esvaziada durante os dias da semana e no período diurno. Durante a manhã funcionários fazem a limpeza e manutenção de todo o espaço e os equipamentos privatizados se encontram fechados. Já pela noite e principalmente no final de semana percebemos a presença marcante de crianças e jovens nas quadras jogando futsal, brincando nos parquinhos e pessoas fazendo caminhada, correndo ou andando de bicicleta.

Ainda sobre as características gerais dos frequentadores, percebemos que a Orla é ocupada por pessoas de ambos os sexos e de todas as faixas etárias, com diferentes interesses no que se refere às práticas de lazer. É possível notar que em quase toda extensão da Orla há equipamentos de lazer que estão administrados sob uma lógica privatizada, como a pista de Motocross, o Kartódromo e brinquedos presente no Maravilhoso Mundo da Criança, entre outros, colocando em evidência um processo de mercadorização do lazer num espaço eminentemente público da cidade.

Os dados indicam, ainda, que há escassez de Políticas Públicas voltadas à acessibilidade dos cidadãos, visto a falta de planejamento de transporte público adequado ou mesmo de políticas de acesso da população aos bens que se encontram privatizados na Orla, caso do Kartódromo, pista de Motocross, Oceanário, etc. Nessa mesma lógica pudemos perceber que as Políticas Públicas de lazer na Orla se resumem a concessão do espaço (muitas vezes a entidades de caráter privado) e a manutenção dos equipamentos. Desse modo, não constamos durante o estudo a presença do desenvolvimento de projetos ou ações por parte da gestão pública a fim de ampliar a participação popular na uso/ocupação ou mesmo no gerenciamento da Orla de Atalaia.

Sobre essa constatação 94% dos entrevistados se mostraram favoráveis à necessidade do poder público instituir programas, projetos ou outras ações que estimulem as práticas esportivas ou de lazer na Orla. Por exemplo, no campo educacional poderia haver projetos que levassem estudantes de escolas públicas em passeios pedagógicos na Orla e seus equipamentos de esporte e lazer, atribuindo maior sentido aos equipamentos culturais e artísticos na formação dos jovens cidadãos.

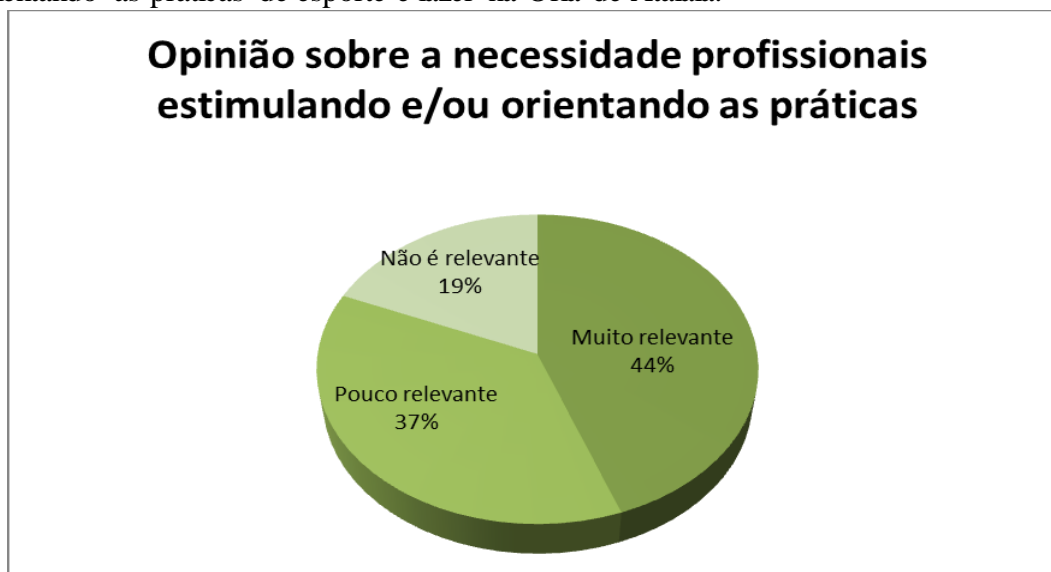
Vislumbra-se também a possibilidade de parceria entre Estado e Universidades para o desenvolvimento de atividades de extensão à comunidade nos equipamentos de lazer da Orla, especialmente no desenvolvimento do esporte comunitário e das práticas de lazer socializantes, entre outros.

Gráfico 12 – Opinião sobre a necessidade de a gestão pública oferecer projetos de Esporte e Lazer na Orla de Atalaia



Outros dados dos questionários apontam que 44% dos entrevistados consideram relevantes que profissionais e monitores se façam presentes em horários e dias específicos para prestação de orientação e estimulação as práticas esportivas e de lazer desenvolvidas em equipamentos específicos da Orla de Atalaia, como, por exemplo, nos equipamentos de ginástica.

Gráfico 13 - Opinião sobre a necessidade de profissionais estimulando e/ou orientando as práticas de esporte e lazer na Orla de Atalaia.



Diante disso, podemos dizer que se torna urgente a implantação de Políticas Públicas não só de manutenção física do espaço da Orla e de seus equipamentos, mas,

sobretudo de incentivo à participação e gestão popular, de acesso irrestrito aos bens e práticas desse local, de incentivo à utilização desse espaço nos horários de menor fluxo através de parcerias com as redes públicas de educação e outras, além da oferta de mais atividades culturais como teatros, apresentações públicas de cinema, shows de artistas locais sem caráter mercadológico etc., ou mesmo de incentivo ao desenvolvimento do esporte comunitário e de participação.

Cabe ao gestor público compreender as Políticas Públicas em sentido amplo, vislumbrando o lazer em conexão com as questões urbanas no geral, seja em relação ao transporte, à segurança, à educação, à cultura etc. Afinal, se os equipamentos de esporte e lazer da Orla de Atalaia estão à disposição da população, cabe aos gestores e administradores públicos incentivar e potencializar a apropriação desses pela população, especialmente àquela parcela que não tem acesso aos bens privados de lazer da vida contemporânea.

REFERÊNCIAS

ADORNO. T.W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BAGRICHEVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana (orgs.). **A saúde em debate na Educação Física volume 1**. Blumenau/SC: Edibes, 2003.

BAGRICHEVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana; DaRos, Marco (orgs.). **A saúde em debate na Educação Física volume 2**. Blumenau/SC: Nova Letra, 2006.

BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana; PALMA, Alexandre (orgs.). **A saúde em debate na Educação Física volume 3**. Ilhéus/BA: Editora da UESC, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CARVALHO, Yara M. de. 4ª. Ed. **O 'mito' da atividade física e saúde**. São Paulo: Hucitec, 2009.

DEVIDE, Fabiano Pries. Educação Física, qualidade de vida e saúde: campos de intersecção e reflexões sobre a intervenção. **Movimento**, Porto Alegre, vol.8, n. 2, maio/agosto 2002, p. 77-84.

FERREIRA, Marcelo Guina. Crítica a uma proposta de Educação Física direcionada à promoção da saúde a partir do referencial da sociologia do currículo e da pedagogia crítico-superadora. **Movimento**, ano IV, n. 7, 1997/2, p. 20-33.

FRAGA, A. G. **Exercício da Informação: Governo dos Corpos no Mercado da Vida Ativa**. Campinas/SP: Autores Associados, 2006.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. 4. ed. revista. São Paulo: Moraes, 1980.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

MARCELLINO, N. C. (org). **Espaços e Equipamentos de Lazer em Região Metropolitana**. Curitiba: OPUS; 2007.

MARCELLINO, N. C. (org). **Políticas Públicas de Lazer**. Campinas: Alínea, 2008.

MASCARENHAS, F. “Lazerania” também é conquista: tendências e desafios na era do mercado. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p.73-90, maio/agosto de 2004.

MATIELLO JÚNIOR, E; GONÇALVES, A. Entre a bricolagem e o personal training, ou...a relação atividade física e saúde nos limites da ética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XII, 2001, Caxambu. **Anais...** Caxambu: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

MELO, V. A; JUNIOR, E. D. A. **Introdução ao Lazer**. Rio de Janeiro: Manole, 2003.

PEIXOTO, C. E. A Sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v 27, n. 10, p. 138-149, 1995. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_27/rbcs27_09.htm

PADILHA, V. **Shopping Center: a catedral das mercadorias e do lazer reificado**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), IFICH, Unicamp, Campinas, 2003.

PELLEGRINI, A.D. **Os contrastes do ambiente urbano: espaço vazio e espaço de lazer**, 1999. Dissertação (mestrado e, E.F.) Unicamp. Campinas, SP, 1999. 185 p.

PINTO, L. M. S. M. *et al.* O lazer. In: PINTO, L. M. S. M. *et al.* (Org). **Brincar, Jogar, Viver: intersetorialidade com o PELC** – Volume I, n 1, Novembro de 2008.

PRONI, Marcelo W. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas/SP: Autores Associados, 2002. (Coleção Educação Física e esportes).

PEIXOTO, Clarice. A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: a busca de estratégias para preencher o vazio de inatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 10, p. 138-149, 1995. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_27/rbcs27_09.htm

SANTINI, R. C. G. **Dimensões do Lazer e da Recreação. Questões espaciais, sociais e psicológicas**. São Paulo: Angelotti, 1993.

SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade**. Campinas: Autores Associados, 2001.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ARTIGO 2

AS "TRIBOS" DA ORLA: INVESTIGANDO OS GRUPOS SOCIAIS NOS MOMENTOS DE LAZER

Luciana Carolline Pina Garcia

Paula Aragão

Cristiano Mezzaroba

INTRODUÇÃO

Esta investigação realizada no complexo de lazer “Orla de Atalaia” em Aracaju-SE integra uma pesquisa construída pelo grupo de estudos Observatório da Mídia Esportiva da Universidade Federal de Sergipe¹, denominada de Projeto Orla², a qual tem como foco de análise a investigação dos equipamentos de lazer e esporte, bem como, a utilização desses na Orla de Atalaia em Aracaju/SE. Neste contexto iniciamos aqui a discussão do segundo eixo da pesquisa na intenção de investigar a ocupação, pela população, dos equipamentos de esporte e lazer existentes.

A Orla de Atalaia³ reúne em toda sua extensão um número diversificado de equipamentos destinados às práticas corporais de lazer, a exemplo da caminhada, da corrida e da patinação, além dos equipamentos específicos destinados a algumas práticas esportivas como basquetebol, voleibol, futebol, tênis, *skate*, entre outros. Essa diversificação proporciona o encontro entre as pessoas que frequentam o complexo, caracterizando a Orla como um ponto de encontro do que se pode chamar de diversidade de grupos sociais, aqui denominados de tribos⁴. Essas “tribos” foram selecionadas de acordo com o interesse da pesquisa, logo, foram escolhidos grupos que de alguma forma ocupavam os equipamentos para uma determinada prática esportiva de lazer ou não.

A palavra “tribo” se aplica a um grupo social com relativa ocupação espacial e que pode apresentar culturas próprias, isento de organização política ou qualquer forma da autoridade (FERREIRA, 2001). Tribos, neste texto, não possui o sentido de “etiquetagem” da palavra, que traduz um significado malfadado de pessoas marginalizadas, não será atributo de taxadores do que lhes é indiferente ou fora do padrão habitual. Utilizaremos aqui o sentido que Pais (2004) caracterizou como forma de convivência geradora do sentimento de pertença, conseqüentemente de identidade.

Ao observar cada equipamento de lazer ocupado na orla: quadras, pistas, parques, praças, entre outros, pode-se perceber a existência de características peculiares aos grupos frequentadores, tanto no tocante às vestimentas, acessórios e linguagem, quanto aos estilos, uso de gírias, expressões e comportamentos. Características que expõem culturas diversas, formas de organização que geram nas pessoas uma identidade com o grupo e com o local que frequenta e um sentimento de pertença a ambos. Além disso, essa ligação ao local perpassa pelo atrativo que o próprio complexo de lazer apresenta e que move o interesse dos frequentadores em relação aos seus equipamentos.

Mediante a análise do tempo de permanência, horários e dias de maior aglomeração é possível encontrar algumas tribos nos seus equipamentos específicos e delinear possíveis aspectos culturais, econômicos e sociais (englobando normas, valores e *status*) que caracterizam estes grupos, o que leva a um reconhecimento que pode ser compreendido pelos objetivos comum a todos, o de frequentar o espaço de lazer. Diante

¹ O Grupo de Estudo congrega os pilares da Universidade no tocante ao ensino, pesquisa e extensão. Desenvolve estudos no campo da Educação Física, Esporte e Mídia e principalmente, a relação mídia-educação, tem sido foco de nossos debates e possibilidades

² O Projeto foi elaborado inicialmente pensando em três eixos centrais: 1) A estrutura dos equipamentos de lazer; 2) As competições esportivas que ocorrem na orla; 3) As “tribos” que frequentam a orla de Atalaia.

³ O espaço público Orla de Atalaia foi construído em duas etapas: 1ª etapa, Projeto Capital entregue em agosto de 1994; 2ª etapa Nova Orla de Atalaia – 2º trecho, entregue em março de 2005 (<http://www.orladeatalaia.com.br/nossaorla.htm>). Eventualmente, no decorrer do trabalho o nome “orla” fará referência a este espaço público.

⁴ Para a pesquisa seguiremos a ideia de que tribos é uma denominação utilizada para os grupos que frequentam a Orla de Atalaia e por ocuparem equipamentos de lazer distintos e em horários diversificados.

disso, buscamos identificar as tribos dentro do seu convívio, enfocando seus interesses em relação aos equipamentos que compõem o complexo público de lazer Orla de Atalaia.

Neste sentido, é válido ressaltar que algumas indagações geradoras nos ajudaram na construção do objetivo proposto, a saber: os fatores relevantes quanto à caracterização dos sujeitos e dos grupos aos quais pertencem (indumentária, linguagem, prática corporal escolhida); identificação de aspectos como acessibilidade, localização e estrutura que são oferecidos pelos equipamentos de lazer frequentados.

Mediante uma observação preliminar⁵ pudemos perceber que cada espaço possui suas próprias características, a exemplo dos escritos (frases, nomes, desenhos) encontrados nas pistas de *skate*, os quais esboçam uma linguagem e uma expressão peculiar. Diante dessa constatação procuramos entender o sentido dessa linguagem transmitida pelos atores/autores de cada “tribo” e como essas particularidades se relacionam com a organização e convivência do grupo.

O número cada vez maior de frequentadores da Orla de Atalaia atrai olhares⁶, inclusive o nosso. Assim, este estudo vem proporcionar uma aproximação a novos contextos, instigando novas perspectivas em relação às chamadas “tribos”.

Partindo desse pressuposto, é possível dizer que diferentes realidades passam despercebidas no cotidiano (fritamente banalizado) de nossa sociedade e escondem as razões que “despretensiosamente” obrigam alguns grupos não desfrutarem de todos os atrativos que a orla dispõe ou mesmo os impelem à marginalização em um lugar prioritariamente público; além disso, este estudo possibilita uma compreensão de fatores que provocam o deslocamento dos sujeitos residentes em localidades distantes, em direção aos equipamentos de lazer que podem ser utilizados sem cobrança.

É, portanto, função da pesquisa trazer à tona aspectos que auxiliem no desvelamento da relação entre os grupos e os equipamentos estudados, enquanto uma integração de recíproca mudança, pois cada grupo parece moldar o seu espaço de acordo com seus gostos, opiniões e *status* social.

Tribo: marca cultural e meio de socialização

Toda cultura⁷ é marcada pelo tempo e espaço presentes. As formas de vida apresentadas no decorrer das evoluções civilizatórias tornam frequentes o aparecimento de grupos de pessoas que se adequam às modificações decorrentes da modernidade que se impõe. As mudanças exprimem outras exigências para a realidade atual, novas adaptações também em termos socioculturais. Crianças, jovens e adultos possuem modos específicos de se ajustarem/interagirem ao meio e uma delas é mediada pelos

⁵ O Diário de Campo; as entrevistas com os sujeitos e as observações com recursos audiovisuais foram nossos aliados na captura das informações.

⁶ Verifica-se que a Orla é considerada um espaço destinado ao turismo, às práticas esportivas e a empreendimentos artístico-culturais, seja no campo privado ou público e, portanto, atrai não somente a atenção daqueles que frequentam os seus equipamentos em busca de algum tipo de refúgio do cotidiano, mas também de pessoas que usufruem desse espaço com vistas em objetivos econômicos e políticos, portanto, os olhares dos observadores se voltam em torno de cada acontecimento com a intenção entender melhor as relações que circundam os equipamentos de lazer na grande orla.

⁷ De acordo com Chauí (2006, p. 250-51) o termo cultura é plural, pois os sistemas de proibição e permissão (leis), as instituições sociais, religiosas, políticas, os valores, as crenças, os comportamentos variam de formação social para formação social e podem variar numa mesma sociedade no decorrer do tempo.

grupos sociais dos quais participam, isso pode moldar o convívio, gostos, comportamentos e os demais modos de socialização.

A existência de grupos sociais que possuem as características de tribo, é a marca de que há uma diferenciação nas formas de socialização.

Para Costa; Pires (2006), cada grupo social dispõe de aspectos pessoais que se identificam por meio dos usos e costumes, dentre eles o destaque é o modo de vestir-se apresentado, e esclarecem que as roupas desempenham um papel fundamental no que diz respeito à identificação e reconhecimento no grupo. Neste caso, a roupa transmite um significado por meio de uma linguagem que assegura a cada indivíduo o pertencimento a um determinado grupo social:

Esta linguagem se faz presente em várias circunstâncias, como na rua, no trabalho, na escola, na festa, as pessoas comunicam sua idade, seu sexo, seu nível social, sua personalidade, origem, gostos, enfim, uma série de informações que podem ser identificadas pela moda/indumentária (COSTA; PIRES 2006, s/p).

Percebe-se, portanto, que há uma interpretação dos modos de ser e conviver dos integrantes de um grupo, traduzida e reproduzida a partir da linguagem transmitida no modo de vestir dos indivíduos. Ela pode transferir um sentido de divisão de grupos, seja por sexo, etnia, nível social, faixa etária, prática esportiva e outros. Assim, a indumentária poderá configurar também, desafios de formas de poder, no sentido de *status* social; uma forma de estabelecimento de dominação/ocupação em torno dos locais frequentados; além de modelos culturais que correspondem às exigências ditadas pela sociedade.

Os meios sociais, os mais distintos espaços de encontros entre as pessoas, sejam físicos ou virtuais, são estimulantes do crescente surgimento de diferentes grupos e, principalmente, daqueles nomeados “tribos”, o que possivelmente reflete a necessidade que as pessoas têm de não estarem sós, isto é, uma necessidade de criar vínculos a partir dos próprios modos de ser e viver.

Segundo Hack; Pires (2005), os agrupamentos entre os indivíduos constituem formas de socialização nas quais, principalmente a juventude, encontra referências e liberdade para organizar para si um modelo ideal de comportamento e vai formando sua identidade a partir das situações vivenciadas, considerando suas experiências, percepções e atuações no grupo.

As representações simbólicas⁸ e situações sociais provocam importante influência na sociedade hodierna refletindo nas ações, costumes e comportamentos dos grupos e das pessoas em particular. Por isso, pode-se dizer que o agir coletivo torna-se não somente uma referência para um membro, mas um modo permanente de adequação e formação de modelo ideológico de convivência entre os jovens.

Os estudos de Hack; Pires (2005) acerca das culturas juvenis apontam a criação de novos modos de vida como uma necessidade das novas gerações, as quais não podem ser entendidas puramente pelos conceitos geracionais e classistas⁹, mas como

⁸ O que de modo imperceptível age sobre os indivíduos, os quais consciente ou inconscientemente se fazem cúmplices de sua existência e de seu poder provenientes de estruturas sociais que transmitem ideais de uma cultura dominante (BOURDIEU, 2007).

⁹ Para os autores, o conceito geracional de juventude provém de definições funcionalistas do processo de socialização o qual deve ocorrer continuamente através da conservação ou sedimentação das relações entre as gerações. Já a conceituação classista é determinada através da representação social do jovem (sexo, etnia e principalmente classe social).

organizações capazes de engendrar seus próprios anseios no cotidiano, consolidar sua representatividade social no tempo e no espaço presentes, ações que podem ser ou não contrárias às normas vigentes.

Neste ponto, enfatizamos que nos estudos de Pais (2004) ele aponta para as possíveis formas de comportamento das tribos, sendo a primeira uma forma submissa e a favor das normas vigentes, a fim de não serem taxadas e tornarem-se ao máximo imperceptíveis nos meios sociais, ou aceitáveis. Em contrapartida, a segunda não mede esforços para subverter a ordem do seu campo, do seu espaço, com o objetivo de ser percebida, mesmo que esteja à margem. Estas formas de adequação à sociedade são diariamente enfrentadas pelos jovens que buscam o reconhecimento social, jovens que criam a cultura do seu tempo, jovens que procuram raiz identitária e moldam seu modo de ser no mundo.

É válido ressaltar que as inferências da sociedade não estão restritas à juventude, elas englobam de certa forma indivíduos de todas as idades, sexo e etnias. Por isso, as tribos ou agrupamentos sociais destacados na presente pesquisa também podem criar e recriar seu próprio contexto, desenvolver suas potencialidades e subverter as normas impostas pelo sistema no tocante aos modos de vida, gostos, usos e costumes, enfim, ao seu universo cultural de acordo com interesses que não priorizem aspectos econômicos e consumistas e sim, circunstâncias que possam contribuir no “avanço individual ou coletivo do processo de desenvolvimento do homem” (PIRES, 2002, p. 130).

Compreensão acerca do lazer

Um acontecimento característico dos grandes centros urbanos é o aglomerado de pessoas que buscam em um local específico, objetivos em comum. Nas tribos, as pessoas encontram modos de explorar juntas, principalmente espaços de entretenimento e de lazer, com destaque os jovens.

As pessoas encontram-se normalmente em busca de preencher os horários de não trabalho, destinando-os a algum tipo de diversão ou distração, o que hoje denominamos de lazer. Esse tempo à parte, do pouco que resta dentro o tempo destinado aos muitos afazeres de dias de intenso trabalho na sociedade do “ontem”, da pressa, do tempo medido milimetricamente para dominar o próprio Deus da cronologia. Tempo valorizado, organizado e direcionado a atividades que nem sempre correspondem ao verdadeiro objetivo imaginado pelas próprias pessoas.

Sendo recente, o termo lazer é característico da sociedade pós-revolução industrial. Dumazedier (1974), pesquisador deste termo, explica que na sociedade grega os homens consideravam de suma importância para os cidadãos, uma vida de contemplação da natureza, de reflexão, logo, a necessidade do ócio. Ele percebeu o ócio como um momento de dedicação às meditações, que normalmente se dava em locais abertos, próximos aos mais naturais elementos.

No entanto, este autor não considera que os termos contenham o mesmo significado, habitualmente lazer e ócio são entendidos normalmente como sinônimos, porém, as suas significações exprimem épocas bastante distintas da história da humanidade. Entende-se que sempre existiu o tempo do não trabalho, no entanto, ociosidade denota o estilo de vida dos fidalgos gregos, paga pelo trabalho dos escravos. Por outro lado, isso não exprime a existência do lazer, visto que este segundo termo detém características específicas da civilização moderna ou pós-industrial.

A ociosidade dos nobres estava sempre ligada aos mais altos valores da civilização, mesmo quando na realidade ela era marcada pela mediocridade ou pela baixa. Entretanto, o conceito de lazer não convém para designar as atividades destas castas ociosas. O lazer não é ociosidade, não suprime o trabalho; o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho (DUMAZEDIER, 1974, p.28).

O tempo livre que as tribos observadas preenchem com jogos de recreação, passeios, atividades físicas e de relaxamento, teria sob o prisma sociológico, duas vertentes para possíveis análises considerando uma visão maniqueísta. Por um ângulo, os estudos sobre o ócio apontam os elementos primordiais a esta atividade, que resumidamente ficam caracterizados como oportunidade do desenvolvimento intelectual humano e progresso da cultura. Por outro ângulo, o controverso lazer é considerado mais uma criação forçada da sociedade capitalista, marcado pelas características da cultura consumista de massa (DUMAZEDIER, 1974). Desse modo, o lazer ao qual se destina os equipamentos construídos no complexo da Orla de Atalaia pode ser representado pelos interesses que movem as tribos a aproximarem-se destes locais.

Além disso, a dedicação a esse tempo do não trabalho é também representada como meio de produção cultural, de livre expressão das pessoas que vão à busca de aproximar-se de si mesmas, nos espaços nos quais se encontram com seus afins; como formação dos grupos sociais que podem dar continuidade à forma manipulativa das relações de poder do mundo profissional; e um último aspecto, um motor de movimentação de capital nos espaços onde necessariamente é exigido investimento em troca da utilização, ou seja, o caráter estimulante e prazeroso do entretenimento transforma este serviço em moeda de troca, uma mercadoria não material.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A construção deste estudo configurou-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva a partir da realidade observada e analisada, a fim de proporcionar o conhecimento sobre o objeto de estudo mediante a possibilidade de correlacionar o fenômeno e as possíveis variáveis (MINAYO, 2007; TRIVIÑOS, 2006).

Os grupos sociais aos quais nos direcionamos no presente estudo, encontram-se não somente vinculados aos propósitos inerentes da pesquisa, bem como ao contexto formado pelas inúmeras diversificações culturais, econômicas, políticas e sociais existentes, fatores que exercem influência sobre toda a comunidade que se aglomera em busca dos equipamentos de lazer do Complexo Orla. Diante disso, pode-se dizer que a seleção dos grupos aqui apresentados se deu a partir da primeira aproximação dos pesquisadores com os pesquisados, bem como pela ligação com as práticas corporais esportivas e de lazer dos sujeitos investigados.

Para Triviños (2006) as formas de vida precisam, além de tudo, serem interpretadas, não basta descrevê-las, é preciso conduzi-las a um entendimento mais amplo. Sendo assim, para melhor interpretação e análise das relações entre as tribos e os equipamentos de lazer da orla, foi construído um vídeo-texto a partir de filmagens e fotografias que também serviram de suporte para as análises dos acontecimentos, juntamente com as anotações diárias construídas ao longo das observações *in locus*, pois se trata de formas de vida, de linguagens e diferenças socioculturais, que necessitam de uma observação atenta.

Desse modo, os grupos se tornam protagonistas da vida real e fonte de análise dos olhares atentos dos observadores. De acordo com Ribeiro *et al* (2003), essa construção possibilita o rememorar dos fatos através dos meios tecnológicos, não como

deslumbramento, mas como aproximação das “pessoas vivas” com as imagens da realidade e contribui para o entendimento acerca das questões de ocupação desses equipamentos de lazer.

Destacamos, portanto, a câmara fotográfica e a filmadora como recursos técnicos para registrar a partir de uma sequência de imagens, os equipamentos muitas vezes marcados pelas gravuras, desenhos e símbolos, como parte da identidade do grupo. Eles também trouxeram informações a respeito dos sujeitos, o que possibilitou o desenvolvimento do processo de entrevista, do modelo semi-estruturado utilizado como instrumento de coleta de dados, contando com cinco entrevistas realizadas com os grupos observados e uma entrevista com um representante de uma instituição descrita nas análises, totalizando seis entrevistas.

O desenvolvimento do Diário de Campo (DC) com anotações de dados como datas e horários de visita à Orla de Atalaia, merece destaque visto a sua importância na identificação de equipamentos de lazer que pudessem transmitir as imagens necessárias à captação informações. Assim, os locais de filmagens foram representados pelas pistas de *skate*, de patinação, de caminhada, de ciclismo, de kart; pelas quadras poliesportivas, de basquete, de vôlei; pelos lagos, fontes luminosas e monumentos, entre outros.

Contudo, foi mediante a captação das imagens¹⁰ na Orla de Atalaia de uma forma mais abrangente em sua extensão – ponto de observação – que identificamos os sujeitos como aqueles que se dirigem até o complexo, mantêm uma frequência e desfrutam do seu espaço para alguma prática corporal esportiva ou de lazer.

Estrategicamente as aproximações se deram a partir de visitas regulares ao cenário observado, o qual foi fotografado e filmado em horários distintos na intenção de demonstrar suas características em: estrutura, que consiste em monumentos, pistas, quadras, lagoas, bares, hotéis; extensão, equivalente a seis mil metros de extensão; e atrativos, shows, campeonatos, exposições.

Os dados da pesquisa foram coletados durante um período de um ano e um mês, entre os meses de dezembro de 2008 e janeiro de 2010. Nos três primeiros meses as visitas foram mais intensas chegando a três vezes por semana em virtude do início do projeto ao qual esta vinculada (Projeto Orla) e que estaria também em andamento. A princípio, as visitas eram irregulares em dias diferentes da semana, desde a segunda-feira até o domingo, e conforme as tribos foram detectadas, passamos a observar somente nos dias horários de maior aglomeração, ou seja, nos finais de semana nos turnos vespertinos e noturnos.

Nos meses que se seguiram fomos a busca de nos aproximarmos das pessoas, dos grupos, sempre marcando presença com os equipamentos de observação, pedindo licença para fotografar, filmar, conversar, chegando até a participar de um treino com a tribo do hóquei. Assim, em mais de três meses definimos as tribos que fariam parte da pesquisa, e nos demais (com duas visitas/mês devido ao pouco tempo disponível dos pesquisadores para o deslocamento até o complexo de lazer) foram realizadas as entrevistas de acordo com a disponibilidade dos grupos.

Descrição do local da pesquisa

¹⁰ As imagens foram um ponto de apoio tanto para identificação como para interpretação dos dados da pesquisa. Usando timidamente o modelo baseado em Goellner *et al* (2010) quando trata de estudos culturais, nos quais as imagens são práticas sociais linguisticamente construídas [...], pois além conter signos, símbolos e significados, criam sentidos, expressam relações de poder e enunciam posições de sujeito (GOELLNER *et al*, 2010, p.19).

No período de um ano, ao passo que fomos identificando a frequência no mínimo de utilização semanal das tribos, foram realizadas em igual tempo as entrevistas e filmagens que deram embasamento à descrição dos locais.

O complexo de lazer Orla de Atalaia possui uma infraestrutura por ora acessível e em boas condições, portanto, as chances de encontrar pessoas utilizando seus equipamentos de lazer também eram positivas. Os locais específicos nos quais encontramos as tribos são diferenciados por características como a manutenção dos equipamentos de lazer ou sua localização, levando em consideração os seis quilômetros de extensão.

O primeiro espaço descrito em nosso estudo é o Cara de Sapo *Skate Park* (conforme Foto 02), um complexo de esportes radicais que até 2008 era o único no Brasil que possuía todas as especificações técnicas para a realização de competições de nível internacional, contando com uma dimensão de quatro mil metros quadrados, pista para prática vertical (*Half Pipe*) e vários obstáculos para o *Street* (*banks, funbox, wall ride, quartier pipe*, escadas, pirâmides com escadas, caixote e savana com corrimão), sendo ao todo 27 obstáculos¹¹. A pista de *skate* maior de Aracaju tem uma característica única em relação aos demais locais observados, desenhos de grafiteagem e pichação entre nomes e símbolos adornam o lugar.

Foto 02: Skate Park da Orla de Atalaia



Por ordem, o Kartódromo Emerson Fittipaldi é o segundo espaço descrito, como podemos ver na Foto 03. Inaugurado no ano de 2005, fica localizado na segunda etapa da Orla de Atalaia, com estrutura em adequado estado de conservação e espaço para 2500 pessoas na arquibancada, ainda não possui infraestrutura para grandes eventos, mesmo assim realiza campeonatos de kart anualmente, porém sem intensa divulgação. Este espaço da orla está sob a responsabilidade da Federação Sergipana de Kart¹², a qual em sua administração utiliza o espaço com fins lucrativos, fator que nos chamou atenção, pois até então não podíamos entender até onde se limitava a característica do espaço que é público tornar-se propriedade privada.

Foto 03: Kartódromo Emerson Fittipaldi

¹¹ Dados encontrados no endereço eletrônico: <http://www.skatistaonline.com/category/cidade/aracaju>, acesso em 30 de março de 2011.

¹² De acordo com Paulo Silveira, presidente da Federação Sergipana de Kart, a instituição funcionava no centro da cidade, as corridas eram realizadas na Praça Marechal Deodoro, mas acidentalmente um piloto atingiu um espectador, motivo pelo qual os corredores paralisaram suas atividades, retornando somente cinco anos depois na Avenida Maranhão, Siqueira Campos, bairro periférico da capital. Utilizava um espaço cedido pelo Aeroclube, porém existiam desde essa época e já realizavam corridas na orla, talvez estímulo para o Estado de Sergipe incluir o kartódromo no projeto de construção da Orla.



O terceiro espaço é a quadra de futsal (Foto 04), utilizadas pelos “boleiros do final de semana”, a tribo dos jogadores de futsal. É um espaço conservado e adequado com dimensões padronizadas da prática esportiva específica, fica localizado no final da primeira etapa da orla, mais acessível ao transporte coletivo.

Foto 04: Quadra de futsal da Orla de Atalaia



Por fim, a quadra de handebol finaliza a lista de equipamentos descritos. Em níveis adequados de condição de uso, fica ao lado da quadra de futsal e curiosamente abriga o treino da tribo mais inusitada encontrada no espaço da orla, a tribo dos jogadores de Hóquei sobre patins. Enfim, quadras e pistas abrigam ao todo seis tribos apontadas na pesquisa, as quais após suas descrições fomentam questionamentos antes não mencionados, mas que ainda assim seria impossível realizar as seguintes análises sem considerá-los.

Descrição das Tribos

É certo que a extensão da Orla de Atalaia proporciona uma aproximação com um grande contingente de pessoas, díspares em intenções, mas semelhantes na ocupação de um espaço de tempo encontrado em seu ritmo diário frenético, o preenchimento de um tempo diferente do qual é destinado a sua ocupação empregatícia.

Dentre tantas pessoas que frequentam o complexo para os mais diversos fins, desde o lazer à prática esportiva, da contemplação dos recursos (naturais e artificiais) do espaço à forma de adquirir recursos para o próprio sustento, focamos a pesquisa exatamente em grupos que estavam na a Orla durante o período de observação. De

acordo com nosso DC, quatro grupos atraíram a atenção pelo fato de ocuparem equipamentos de lazer localizados em etapas distintas do complexo¹³.

Em torno de dez tribos foram encontradas a partir das observações, porém por motivo de ausência de maior número de pesquisadores delimitamos o campo para aquelas que frequentavam os equipamentos nas três etapas da orla e que realizassem práticas corporais esportivas ou de lazer. Outros fatores foram o horário e os dias encontrados para realizar a abordagem *in loco*, sendo ambos escolhidos por aqueles de maior aglomeração e tempo de permanência no local e, portanto, a sexta-feira, o sábado e o domingo predominaram para as observações dos campos e realização das entrevistas.

Sendo assim, seis tribos foram escolhidas, considerando que três delas ocupavam o mesmo espaço. Os *skatistas* constituem a primeira tribo da Orla, o grupo que ocupa o Cara de Sapo *Skate Park*. Um aglomerado que se divide entre si, formando pequenos grupos, mas que de um modo geral tem um gosto em comum, a prática do *skate*. Nem sempre dispostos a conversar nos delimitamos a entrevistar aqueles que se mostraram mais permissivos, além de filmar as várias manobras com técnicas perfeitas e também os tombos dos mais ousados e dos aprendizes. Meninos e meninas comungando do mesmo espaço, sem grupos femininos ou masculinos, mas tribos mistas com idade média entre doze e vinte e cinco anos.

Foto 05: Integrantes da “Tribo do Skate”



Os patinadores ocupam este mesmo espaço, o *Skate Park*, ora de modo amigável, ora conflituoso como veremos nas análises. Ainda que em menor número, eles se destacam entre os *skatistas* pelo desempenho, velocidade e uso de vários equipamentos, desde os mais habilidosos aos iniciantes. Esta foi uma tribo observada, porém, nenhum relato de entrevista foi feito, pois os patinadores se mostraram indispostos a conceder entrevistas, mas um fator interessante é que assim como os *skatistas*, meninos e meninas faziam parte da mesma tribo.

Já a terceira tribo que também ocupava este mesmo espaço foi denominada de “bicicleteiros”, termo usado para diferenciar dos ciclistas e definir aqueles que apenas estavam se divertindo, brincando, ainda que também tivessem a intenção de ser um esportista profissional futuramente. Com idade média entre doze e quatorze anos (homens), a maioria deles andava sem equipamento, às vezes nem mesmo uma sandália para proteger-se dos tombos, freadas bruscas ou dos estilhaços de vidro por vezes encontrados no chão da pista.

Foto 06: Integrantes da “Tribo de Bicicleteiros”

¹³ Durante as observações para melhor acompanhamento dividimos o complexo em três etapas, em virtude da sua longa extensão.



Em outro espaço encontramos os pilotos de kart. O Kartódromo Emerson Fittipaldi abriga uma tribo constituída por um grupo de empresários e amigos que mantêm viva a Federação Sergipana de Kart. Percebemos que há uma relação familiar nesta tribo, pais e filhos correm juntos (homens), são adeptos das corridas de kart e por isso há uma grande variação na idade, que vai desde os dez aos quarenta anos. Bem equipados, os pilotos mostram-se conhecedores peritos da prática e comprometidos com os treinos ou momentos de diversão.

Foto 07: Integrantes da “Tribo do Kart”



Na primeira etapa da Orla encontramos os jogadores de futsal de final de semana, uma tribo constituída por trabalhadores (homens) de uma mesma empresa com idade média entre vinte e trinta e cinco anos. O fato de serem da mesma empresa não é coincidência, o que faz esta tribo ter um diferencial das demais, o fomento dos seus empregadores à prática do esporte escolhido, fornecendo fardamento e promovendo campeonatos entre os pólos da rede da empresa com premiações.

Foto 08: Integrantes da “Tribo do Futsal”



E a última das tribos da pesquisa também apresenta um diferencial, porém este é da própria prática escolhida, o hóquei sobre patins. Um grupo único em Aracaju que homenageia um time que já existiu, o *Bravs*, dizendo ser renascido das cinzas por isso o nome de *Fênix*. Com este nome, o grupo se consagra como o único da capital, quicá do estado de Sergipe e realiza seus treinos semanais na quadra de handebol próxima à de futsal na primeira etapa do complexo. O grupo mantém uma frequência assídua de treino aos finais de semana e possui equipamentos adequados à prática apesar do custo financeiro para cada membro. São jovens, homens, entre vinte e vinte e dois anos, universitários que treinam com a responsabilidade de um time que almeja o profissionalismo e que se diverte ao mesmo tempo.

Foto 09: Integrantes da “Tribo do Hóquei”



Foi observado que a presença feminina nas tribos era algo incomum, com exceção do *skate*, as demais tribos não tinham a presença feminina, sendo constituídas exclusivamente por pessoas do gênero masculino.

APROXIMAÇÕES DAS ANÁLISES

Para iniciarmos a análise da pesquisa, apresentamos os sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento das observações e do nosso quadro de filmagens, fotografias e entrevistas: os “habilidosos” *skatistas* (SK) e os patinadores (PA), os ciclistas (BC) “sonhadores” (como futuros profissionais da Bike Cross), os jogadores de futsal “de final de semana” (FS), os “pilotos” do kart (KA), os “quase desconhecidos” jogadores de hóquei (HO).

Durante as observações, dois equipamentos de lazer da Orla, administrados pelo SESC¹⁴, dos quais alguma tribo poderia estar usufruindo, curiosamente nunca foram vistos sendo ocupados (uma quadra poli-esportiva e um campo de futebol suíço). Assim, com a oportunidade, pudemos entrevistar o diretor local, com interesse em seus relatos fizemos exceção, pois não se trata de tribo, mas de uma obstrução de uso de um equipamento de lazer, por isso incluímos nas análises alguns trechos da sua entrevista, identificados por administrador do SESC (AS).

Além das indagações norteadoras desta pesquisa, outros aspectos relevantes foram surgindo ao longo da aproximação do campo de estudos mediante os recursos utilizados. A partir de então, surgiram algumas temáticas que contribuíram para as análises das entrevistas, fruto do próprio campo investigativo.

¹⁴ Serviço Social do Comércio em Aracaju-SE, grupo que visa garantir a excelência na prestação de serviços, contribuindo para a qualidade de vida dos trabalhadores do comércio de bens e serviços e comunidade em geral, através dos programas: **Educação, Saúde, Lazer, Cultura e Assistência.**

Delimitaremos no primeiro momento das análises duas fases da observação. Faremos um diálogo entre trechos das entrevistas, análises das filmagens e imagens do arcabouço de dados e a concepção teórica, exercício do qual resultará a identificação ou primeira fase, relativa ao estado à aproximação com a prática esportiva ou de lazer, o porquê da escolha. A segunda fase, de identidade, refere-se ao processo de socialização que se cria entre os pares dentro das próprias tribos, o sentimento de pertença, as peculiaridades do grupo e do equipamento ocupado e o encontro com práticas inusitadas, pouco conhecidas na cidade.

Dando continuidade às análises, concentramos atenção em temáticas suscitadas a partir dos estudos das entrevistas. Pela recorrência dos fatos consideramos relevante tratar das questões de acessibilidade, da qualidade dos equipamentos e das incógnitas público/privado, pois todas giram em torno do modo pelo qual a(s) tribo(s) se apropria(m) do(s) espaço(s) ou como ela(s) é(são) sustentada(s) do(s) seu(s) equipamento(s). Isso, claro, sem esquecermo-nos da relação oportuna na realização da prática de lazer e o jogo mercadológico que nos faz questionar a atuação governamental com as políticas públicas.

Do relacionamento entre as pessoas às práticas esportivas não convencionais

Dentre os motivos que impelem os grupos a se agradarem das práticas de lazer que a Orla oferece, encontramos também razões para algumas pessoas se encontrarem e se descobrirem em gostos e estilos, demonstrando o caráter do tempo livre de incentivo à criação, expressão e satisfação de um grupo, ou de um membro do grupo, considerando neste aspecto, o sentimento de pertença em relação a alguma tribo como demonstração da função de socialização desses grupos apontada por Hack; Pires (2005).

[...] quando eles começaram a fazer a pista eu vinha passear na orla e também eu via a galera andando, me interessei pelo *skate*, [...] estou andando até hoje [...]. A pista sem dúvida é mais fácil pra mim, mais prático, que na verdade foi aqui que comecei a andar de *skate*, [...] Então, já tem, vamos dizer, um afeto maior [...] Conheci todos a partir do momento que comecei a andar de *skate* (SK).

[...] O primeiro encontro de amigos pra jogar hóquei foi no Cordesi (colégio) e logo após no Arqui (colégio Arquidiocesano) [...] (HO)

A partir do primeiro encontro, a tribo do hóquei sobre patins buscou locais mais adequados para treinar, e juntos os membros encontraram a quadra de handebol, que para eles tem proporções e piso mais adequados em relação aos anteriores. Assim, se organizaram com os equipamentos e mantêm o hábito de treino semanal na orla.

Existe uma grande diversidade que marca o grupo, mas que em pequenos aspectos chama atenção e se torna algo que o identifica. Ao verificar os relatos de uma skatista, destacamos outro aspecto relevante para a formação das tribos, suas peculiaridades. Costa; Pires (2006) enfatizam em seus estudos a importância da identidade de uma tribo, das principais características que consolidam sua existência, principalmente quando se trata da indumentária, sem negar as individualidades.

Destacamos as seguintes afirmativas acerca dos *skatistas*:

Assim, você pode reparar que talvez não, as pessoas que estão assim de fora quando olha podem perceber todo mundo igual, mas quem frequenta aqui, anda de *skate* mesmo, que tem primo, parente, enfim, percebe que não é bem assim. Cada um tem um estilo de roupa diferente, cada um tem uma maneira de andar de *skate* diferente né? Um anda com mais impacto, outro anda com manobras mais técnicas e assim vai [...] algumas pessoas preferem andar com uma calça mais larga, porque tem mais facilidade de movimento, outras pessoas já preferem mais justas, porque a calça pode enrolar, pode embolar na roda, pode atrapalhar na hora que tiver mandando a manobra. Então, isso é de cada pessoa mesmo. (SK)

[...] Porque a roupa de skatista tem gente que usa mais as calças punk, que é apertadinha aqui (na perna), tem outras mais folgadas, o tênis que é diferente também. (SK)

Já em relação à caracterização do equipamento de lazer, não há muita concordância para combinação entre as marcas existentes no *Skate Park* e os seus usuários. Isso fica claro em falas de participante da mesma tribo:

Eu acho que sim. Tem muitos que gostam [...] Tem algumas coisas que eu acho legal assim, mas não é meu estilo, assim, grafite. (SK)

Acho legal. É porque é a arte dos grafiteiros e também deixa a pista mais aquele estilo skatista. (SK)

Eu acredito que toda forma de arte, porque os grafites e até mesmo as pichações não deixam de ser uma forma, e todas essas formas de arte tem um significado diferente para cada pessoa [...]. Mas eu acho que combina um pouco assim, com o *skate* em si, o jeito despojado, as letras mesmo podem significar alguma coisa pra mim, mas pra você não é a mesma coisa, não pode significar nada [...]. Sim, sim. Eu acho que é um ponto que a gente pode tirar, a gente aí, o estilo mesmo, eu acho que dá pra você encaixar o *skate* dentro dessa forma de arte. Desse tipo de arte. (SK)

Em se tratando de caracterização do local com marcas peculiares, aparentemente feitas pelas tribos usuárias, as atenções se voltaram para a pista de *skate*, pois somente ela apresentou marcas, que ora aparecem, ora desaparecem ao longo das reformas e dos gostos dos pichadores.

Em alguns trechos das entrevistas com as demais tribos também é possível detectar o prazer de estar vivenciando os momentos de ociosidade com a prática escolhida, como por exemplo:

[...] quando eles começaram a fazer a pista eu vinha passear na orla e também eu via a galera andando, me interessei pelo *skate*, achei uma prática legal e pedi um *skate* a meu pai e minha mãe. Eles acharam meio estranho, assim, no momento, mas me deram e estou andando até hoje. (SK)

[...] Tenho 12 anos, gosto de vim aqui todos os dias porque eu sou muito “secureto”. (BC)

E o ambiente amigável e de aceitação entre os pares:

Eu tenho muitos amigos aqui, sabe? Todo mundo aqui é muito amigo e eu gosto pra caramba de andar de *skate*. Não sei dizer muito bem, mas é uma inspiração que a galera sabe andar bem aqui aí eu me inspiro nessas pessoas. (SK)

Neste contexto, observamos que existem modalidades esportivas até então despercebidas pela comunidade aracajuana, é o caso do Hóquei. Além da dificuldade de aceitação da modalidade, os praticantes têm que driblar todas as dificuldades para consolidar esta prática esportiva. Os jogadores de hóquei relatam toda a dificuldade de comprar um equipamento muito dispendioso e ao mesmo tempo, expressam o ganho de todo o esforço:

Aqui se você for ver só o preço dos patins é um absurdo! É quem pergunta isso (custo para entrar no time), falo logo, olha não é barato não. A gente não compra equipamento todo novo, porque já compra usado mesmo, mas procura saber se tá num estado bom e tal! [...] Nada, fora o prazer do próprio esporte! [...] financeiramente, nada! Mas em questão pessoal... Satisfação! (HO)

O depoimento acima aponta a evidente ausência de uma política pública de incentivo a práticas esportivas e de lazer pouco difundidas, pois até mesmo onde o time treina, quadra destinada para o handebol, na qual durante as visitas pudemos constatar que nunca encontramos um time de handebol jogando e usufruindo o espaço público.

Um dado importante surgido ao longo do processo de observação foi a presença mínima de pessoas do gênero feminino. Tão inusitada quanto a presença dos jogadores do hóquei, o público feminino é mínimo frente à oferta do complexo. E ao contrário dos demais grupos, a tribo dos *skatistas* mostram uma relação harmoniosa entre os gêneros, constituindo um marco para as “Tribos da Orla”. Este marco, portanto, criou novos posicionamentos acerca dos estudos das tribos, primeiro em relação à convivência entre os gêneros na tribo (*Skate*); em segundo lugar questionamos a ínfima presença de um público feminino usuário dos equipamentos.

Para tanto, deve-se saber que as definições de gênero, para qualquer relação social, são construídas pela própria sociedade. Para Goellner *et al* (2009) gênero é uma condição social da qual identificamos o masculino e o feminino, não sendo pois algo natural, mas construído social e culturalmente, neste sentido a falta da presença feminina pode ser vista como algo que perpassa o masculino e o feminino e os usos de espaços públicos de lazer para além de uma determinação social.

Sendo a sociedade uma determinante para as condições de afirmação social e espacial dos gêneros, podemos identificar, conforme depoimento de uma skatista, ao se referir sobre a opinião de seus pais em relação à sua opção pela prática do *skate*:

[...] achei uma prática legal e pedi um *skate* a meu pai e minha mãe. Acharam meio estranho [...], mas me deram[...]. (SK1)

Pergunta-se o porquê do estranhamento dos pais em relação ao desejo da filha. Seria estranho a prática ou o gosto de uma menina pela prática do *skate*? Talvez convencionalmente a sociedade habituou-se a associar uma prática corporal a um estereótipo ou a gêneros (às mulheres, gestos leves, suaves, nada de força ou potência; aos homens, agilidade, força e potência).

Entre os membros da tribo dos *skatistas*, as meninas afirmam que não há problema com a presença delas no *Skate Park* e sempre aparecem interessadas, no entanto, há um desabafo quanto à valorização da prática em competições, exemplo:

[...] todo mundo anda normal aqui, somos amigos [...] Eu acho que o *skate* feminino ta crescendo aqui em Aracaju vai aos poucos, porque não tem muitas meninas que praticam, mas já tem umas dez no total (que praticam para nível de competição) e eu acho muito interessante, porque elas vêm a gente andando aqui e acham bonito ou então, sei lá, o estilo e aí começam a andar também. E falar também sobre competição, acho que aqui em Aracaju o *skate* feminino não é muito valorizado, aí a categoria que é a principal mesmo é o Amador I e o Open (categorias exclusivamente masculinas), [...] acho que eles deviam olhar também pra o lado do *skate* feminino porque, sei lá, a gente se sente muito no canto, discriminado um pouco, porque eles (patrocinadores e organizadores de eventos) não dão valor. (SK2)

Portanto, fica em relevo a proposta de adequação aos equipamentos de práticas corporais da Orla de Atalaia. Podemos classificar como uma responsabilidade administrativa que envolve discussões no âmbito das políticas públicas, pois é visível que 90% dos equipamentos específicos estão voltados para práticas esportivas convencionais, e curiosamente o espaço que não se destina a tal é justamente o que abriga um pequeno contingente, por isso, significativo de grupos mistos, com presença feminina com idade média de vinte anos. É possível pensar que o complexo poderia ser contemplado com outros equipamentos que pudessem atrair a presença feminina – aqui defendemos a inclusão das mulheres como usuárias, não como meras observadoras de práticas corporais e esportivas “alheias” (masculinas).

Podemos ainda questionar se para a construção do complexo o público alvo foi considerado relevante e ainda se dentro deste contingente houve uma intenção de atrair o público feminino.

Todos estes relatos demonstram que as pessoas se identificam de acordo com seus gostos e estilos e, a partir de então, tornam-se parte de uma identidade social. As tribos são o exemplo de convivência, de usufruto de uma prática em comum sem preocupação ou compromisso com algo além daquele espaço, pois é um tempo de inspiração, criação e de aceitação do outro do jeito que ele é, independente do gênero em casos específicos como na “Tribo do *Skate*”.

Isto porque, além de ser um espaço para possíveis reflexões políticas ou de opinião pública, como pudemos observar nos depoimentos referentes à predominância de equipamentos para práticas esportivas convencionais, direcionando o incentivo às práticas já conhecidas como basquetebol, futsal, voleibol e handebol, deixando de lado o fomento ao conhecimento de práticas diferentes ou não convencionais como o hóquei.

Acessibilidade e Qualidade das Estruturas da Orla: Uma questão Pública ou Privada?

A acessibilidade dos equipamentos de lazer da Orla de Atalaia e a qualidade das estruturas são os fatores primordiais de atração das tribos à localidade, apesar de alguns contratempos para vencer a distância do local de origem dos frequentadores (pois, conforme relataram, alguns frequentadores são das circunvizinhanças de Aracaju) e driblar os obstáculos da forma de administrar o espaço.

Percebemos que até mesmo quem é de Aracaju enfrenta dificuldades para usufruir o espaço, principalmente devido ao sistema de transporte coletivo, porém é ainda mais desgastante para os moradores das localidades circunvizinhas. O trecho a seguir demonstra que a qualidade do espaço vence o desafio de chegar até lá.

[...] Fora o Ruan que é da Barra (cidade Barra dos Coqueiros). É o nosso goleiro, [...] ele tem que atravessar, mas o resto mora. Um mora no Cirurgia (bairro da capital), outro mora perto do Médici (bairro da capital), Luzia (bairro da capital) [...]Vem de moto, carro, carona. Tem gente que vem de ônibus, tem gente que vem de todo tipo (de transporte)...de bicicleta... (HO)

Devido a localidade ser mais fácil pra todos, [...], assim, a maioria reside não tem a quadra pra o esporte, né? E também a facilidade pra o espaço devido o horário que a gente tá vindo. (FS)

Encontramos aqui, nesses depoimentos, pontos importantes para reflexão acerca das contradições no tocante ao espaço público – destinado ao lazer – e a relação econômica/turística que se manifesta. Ora, por que os agentes públicos não desenvolvem políticas de reestruturação e/ou construção de quadras esportivas, dos parques e espaços de lazer nos bairros? Por que apenas a Orla foi “recheada” das melhorias estruturais de lazer e tornando-se um cartão postal do Estado?

Como constatamos em entrevista existem outras pistas de *skates* em outros bairros da cidade, os quais poderiam ser também de boa qualidade e de fácil acesso, porém, não é o que acontece, pois segundo os entrevistados a maior parte dos equipamentos encontrados na orla não existe em outros bairros e quando essa presença é contemplada, a qualidade não se equipara.

Obviamente que a dimensão econômica e política sobressai. As grandes corporações hoteleiras, bem como os bares e restaurantes estão localizados na Orla e, portanto, no mundo da estética da mercadoria (HAUG, 1997) e da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) e preferível esconder os problemas nos próprios bairros, ou seja, deixar a “sujeira debaixo do tapete”.

Além disso, deparamos com outra contradição no tocante aos equipamentos públicos. Algumas instituições como o Serviço Especial do Comércio (SESC), a Federação Sergipana de Tênis (FST) e o Kartódromo de Sergipe são responsáveis pela manutenção de algumas áreas e em contrapartida arrebatam o seu “pedaço no bolo” estipulando taxas para uso da população. Uma relação financeira que toca durante as entrevistas e que se dá em quatro momentos: o investimento do Estado, já que é uma obra governamental resultante da parceria do governo estadual e municipal (Aracaju-SE); o investimento que cada empresário mantém para sustentar as federações; o custo cobrado aos usuários esporádicos do equipamento (para manutenção do espaço); e, os investimentos de patrocinadores quando há realização de campeonatos¹⁵.

¹⁵ Tivemos a oportunidade de entrevistar o jornalista da TV Cidade, o qual afirmou que a emissora estava sendo remunerada para fazer a cobertura da final do Campeonato Sergipano de Kart, mas também acrescenta que “[...] na parte financeira no momento em que você tá transmitindo você consegue

[...] É uma taxa simbólica pra manutenção [...] o gasto é muito grande (no campo socytie) gramado, segurança, aí você tem uma taxa que não chega nem longe, que não tem nem como recuperar [...] comecei a olhar (a tabela de preços) [...] e tava, olhe, de 20 ou 25 reais para associados quando era à noite, R\$ 20,00 de dia. Aí para quem não era comerciário cobrava R\$ 40,00, mesmo assim, 1 hora e meia o cara junta aí um grupo e faz uma cota (AS).

O kart hoje 20 minutos você paga 15 a 20 reais, aí você recebe capacete com macacão, luva, você vem, participa [...], qualquer pessoa pode ter acesso, é um kart que tem proteção, não tem perigo nenhum de você bater e se machucar (KA).

Portanto, a acessibilidade não é tão gratuita, visto que, algumas modalidades e equipamentos esportivos cobram taxas e garantem o acesso seletivo das pessoas em contrapartida do “equivalente geral”. Com isto, o encontro entre todos, inclusive aqueles que fazem uso dos equipamentos restritos, é estabelecido e a relação mercadológica mantém o acesso a poucos.

Da vontade de brincar à elitização “fetichizada” do esporte

O lazer enquanto um aparato mercadológico¹⁶ consegue atrair algumas instituições empresariais em busca do prazer dos poucos usuários, a exemplo dos corredores de kart.

No kartódromo, ocorrem campeonatos anuais, amistosos e treinos constantes, contudo, somente a paixão pela prática não proporciona a satisfação de utilizar o espaço. Em entrevista com um piloto (Presidente da Associação Sergipana de Kart), identificamos algumas nuances que nos faz pensar até que ponto o espaço público de lazer é de fato “público” em prol do lazer de todos os tipos de pessoas que frequentam a Orla.

Hoje tem pessoas que tem poucas condições e tão no kart. O investimento pra tá numa corrida você gasta de 300 a 400 reais por mês, não é muito em relação ao que você se distrai. (KA)

Quais sentidos podemos atribuir ao termo “condições”, neste caso? A que condições está se referindo? Seria de um pai de família que tem que sustentar mulher e filhos, ganhando mensalmente a mesma quantia que alguém que pode investir na utilização do kartódromo para curtir o seu tempo de lazer? Ou mesmo as condições escassas dos meninos da “tribo da bike” que sonham em ser Ciclistas com uma Bike Cross, mas se contentam em ter uma bicicleta de valores altos para seus poucos recursos, valores irrisórios para os empresários do kart.

patrocinadores, então quem tá bancando na verdade é (*sic*) os patrocinadores.” Porém não fala dos patrocinadores nem das cifras em questão. Entrevista realizada em dezembro de 2008 na final do Campeonato Sergipano de Kart.

¹⁶ Ver Dumazedier, *Sociologia Empírica do Lazer* (1974).

Eu queria ser cross, eu gastei 50 reais nessa aí e vou gastar mais 50 reais pra botar raio inox e janta aérea e... e a minha tem documento. (BC)

Também queria ser cross. Eu comprei a minha bicicleta por 30 reais. (BC)

Percebe-se que é grande a movimentação financeira exigida dos usuários para manutenção e conservação da estrutura, tanto no cotidiano e em eventos especiais como campeonatos, que vem atraindo a cobertura jornalística (ano de 2008, etapa final transmitida ao vivo):

[...] Nós temos algumas empresas que estão investindo no kart, mas na maioria são empresas dos próprios empresários, os pilotos aqui a maioria são empresários. Então, cada um banca seu kart, põe o nome da sua empresa [...] A nossa idéia é no próximo ano [...] vendermos as etapas (do campeonato), por exemplo, são dez etapas, a gente faria o seguinte, “1ª etapa- Etapa Coca-cola de Kart”, então, a coca-cola viria pagaria um valor, esse valor seria subsidiado para a associação, né? E seria distribuído em forma de recursos para os pilotos [...] Nós fizemos o convite, foi estabelecida uma cota, valores. A minha empresa comprou uma cota, por exemplo, foi R\$ 1000, aí duas ou três empresas de outras pessoas aqui também compraram uma cota. Ela (a empresa televisiva) não veio de graça não. (KA)

Percebemos, então, no tocante ao Kart, que vai mais além da vontade de brincar com aqueles carrinhos velozes. É preciso disponibilizar uma boa quantia em dinheiro para acessá-los, bem como a ótica que perpassa os “bastidores” é a ótica do capital, da circulação do dinheiro e principalmente, do lucro.

Outro destaque é a aproximação das pessoas mediante o vínculo empregatício. Em uma das situações de visita ao ponto de observação foi descoberta a “tribo do futebol”, constituída por pessoas que fazem parte de uma mesma empresa.

Podemos reportar este recorte ao lazer como criação forçada da sociedade capitalista, na qual ele é entendido como atividade que mascara a manipulação da empresa sobre o horário de trabalho dos seus empregados¹⁷. Os trabalhadores são induzidos a conduzir o tempo de lazer de acordo com o que lhes proporciona a empresa, que nada mais é do que um modo de manipulá-los. Lembrando que não é à toa o incentivo à prática, que é uma “paixão nacional”, por assim dizer.

[...] o ideal seria pra gente o futebol, mas devido a quantidade de gente não é suficiente para o futebol, aí escolhemos (o futsal) [...]. É uma peladinha, bem dizendo, só que é disputa, né? Uma loja contra a outra, entendeu? (FS)

O uniforme, assim, o uniforme é dado pela empresa, que a empresa cede pra gente. A gente pega e vem jogar aqui, né? Como aqui mesmo tinha nas lojas, cada loja tinha um diferente desse aqui (uniforme), era campo antes, era uma loja disputando com a outra como se tivesse um

¹⁷ Ver Dumazedier, *Sociologia Empírica do Lazer* (1974).

campeonato. Tinha um presente para o time que ganhasse, mas isso acabou. (FS)

Eles unem o “útil ao agradável”, praticam a tão cobiçada “paixão nacional”, ganham os dois incentivos que complementam a vontade de jogar, vestimenta e premiação, e ainda por cima se divertem. E a empresa lucra com o conveniente, pois ao incentivar a prática esportiva diminui os custos com profissionais de ginástica laboral e obtém isenção de ter que diminuir a carga horária dos empregados e aumentar o tempo livre para que eles possam ter um tempo de lazer maior, de mais qualidade e sem orientação ou indicação e sem precisar de incentivo.

É curioso notar que o hábito dos jogadores não cessou mesmo que a empresa não tenha mais incentivado nenhuma competição, eles tornaram-se “jogadores de final de semana”, consolidaram uma amizade, mas continuam jogando com o uniforme da empresa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Orla de Atalaia, cenário onde atuam um sem número de tribos em busca de um momento de lazer, de diversão, de entretenimento, com gostos e estilos ora diferentes, ora comuns, torna-se para nós pesquisadores um verdadeiro “Ponto de Observação”.

Um parêntese para o tempo de lazer, ou seria para o tempo ocioso, o tempo do não-trabalho? Seja qual for destas opções, a finalidade do treino ou da diversão movem todas as tribos em direção ao Complexo de Lazer Orla de Atalaia sem, contudo, questionar porque são obrigadas a se deslocar, muitas vezes de locais distantes, e ainda pagar para usufruir, ou fazê-lo em condições precárias quando não existe taxa de acesso. Neste ponto seria importante rever como está sendo tratado o âmbito das políticas públicas em relação ao atendimento de qualidade das comunidades no que tange a estruturas adequadas e acessíveis nos bairros mais distantes em relação ao bairro Atalaia onde fica localizado o Complexo Orla.

Frisamos que em visitas posteriores aos equipamentos nos fizeram recordar que durante o período de observação o *Skate Park* esteve em péssimo estado de conservação em se tratando de pintura, limpeza e iluminação, no entanto, nas visitas no ano de 2011 novas pinturas foram feitas unicamente com o estilo grafiteagem, com formas mais coloridas e sem nomes específicos, diferente das gravuras encontradas nos períodos anteriores, que por um determinado tempo da pesquisa esteve sem pintura alguma. Os demais equipamentos foram reformados, ainda assim, o kartódromo se destaca com seu alto padrão de conservação.

Notamos que há relação de proximidade com o espaço e com os companheiros de mesmo grupo, das “tribos”, um momento entre amigos, um espaço oportuno à aceitação dos modos “de ser e de estar” do exótico, daquele que no sentido puro da palavra é “ex”, fora da ótica comum da sociedade, de acordo com Pais (2004). Porém, a relação entre as próprias tribos é por vezes conflitante, não existindo relações de proximidades entre elas, mesmo as tribos dos *skatistas*, patinadores e ciclistas que obrigatoriamente ocupam o mesmo equipamento, cada uma vivendo em seu mundo e ocupando o mesmo espaço.

Concluimos que a cobrança pelo acesso aos equipamentos garante a poucos a qualidade do ambiente, gerando controvérsias no complexo de lazer público. As nossas análises mostram claramente que os equipamentos onde normalmente são acessados

com taxas possuem uma infraestrutura conservada por mais tempo, são constantemente vigiados e tem um público espectador com características de pessoas de classes mais abastadas, pois de acordo com as observações principalmente no kartódromo, esses espectadores eram grupos formados por familiares e amigos dos pilotos. Assim, essa característica parece mascarar uma parte que não comunga com o todo.

No entanto, percebe-se que os equipamentos de lazer da Orla de Atalaia estão sendo ocupado por grupos que tem uma relação de amor, satisfação ou paixão, explicado por eles. Homens, em sua maioria, mas também mulheres (merecem destaque) que aderem à prática corporal com as quais se identificam, o que garante uma relação de proximidade e identidade entre as “tribos” e os seus equipamentos, mesmo quando se integram mundos tão distantes, separados pelo fator capital.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.
- [COSTA, Antonio Galdino; PIRES, Giovani De Lorenzi. Moda/indumentária em culturas juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio.](#) Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte, 3, *Anais eletrônicos...* Santa Maria: 20 a 23/Set/2006.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. MOURÃO, Ludmila. VOTRE, Sebastião Josué. FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre: Ministério do esporte e gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- GOELLNER, Silvana Vilodre *et al.* Pesquisa Qualitativa na Educação Física Brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 21, n. 3, p.1-30, 2010.
- [HACK, Cássia; PIRES, Giovani De Lorenzi. Lazer e mídia no cotidiano juvenil.](#) Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 17, *Anais eletrônicos...* Campo Grande/MS, 9 a 12/Nov/2005.
- HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da Estética da Mercadoria**. São Paulo: UNESP, 1997.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2007.
- PAIS, José Machado. **Tribos Urbanas: produções artísticas e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004.

PIRES, Giovani De Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Unijuí, 2002.

_____. Cultura Esportiva e Mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física. In: BETTI, Mauro (org.). **Educação Física e Mídia, novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski D. et al. MCSL – Lazer, Comunidade e Universidade: registro de uma ocupação pacífica. Encontro Nacional de Recreação e Lazer. **Anais...**, Santo André-SP, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2006.

<http://www.skatistaonline.com/category/cidade/aracaju>, acesso em 30 de março de 2011.

ARTIGO 3

ACESSIBILIDADE E POSSIBILIDADES DE LAZER: A PESSOA COM DEFICIÊNCIA COMO FOCO DE ANÁLISE

Rosa Karla Cardoso Almeida

Patrícia Matos Souza Nunes

Fabio Zoboli

INTRODUÇÃO

O Lazer está elencado na Constituição do povo brasileiro dentre os principais direitos do cidadão. No entanto, percebe-se ainda que para algumas minorias como as pessoas com deficiência, idosos e pessoas de classes menos favorecidas o acesso a esse direito torna-se difícil e distante do gozo de pleno direito.

Apesar de existirem leis específicas que garantem o acesso das Pessoas com Deficiência a espaços e equipamentos públicos de lazer, o descumprimento destas leis ainda é um grande empecilho que exclui o deficiente de desfrutar desses. Como qualquer outra pessoa eles precisam de momentos de descontração e entretenimento, mas muitas vezes optar por estes espaços torna-se inviável.

Os Parques, shoppings, teatros, cinemas, praças, quadras desportivas, sejam elas públicas ou privadas, de forma recorrente não apresentam as devidas medidas e não seguem as normas legais. Muitas vezes existe a rampa, mas sua angulação e declive impedem a autonomia do deficiente para acessá-la. Nas praças públicas constroem-se quadras, no entanto, com portas de entrada estreitas e batentes; muitos brinquedos na sua constituição não oportunizam o acesso, por exemplo, as crianças com paralisia cerebral e outras deficiências motoras que necessitam de segurança para brincar.

Quando falamos em inclusão pensamos na sociedade como um todo e em tudo que é oferecido para o cidadão, portanto viabilizar espaços e equipamentos de lazer compatíveis é dever do Estado. A falta de políticas públicas eficientes que fiscalizem e ofereçam o devido acesso demonstra a falta de preocupação do poder público com estas pessoas.

É a partir de uma pesquisa pautada nas preocupações da acessibilidade no contexto de alguns equipamentos de lazer da Orla de Atalaia – Aracaju/SE – que nasce esse texto. Pretende-se com o mesmo elencar, esclarecer e citar as dificuldades encontradas no contexto da Orla de Atalaia quanto à acessibilidade e inclusão da pessoa com deficiência e a partir disso propor considerações que possam viabilizar esses sujeitos a seu direito de acesso ao lazer.

Foram escolhidos quatro (04) equipamentos de lazer da Orla de Atalaia para serem analisados. Estabelecemos como critério de análise de acessibilidade a presença de rampas, piso tátil, sinalizações adequadas, adaptações estruturais, dentre outros elementos que asseguram o direito de ir e vir da pessoa com deficiência.

O LAZER E O PROCESSO DE ACESSIBILIDADE/INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

A Constituição Federal coloca o lazer no mesmo nível e patamar de importância que o da educação, saúde, trabalho, moradia e segurança e o assegura como um direito social para o completo exercício da cidadania. Mas o que é lazer?

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (Dumazedier, 1976, p.12)

Quando falamos de pessoas com deficiência vamos perceber que muitas delas, por suas características particulares, tem uma vida muito voltada para tratamentos de saúde e educação, ficando o lazer quase sempre para segundo plano, uma vez que existem "coisas mais importantes" a serem resolvidas. Desta forma, eles acabam sendo privados de momentos de felicidade, prazer e alegria oportunizados pelo lazer.

Defendemos aqui que as atividades recreativas e de lazer podem atender às necessidades desses indivíduos, seja para descansar, se divertir e também para garantir a sua inclusão no contexto social. O lazer pode também constituir um espaço de oportunidades para a generalização de conceitos e abstrações.

Frequentar uma praça de lazer, praticar algum esporte, curtir um cinema no fim de semana, passear por um parque, frequentar restaurantes, visitar exposições de artes, ir a um estádio de futebol, assistir uma peça de teatro ou a um concerto musical são algumas atividades de lazer que oportunizam alegria e prazer a todos os sujeitos que delas fazem uso, no entanto, muitas vezes as pessoas com deficiência acabam sendo privadas desses espaços simplesmente por questões de acessibilidade.

Porém, não é somente a acessibilidade um obstáculo a ser ultrapassado quando se fala em lazer para pessoa deficiente. O preconceito é muitas vezes uma barreira ainda maior. O preconceito que cerca esta temática faz com que essas pessoas se sintam incapazes e excluídas da sociedade que vivem. As pessoas com deficiência são pessoas que sabem brincar, sabem se expressar, sabem se divertir e como todos têm as mesmas necessidades de afeto e socialização.

Os portadores de deficiência são vitimizados por estigmas sociais por possuírem um corpo marginal – um corpo que fica a margem da normalidade. Nesse sentido é importante que a diferença seja considerada e respeitada. Quando atribuímos valores às diferenças estamos estabelecendo relações de poder. A valoração cria hierarquizações simbólicas e nesse jogo tensivo a pessoa com deficiência carrega o peso social do estigma.

Assim, podemos identificar aspectos que estruturam relações de poder na medida em que atribuem valores negativos, positivos e indiferentes às diferenças e desigualdades, dimensionando-as simbolicamente como inferior, superior ou indolente. Foucault (2001) menciona que o corpo passa assim a ser dominado por inúmeros signos que exercem sobre ele relações de poder em forma de coerção, controle e cuidado: formatando, corrigindo e imprimindo certo número de qualidades a serem seguidas e até mesmo desejadas.

Faz-se necessário investir na aculturação do respeito ao diferente a diferença para destituirmos essas hierarquias culturalmente moldadas. Precisamos muito mais que isso, desconstruir o jargão de que “somos todos iguais”, porém essa desconstrução precisa estar pautada na afirmativa de Boaventura Souza Santos (2002) “temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza o direito a sermos diferentes, quando a igualdade nos descaracteriza”.

Desta forma, cabe repensar o corpo como fator de exclusão e de inclusão, na medida em que, antropológica e historicamente, ele sempre se constituiu enquanto um complexo de imagens – insígnias – que são utilizadas pelos mecanismos de poder e de ideologias sócio-culturais-econômicos, como um meio de se capturar o sujeito para aprisioná-lo e controlá-lo em alguma posição rígida e imutável, estabelecendo uma – suposta – essência em sua aparência material. Como Freud alertou na construção de seu paradigma: “O ego [eu] é antes de mais nada um ego corporal, não apenas um ser de superfície mas ele próprio a projeção de uma superfície”. Em última instância, o eu é “derivado de sensações corporais, principalmente das que nascem da superfície do

corpo ao lado do fato [...] de representar a superfície do aparelho mental” (FREUD, 1976, p. 41).

Como vimos acima todas as pessoas têm direito a saúde, educação, esportes, cultura, turismo e lazer, sem discriminação de raça, cor ou de qualquer tipo de deficiência. Se um dos fundamentos da República Federativa do Brasil é o direito a cidadania, conforme disposto no art. 1º, II, da Constituição da República de 1988, não há como negar que a construção desta última perpassa, à luz do paradigma do Estado Democrático de Direito, pela implementação e efetivação de todos os direitos fundamentais nela descritos dentre eles o lazer.

Dentre os aspectos legais que norteiam a prática inclusiva, quando falamos de Lazer podemos destacar algumas leis mais específicas que orientam ações estruturais e atitudinais com relação à inclusão.

Merece destaque inicialmente a Lei 10.098 denominada **lei de acessibilidade**¹ que dispõe sobre diversos pontos fundamentais que norteiam as práticas inclusivas.

O Decreto 3.298/99 – regulamenta a lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, que dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção e dá outras providências; citamos aqui o Art.46 – que versa sobre Cultura, Desporto e Lazer: “Assegura o oferecimento da prática de Educação Física nas instituições públicas e privadas. Acesso aos locais de prática desportivas e espaços públicos para o lazer”.

A fim de que as pessoas com deficiência possam participar, em um mesmo nível com outros, em atividades recreativas, de lazer e esportivas, os Estados Membros adotarão as medidas apropriadas para:

(a) Incentivar e promover a participação, no maior alcance possível, de pessoas com deficiência em atividades esportivas gerais em todos os níveis;

(b) Assegurar que pessoas com deficiência tenham a oportunidade de organizar, desenvolver e participar em atividades esportivas e recreativas específicas para sua deficiência, e para esse fim, promover a provisão, em uma base igual com outros, de instrução apropriada, treinamento e recursos.

(c) Assegurar que pessoas com deficiência tenham acesso aos locais de esporte, recreação e turismo;

(d) Assegurar que as crianças com deficiência tenham acesso igual na participação de brincadeiras, recreação, lazer e atividades esportivas, inclusive dentro do sistema educacional; Percebemos que apesar desses direitos estarem explícitos na lei maior que é a constituição, há necessidade da criação de outros decretos e complementos para que seus direitos sejam contemplados.

Neste sentido, ainda cabe mencionar o que temos de mais recente relacionado ao lazer, o Projeto de lei 575008 que regulamenta os playgrounds em área pública ou privativa de acordo com os seguintes artigos:

Art. 1º Os "playgrounds" instalados em jardins, parques, áreas de lazer e áreas abertas ao público em geral, ainda que localizados em propriedade privada, conterão brinquedos adaptados para crianças portadoras de deficiência.

Art. 2º As despesas decorrentes da aplicação desta lei correrão à conta de dotações consignadas no orçamento, suplementadas se necessário.

¹ Todas as leis citadas no texto que digam respeito à acessibilidade da pessoa com deficiência foram retiradas do site: http://www.dhnet.org.br/educar/dados/textos/rosario_esp.html (acessado no mês de dezembro de 2010) de autoria de ROSÁRIO, M. do. **O Esporte e o Lazer à Luz dos Direitos Humanos.** (ver referências).

Veremos mais adiante em nossa análise que esta lei ainda não está posta em prática o que dificulta o acesso das pessoas com deficiência a estes espaços.

A Convenção Internacional dos direitos das Pessoas com deficiência, como forma de impulsionar a atenção a pessoas com deficiência, o Brasil ratificou em julho de 2009 a sua participação na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, assinada pela Organização das Nações Unidas entre 192 países. O documento traz os principais direitos para quem tem necessidades especiais, como acesso ao mercado de trabalho, direito de ir e vir livremente e de se desenvolver de maneira saudável. Para as crianças, é assegurado o acesso à recreação e a áreas de esporte e lazer. Vejamos:

Seção V:

Da Cultura, do Desporto, do Turismo e do Lazer:

Art. 46. Os órgãos e as entidades da Administração Pública Federal direta e indireta responsáveis pela cultura, pelo desporto, pelo turismo e pelo lazer dispensarão tratamento prioritário e adequado aos assuntos objeto deste Decreto, com vista a viabilizar, sem Prejuízo de outras seguintes medidas.

I - promover o acesso da pessoa portadora de deficiência aos meios de comunicação social;

II - criar incentivos para o exercício de atividades criativas, mediante:

a) participação da pessoa portadora de deficiência em concursos de prêmios no campo das Artes e das letras.

b) exposições, publicações e representações artísticas de pessoa portadora de deficiência;

III - incentivar a prática desportiva formal e não formal como direito de cada um e o lazer como forma de promoção social;

Art. 48. Os órgãos e as entidades da Administração Pública Federal direta e indireta, promotores ou financiadores de atividades desportivas e de lazer, devem concorrer técnica e financeiramente para obtenção dos objetivos deste Decreto.

Parágrafo único: Será prioritariamente apoiada a manifestação desportiva de rendimento e a educacional, compreendendo as atividades de:

I-desenvolvimento de recursos humanos especializados;

II - promoção de competições desportivas internacionais, nacionais, estaduais e locais;

III - pesquisa científica, desenvolvimento tecnológico, documentação e informação;

IV - construção, ampliação, recuperação e adaptação de instalações desportivas e de lazer.

Todos os cidadãos têm direito ao lazer, a se divertir e a compartilhar momentos de vivência e emoções uns junto com os outros.

A ORLA DE ATALAIA: UM LUGAR ACESSIVEL PARA O DEFICIENTE?

A Orla de Atalaia está situada na praia que leva seu nome, na cidade de Aracaju/SE. Esta área é considerada uma região nobre e que após sua reestruturação colaborou para a maior valorização deste espaço. A construção da Orla de Atalaia foi dividida em três etapas: a primeira parte abrange a região dos arcos, portal de entrada, seguido de bares na areia, lojas de artesanato e monumentos em homenagem a grandes personalidades estaduais e nacionais; a segunda parte que será mais focada e discutida nesse trabalho contempla a maior área de lazer, pois nela encontramos o parque infantil (Cidade da Criança), o Oceanário, o centro de artesanato, a praça de eventos e as diversas quadras desportivas (skate, vôlei, futebol, basquete), as pistas de Kart e outros equipamentos de lazer; a terceira parte, chamada de Passarela do Caranguejo onde estão os restaurantes mais conceituados e casas de shows.

O espaço da Orla é uma área muito atrativa em termos de entretenimento para a população, sendo aí englobadas as pessoas com deficiência. Diante desse aspecto, percebemos algumas dificuldades estruturais no referido espaço e seus equipamentos de lazer, já que na época em que foi construída não havia ainda algumas exigências legais para a acessibilidade da pessoa com deficiência. E, apesar do surgimento e obrigatoriedade de sua implementação, nem tudo foi posto em prática, como veremos no decorrer do escrito.

Entende-se por acessibilidade a condição para a utilização com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas ou meios de comunicação e informação por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (DECRETO nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.)

Este texto é fruto de uma pesquisa caracterizada por um estudo de caso e descritivo abordado sob o viés qualitativo. A pesquisa teve como objetivo analisar e avaliar as condições de acessibilidades arquitetônicas, comunicacionais e estruturais da segunda etapa da Orla de Atalaia.

A coleta de dados foi feita através de visitas as principais dependências da segunda etapa da Orla de Atalaia, tais como: Espaço Cultural, Praça de eventos, Maravilhoso Mundo da Criança e Quadras poli desportivas. Estas visitas foram sistematizadas semanalmente e realizadas num período de 03 meses – agosto, setembro e outubro – do ano de 2010. Nestas visitas foram feitas observações, anotações de campo e também a coleta de fotografias.

A coleta de dados foi feita a partir da análise de alguns equipamentos de lazer elencados a partir das seguintes categorias: Espaço cultural, Espaço físico-esportivo, Espaço social e Espaço infantil. Para cada espaço foi selecionado um equipamento de lazer para ser analisado: No espaço cultural foi feita a análise do **Centro de arte e cultura**; no espaço físico-esportivo foi feita a análise das **Quadras poliesportivas**; no espaço social foi feita a análise da **Praça de eventos**; e, no espaço infantil foi feita a análise do **Maravilhoso Mundo da Criança**.

A partir de agora apresentaremos no texto cada um dos espaços com a análise de seu respectivo equipamento de lazer no que tange a questões de acessibilidade:

Centro de arte e cultura

Esta localiza ao extremo sul da Orla de Atalaia próximo ao farol da Coroa do Meio e ao lado da delegacia de turismo. Neste local, no Centro de artes e Cultural, encontra-se no período da noite nas suas proximidades barracas onde podem ser encontradas peças artesanais confeccionadas por artesões Sergipanos. No interior do

centro de arte e cultura, podemos visualizar diversas lojas com produtos artesanais e obras de artes.

Quanto á acessibilidade foi observado em relação às portas um estreitamento, já que segundo a ABNT, existe um parâmetro que na norma de 6.9.2.1, as portas, inclusive de elevadores, devem ter um vão livre mínimo de 0,80 m e altura mínima de 2,10 m. Em portas de duas ou mais folhas, pelo menos uma delas deve ter o vão livre de 0,80 m. Sendo que estas portas estreitas dificulta a circulação do cadeirante neste ambiente.

Outro ponto que não constatado, foi a sinalização informativa do que possuía em cada lojas, pois segundo ABNT, as portas deve ter informação visual (número da sala, função etc.) ocupando área entre 1,40 m e 1,60 m do piso, localizada no centro da porta ou na parede adjacente, ocupando área a uma distância do batente entre 15 cm e 45 cm. A sinalização tátil (em Braille ou texto em relevo) deve ser instalada nos batentes ou vedo adjacente (parede, divisória ou painel), no lado onde estiver a maçaneta, a uma altura entre 0,90 m e 1,10 m. Esta sinalização daria a acessibilidade de comunicação aos deficientes visuais, pois o mesmo saberia os produtos comercializados nas lojas.

Referente ao nível de rampa, podemos detectar que apesar do centro cultural apresentar 03 acessos, em apenas um dos acessos é que apresentava rampa, sendo este acesso por trás do espaço cultural, onde o cadeirante teria que percorrer todo o centro, até chegar ao seu destino, dificultando assim o acesso ao local.

Quadras esportivas

As quadras esportivas ficam situadas no centro da Orla, entre os monumentos históricos e os bares. A Orla é constituída de 04 quadras, onde temos uma de skate, uma de vôlei, uma de tênis e futebol.

No que tange ao nível de acessibilidade podemos constatar que há a presença de rampas que dão acesso às quadras, porém em nível de sinalização tátil e visual não há placas informativas que comunique, por exemplo, a um deficiente visual que naquele ambiente é uma quadra esportiva.

Nas proximidades das quadras observamos a presença de piso tátil, de forma que a mesma segue uma reta e não dá acesso a estas quadras. No entanto, o deficiente visual irá passar ao lado das quadras, mas dificilmente o mesmo vai ter acesso às quadras, uma vez que, o piso não vai até a entrada das mesmas.

Um fator positivo em relação às quadras é de que há um ponto de ônibus bem a frente delas com rampas de acesso, o que facilita muito um cadeirante que queira vir até a Orla para praticar algum esporte. Os pontos de ônibus com rampas de acesso são uma constante em toda a Orla.

Sempre próximo aos locais por nós pesquisados percebemos a presença de estacionamentos com vagas reservadas ao publico deficiente. Porém, durante os 03 meses de observação foi rotineiro encontrar carros estacionados sem o cartão que permite com que o mesmo goze do uso de tais vagas. Esta é uma incoerência percebida em todos os âmbitos e espaços sociais, logo, a materialização do desrespeito aos direitos das pessoas com deficiência.

Praça de eventos

Trata-se de um espaço de Lazer onde são promovidos shows, exposições e feiras de artesanato, que concentram um grande público nos eventos que sedia. Ao redor desta

“praça” está o estacionamento, alguns restaurantes e lanchonetes cujo acesso é possível ao atravessar um pequeno trecho de rua para chegar a estes locais.

Ao analisarmos o espaço sob o olhar da acessibilidade começamos a perceber alguns impedimentos estruturais que ao transitarmos naturalmente fica difícil de detectar as falhas. Verificamos que existem apenas 02 rampas de acesso em volta desse espaço limitando assim as pessoas com deficiência em chegar ao espaço de eventos. Também percebemos que existe um grande número de depressões no terreno, o que dificulta ao cadeirante de transitar com maior segurança.

Outro ponto que verificamos é a ausência da pista tátil em todo o percurso da praça de eventos, chegando esta pista apenas até a entrada da mesma. Por não ter esse segmento tátil à pessoa com deficiência visual que frequentar o local ficará sem ter noção de direção dentro desse espaço.

Há também a ausência do sinal sonoro para passar da praça aos restaurantes e lanchonetes que ficam ao seu redor, conforme mencionado anteriormente, sem oferecer segurança aos deficientes visuais para atravessar um trecho pequeno, mas “perigoso” quando não sinalizado.

Dessa forma nos reportamos ao que foi mencionado acima sobre o período de construção da Orla cuja lei 10.098 ainda não vigorava, mas que não justifica a falta de adaptações desta época até os dias atuais. Atualmente percebemos que os espaços públicos estão sendo mais frequentados pelas pessoas com deficiência o que nos leva a uma preocupação maior em oferecer acesso a todos.

Parque infantil Maravilhoso Mundo da Criança

Por se tratar de um parque infantil, e por consequência, ser um espaço destinado às crianças, o mesmo deveria ser um espaço com maior segurança e acessibilidade. O parque dispõe de vários brinquedos para o divertimento das crianças como balanços, gangorras, escorregadores, cercados, pneus para balançar, escada de cordas, gira-gira, carrinhos, carrossel. Estes brinquedos para crianças ditas “normais” não apresentam dificuldades de segurança e manuseio ao brincar, no entanto, para as crianças que possuem algum tipo de deficiência, eles se tornam um tanto quanto impróprios, pois as mesmas precisam de ajuda para ter acesso.

Percebemos que para chegar até os brinquedos eletrônicos precisam subir escadas, os carrinhos são altos, o escorregador não é acessível; já para chegar aos balanços, gira-gira, gangorras, existe rampa de acesso, mas ao chegar aos brinquedos o chão é de brita que dificulta a mobilidade. O parque não possui pista tátil, demonstrando não vislumbrar o deficiente visual.

Neste sentido, afirmamos amparados na lei 575008 referente aos “playgrounds” que a mesma não vigora ainda no espaço da Orla e nem mesmo em espaços privados, o que limita as possibilidades da criança com deficiência de usufruir de um dos direitos mais intrínsecos à condição da criança: o direito de brincar. Também ao redor do espaço existem poucas rampas de acesso e ausência de sinais sonoros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se a importância do lazer ao mesmo tempo em que entendemos sua negação pela sociedade. No entanto, o lazer não pode ser pormenorizado, pois o mesmo é uma rica ferramenta que tem a capacidade de incluir e democratizar o lúdico,

humanizando o tempo, o espaço e a vivência. Quando usado para suprir a necessidade humana do lúdico ele amplia o mundo de movimento, de relações, de reflexões dos indivíduos, ele possibilita trocas objetivas e promove a inclusão.

Por isso diante da ineficiência das políticas governamentais não podemos ficar inertes a essa situação, pelo contrário, temos que assumir o compromisso de assegurar o direito ao acesso ao lazer garantido por lei. Mais que isso, precisamos assumir o papel de buscar a inclusão de todos os seres humanos – independente de sua condição – ao lazer propiciando o mesmo principalmente em locais de cunho público.

O importante para qualquer pessoa, seja esta qual for, é ter um tempo livre onde possa usufruir momentos de lazer, que certamente trarão mais benefícios e mais diversão para elas. Apesar disso, diversos grupos sociais têm sido impedidos de ter acesso a bens e serviços de cultura e entretenimento. E não estamos falando de um aspecto econômico apenas, dos altos preços cobrados em cinemas e teatros que impedem a presença das classes mais populares. Estamos falando da não garantia a todas as pessoas do direito básico de ir e vir e de ter acesso ao lazer e à informação. Isso é visível quando pensamos em pessoas com deficiência, seja física, sensorial ou cognitiva, que têm esse direito constitucional violado em função de os espaços culturais de uso coletivo não estarem preparados para atendê-las.

A Orla de Atalaia – Aracaju/SE – dentro do contexto atual das políticas públicas de lazer contempla alguns avanços em alguns sentidos, principalmente para com a acessibilidade do portador de deficiência física/cadeirante. No entanto, fica ainda muito distante de atender com dignidade pessoas com outros tipos de deficiência. O que ocorre é que esses equipamentos da Orla restringem o público que visam atender por se basearem num modelo de ser humano muito distante da diversidade humana. Assim, reforçam e propagam a discriminação de longas datas. Ficamos assim cada vez mais longe de um dos lemas da cultura inclusiva propostos por Stainback e Stainback, (1990) “Inclusão é uma consciência de comunidade, uma aceitação das diferenças e uma corresponsabilização para obviar às necessidades de outros”.

Ainda estamos a aprender como é que a sociedade poderá proporcionar um ambiente menos restritivo possível para as pessoas com deficiência no que tange o acesso aos espaços de lazer. No entanto, temos a certeza de que a cultura inclusiva, com sua aculturação ainda lenta, é fundada numa filosofia que tenta mediar uma práxis social onde todos possam se sentir incluídos, respeitando seus direitos e garantindo oportunidades iguais, ou ao menos, menos desiguais.

REFERÊNCIAS

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA, Distrito Federal, 1998.

DUMAZIDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo, Perspectiva, 1976.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do eu. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. XVIII.

Legislação Federal Básica na Área da pessoa com Deficiência. Secretaria Especial dos Direitos Humanos/CORDE. Brasília – DF, 2007.

ROSÁRIO, M. do. **O Esporte e o Lazer à Luz dos Direitos Humanos.** IN: http://www.dhnet.org.br/educar/dados/textos/rosario_espor.html (acessado no mês de dezembro de 2010)

SANTOS, B. de S. **Produzir para viver:** Os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2002

STAINBACK, S. STAINBACK, W. **Inclusão:** um guia para educadores. _Tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1990.

ARTIGO 4

COPA PETROBRAS DE TÊNIS EM ARACAJU: *OUT!*¹

André Marsiglia Quaranta

Sérgio Dorenski D. Ribeiro

¹ Este estudo é fruto das primeiras pesquisas realizadas na Orla de Atalaia pelo LaboMídia/UFS e que foram publicados no Livro Educação Física e Sociedade: Temas Emergentes vol. 3, com o título: **PROJETO ORLA E O DESTAQUE DAS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS: O Caso da Copa Petrobras de Tênis**. Este novo título representa uma alusão à saída da etapa em Aracaju e ao término do torneio.

INTRODUÇÃO

Hoje, a orla da praia de Atalaia em Aracaju/SE se configura - em sua arquitetura e disponibilização do espaço físico, envolvendo a beleza natural e as áreas construídas - numa das belas estruturas turísticas do Brasil. Reformulada para diversas práticas esportivas, de lazer e outros entretenimentos (pista de kart, aerodelismo, pistas de skate e patins, oceanário, entre outros), a orla deslumbra-se em um lugar “ideal” no tocante as opções de lazer para os Aracajuanos e demais visitantes. Diante deste local estão situados os melhores hotéis do Estado, o que viabiliza o fluxo de turistas. Este é um aspecto que nos chama atenção, pois algumas competições – de caráter nacional e internacional – como foi o caso da Copa Petrobras de Tênis (CPT)², são realizadas ali.

Neste estudo, verificamos que alguns espaços - dentro da esfera pública – caracterizam-se com a marca da privatização, a exemplo das quadras de tênis, o kartódromo, o oceanário, etc. Esta dicotomia parece-nos estranha e leva-nos a um questionamento: Como um espaço público, que a princípio deveria ser destinado a todos, independente do status social que ocupa, apresenta-se paradoxalmente com a marca do capital?

Analisar este contexto foi crucial, pois, nos instigou a realizar um projeto de pesquisa com amplitudes maiores e que estimulasse a investigação a partir da referida problemática, enfocando, ainda, o papel da cobertura jornalística dos eventos esportivos que ocorrem na orla de Atalaia. Neste sentido, o projeto foi elaborado visando abordar três eixos centrais: 1. Os Espaços Públicos de Lazer; 2. As Competições Esportivas que ocorrem na Orla; 3. As “Tribos” que frequentam a Orla. Situando esta pesquisa no segundo eixo, realizamos o estudo não somente a partir de observações sistemáticas, mas também com a utilização de instrumentos da mídia, numa perspectiva pedagógica³.

No meio acadêmico – no tocante à Educação Física – podemos observar uma série de iniciativas de estudos que estabelecem uma relação com a mídia. A formação do Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva (LaboMídia⁴); bem como a inserção desta relação materializada no currículo dos cursos de Educação Física; a presença em eventos científicos e de trabalhos desenvolvidos na relação Educação Física, Esporte e Mídia vêm se constituindo numa perspectiva sem volta. Ao estabelecer um “olhar” diferenciado para o fenômeno esportivo, do lazer e do entretenimento, abrimos um espaço para o debate entre a Universidade e a sociedade sobre questões cruciais em nossa realidade que muitas vezes são esquecidas ou negligenciadas. Além disso, este exercício permite que nos tornemos mediadores mais críticos da mídia e de nosso próprio olhar midiático.

O uso da linguagem audiovisual nos trabalhos acadêmicos não só é uma tendência e exigência do atual estado moderno, mas também propicia a mudança de olhar para o fenômeno dos meios de comunicação de massa. Deste modo, ao criar, construir e refletir sobre a mídia, aprendemos a (re)ler os contextos e realidades sociais,

² Torneio realizado pela empresa Koch Tavares e que teve a sua última edição ocorrida em 2010 na cidade de São Paulo. Atualmente não faz mais parte do marketing esportivo corporativo da Petrobras.

³ Seguiremos a idéia de que a mídia é um meio (Thompson 1998) e que, portanto, transmitem valores, ideologias, conceitos e a partir do conceito de mídia-educação Rivoltella (2008) e outros autores, direcionamos nosso olhar para mídia numa perspectiva pedagógica. Ver: vídeo-entrevista disponível em www.labomidia.ufsc.br.

⁴ Fundado em 2003, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e em 2007, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (DEF-UFS), tem como objetivo, além da reflexão do fenômeno Mídia, estimular o ensino, a pesquisa e a extensão.

além de estimularmos nossos aprendizes a lidar com esta questão de forma autônoma, esclarecida e emancipada⁵.

Os trabalhos desenvolvidos por Betti (1998; 2003) e Pires (2002; 2003; 2007), entre outros, apontam para a necessidade da Educação Física preocupar-se com os estudos de mídia na perspectiva da formação docente inicial e continuada, seja nas Universidades, ora nas instituições escolares. Portanto, além de estarmos atentos à nossa realidade com relação aos espaços públicos de lazer e ao fenômeno esportivo, estaremos contribuindo para formação – na perspectiva do sujeito esclarecido - deste profissional.

Para a construção deste estudo, partimos do pressuposto teórico-conceitual da Pesquisa Descritiva com Abordagem Qualitativa (TRIVIÑOS, 2006; MINAYO, 1994, 2006), que resultou um estudo sobre a cobertura jornalística da Copa Petrobras de Tênis, em 2008, na Orla de Atalaia/Aracaju/SE.

Na coleta de dados deste estudo utilizamos a observação, a partir de visitas ao campo. Para tanto, foi imprescindível o uso do Diário de Campo (DC) para poder registrar as diversas particularidades envolvidas no fenômeno. Para Minayo (2007), o Diário de Campo nada mais é do que um caderno de notas e nele devem ser inscritos impressões pessoais que vão se modificando com o tempo.

A entrevista do tipo semi-estruturada serviu de base para uma análise mais fidedigna do que os sujeitos envolvidos têm a nos dizer sobre o fenômeno estudado, ou seja, a conversa a dois com intencionalidade, representou a aproximação direta entre os sujeitos (pesquisadores e participantes da pesquisa) para dirimir dúvidas, encontrar novos campos, além de nos deixar “atentos” na observação do fenômeno.

A pesquisa refere-se à cobertura jornalística na mídia impressa, tomando como parâmetro o recolhimento das informações entre jornais locais, de maneira transversal. Como o torneio aconteceu entre os dias 27.09.2008 à 04.10.2008, fizemos um recorte longitudinal sobre todas as edições dos jornais no período correspondente da semana anterior do torneio até a semana posterior, ou seja, todos os exemplares entre os dias 20.09 à 11.10.2008. Os jornais selecionados foram: Jornal da Cidade⁶ (JC); Jornal do Dia⁷ (JD), Correio de Sergipe⁸(CS); e o Jornal Cinform⁹(CIN).

Num primeiro momento transcrevemos todas as matérias/propagandas que fizeram alusão ao torneio; fotografamos imagens impressas nos jornais com o intuito de observar o espaço do evento e em seguida, analisamos a partir de temáticas surgidas do próprio campo.

Com o intuito de complementar a compreensão a respeito deste fenômeno esportivo, optamos por entrevistar os sujeitos em quatro grupos: os representantes dos patrocinadores e organizadores – Presidente da Federação Sergipana de Tênis (PFST) - o diretor da Octagon Koch Tavares, o diretor da Petrobras; os administradores ou gerentes da rede hoteleira bares e restaurantes próximos às imediações do Evento; atletas sergipanos que atuaram no torneio e, por fim, os jornalistas que fizeram cobertura do evento.

Nosso campo de observação/intervenção refere-se à Orla de Atalaia em Aracaju/SE que hoje, constitui-se um dos principais cartões-postais da cidade, sendo uma das mais belas e equipadas orlas do país. Com 6 km de extensão, tem iluminação

⁵ Ver Belloni (2002).

⁶ Jornal de grande circulação e tradição no Estado de Sergipe. Fundado em 02 de fevereiro de 1970.

⁷ Fundado 11 de janeiro de 2005. Com publicação diária, em formato tablóide, o jornal possui uma circulação média de 5 mil exemplares de terça-feira a sábado e de 7 mil exemplares aos domingos.

⁸ Fundado em 21 de janeiro de 2001 pelo empresário, João Alves Neto. O jornal possui periodicidade diária possuindo uma vendagem expressiva.

⁹ Fundado em 1982, o Jornal Cinform possui uma circulação semanal, com tiragem de aproximadamente 20.000 (vinte mil) exemplares. O jornal é distribuído em todos os municípios de Sergipe.

especial para banhos noturnos, quadras poliesportivas, equipamentos de ginástica e um complexo de bares e restaurantes (em que são encontradas especialidades gastronômicas de todas as partes do mundo, inclusive é claro, da culinária regional) e a rede hoteleira. É um dos principais pontos de concentração da noite sergipana¹⁰, entre outros como monumentos (estátuas de bronze) em homenagens às personalidades da história local e nacional, a exemplo de Tobias Barreto e Tiradentes, respectivamente. Encontramos também, outras práticas esportivas não comuns à realidade sergipana que ocupam os espaços, como Hóquei (DC, em: 27/09/2008).

MÍDIA ESPORTIVA: ANÁLISE DA COBERTURA DA COPA PETROBRAS DE TÊNIS NA ORLA DA PRAIA DE ATALAIA/ARACAJU-SE

Dentre os diversos eventos esportivos¹¹ que acontecem na Orla de Atalaia e que se configurou como tradicional, até o ano de 2008, foi a etapa nacional¹² da CPT (realizada inicialmente a partir de 2004¹³ nas quadras da Federação Sergipana de Tênis¹⁴) é a que mais simbolizou as tramas no campo político, econômico e social.

Este fato nos chamou atenção, já que Sergipe até então não havia “penetrado” nos circuitos profissionais de tênis como nesta competição. Sendo assim, a problemática para este estudo questionou o papel (qual o olhar) jornalístico de um evento desta dimensão e, portanto, nosso objetivo foi **analisar a cobertura da Copa Petrobras de Tênis, pela mídia impressa, na Orla da praia de Atalaia.**

Entrelaçadas com este objetivo, outras questões investigativas estão presentes na pesquisa, principalmente analisar o que difere em seus aspectos turísticos na rede hoteleira, bares, restaurantes, entre outros, no momento em que ocorreu este torneio; além disso, a percepção (olhar) da comunidade em geral (dirigentes da FST; gerentes da rede hoteleira, bares; espectadores/público, etc.) acerca de um evento deste porte é condição *sine qua non* para entender as relações políticas, econômicas e sociais que se configuraram neste espaço. Neste sentido, urge analisar o porquê de ocorrer neste período em que privilegiadamente, em nosso país, esteve presente na Orla de Atalaia em Aracaju - SE; outra questão relevante para este estudo segue em direção aos ganhos econômicos que são gerados para a instituição esportiva na organização e divulgação pelos meios de comunicação.

Foi possível afirmar que um estudo desta natureza possibilitou uma melhor compreensão frente às práticas esportivas que ocorrem neste amplo e tão utilizado espaço de lazer da capital sergipana. Além disto, estimulou-nos a um novo olhar voltado para os interesses que configuram uma política de incentivo ao esporte, levando em consideração que a empresa (Petrobras) constitui-se um dos alicerces econômicos do governo passado (Lula) e o atual (Dilma).

¹⁰ Estas informações foram extraídas do site www.orladeatalaia.com.br

¹¹ Destacam-se: Circuito Nacional de Vôlei de Praia; Campeonato Sergipano de Kart; Circuito Sergipano de Skate; Campeonato Sergipano de Ciclismo; corridas de rua; entre outros.

¹² Etapas nacionais de 2004 a 2006 e em 2008. Além do Torneio dos Campeões que serve de exibição e com tenistas de renome internacional que são convidados.

¹³ Com exceção do ano de 2007/2009 e 2010, em que as etapas brasileiras aconteceram em cidade de Belo Horizonte e em São Paulo, respectivamente.

¹⁴ A FST foi fundada em 1º de março de 1974, pelos clubes: Associação Atlética de Sergipe, Iate Clube de Aracaju e Cotinguiba Esporte Clube. Fica localizada na Avenida Santos Dumont, S/Nº, Orla de Atalaia. Ocupa o cargo de presidente o professor Gonçalo Sobral da Silveira Júnior (www.fstenis.com.br).

O fenômeno esportivo é mesmo fascinante. Poucos se perguntam o porquê de uma competição internacional ocorrer na orla da Praia de Atalaia em Aracaju/SE. Mais ainda, quais interesses, principalmente econômicos, estão presentes na competição. Um lugar de 6 (seis) mil metros de extensão¹⁵ poderia compor diversos “campos de pelada” para a população. Mas, não se fecham as portas literalmente, abre-se o fetiche do fenômeno esportivo como se fosse acessível a todos. Esta tem sido uma das principais contribuições do estudo: a de revelar tais contradições.

O ESPORTE NA MODERNIDADE: O TÊNIS DA COPA PETROBRAS EM DEBATE

Não resta dúvida que o esporte (na sua dimensão telespetáculo¹⁶) transformou-se no epicentro¹⁷ - aqui, explicitamente entendido na sua ruptura a partir do século XVIII e XIX¹⁸ - e longe de uma dimensão geológica, mas, sobretudo, no que veio a configurar-se na atualidade, a partir dos meios de transmissão de massa e sua face mercadoria. Ou seja, a representação máxima e de grande intensidade que modificou este fenômeno da cultura corporal de movimento.

Vários estudos (BRACHT, 1997; LUCENA, 2001) apontam que o esporte vem de um processo de elitização e acaba, em algumas modalidades, a exemplo do futebol no Brasil, popularizando-se. No entanto, percebemos que esportes como o Tênis mantém uma tradição se não na sua base, em que há tentativas de oportunizar aos demais sujeitos da sociedade a sua prática, pelo menos nos torneios/campeonatos oficiais no qual se concretiza a relação espetáculo-mercadoria.

Iniciada em 2004 e classificada como um torneio Challenger¹⁹, a CPT é organizada pela Koch Tavares²⁰, tendo lançado este torneio no patamar dos circuitos profissionais de grande porte na América Latina, oferecendo grandes premiações e pontos no ranking oficial da ATP²¹.

¹⁵ www.orladeatalaia.com.br

¹⁶ Betti (1998).

¹⁷ Termo que designa, em geologia, o ponto da superfície terrestre onde se registra a intensidade máxima de um movimento sísmico. Em geral situado sobre o hipocentro, ponto subterrâneo em que se origina o foco do sismo <http://pt.wikipedia.org> (acesso em 10/02/2009).

¹⁸ Ver Bracht (1997); Pires (2002).

¹⁹ Informações retiradas do site: <http://pt.wikipedia.org>.

²⁰ A Koch Tavares é uma empresa prestadora de serviços que integram eventos esportivos e entretenimento desde 1972. Esta empresa atua no gerenciamento da carreira dos atletas; organização, promoção e produção de eventos; detêm direitos de transmissão dos principais eventos de modalidades esportivas; consultorias; etc. (www.kochtavares.com.br).

²¹ **Associação de Tenistas Profissionais**. Criada em 1972 para defender os interesses dos jogadores masculinos de [tênis](#). As jogadoras femininas constituíram a [Associação das tenistas femininas](#) no ano seguinte com o mesmo objetivo. Em 1990, a Associação começou a organizar os principais torneios mundiais da modalidade, atualmente conhecidos como *Torneios da ATP*. Os torneios da ATP São divididos em 05 (cinco) categorias: Torneios do **Grand Slam**, que são considerados os maiores torneios de tênis do mundo; Torneios da **ATP Masters Series**, que são disputados todos os anos na Europa e na América do Norte, sendo obrigatórios para os jogadores mais bem classificados no circuito profissional; Torneios de **Séries Internacionais de Ouro**, oferecendo aos jogadores prêmios em dinheiro e pontos no ranking da ATP. Os torneios estão hierarquicamente abaixo do [ATP Masters Series](#), e acima da [ATP International Series](#), em termos de prêmio monetário, ranking pontos disponíveis e prestígio no cenário do tênis; Torneios de **Séries Internacionais de Tênis**, oferecem prêmios menores e menos pontos do que os oferecidos pela [ATP International Series Gold](#); Torneios de **Séries de Desafios** (ou *torneios Challenger*). A Copa Petrobras de Tênis é classificado como um torneio Challenger (<http://pt.wikipedia.org>).

Na CPT transparece um momento de incentivo ao esporte, mas, será só isto? De acordo com informações contidas no site oficial²² do torneio, objetivo é [...] de proporcionar a jovens jogadores a oportunidade de participar de torneios de alto nível, com boa premiação e, tão importante quanto isso, somar pontos para o ranking mundial da ATP [...]. Continuando,

a competição tornou-se uma peça importante para a internacionalização da Companhia, pois percorre alguns países do Cone Sul, região onde a Petrobras, conforme descrito em seu Plano Estratégico, procura consolidar sua liderança como empresa integrada de energia [...].

Quanto aos locais de realização e à premiação²³ da CPT, seguem tabelas abaixo, respectivamente, com informações referentes aos valores em cada ano (até 2008) de realização nas etapas brasileiras:

| ANO | ETAPA.1 | ETAPA.2 | ETAPA.3 | ETAPA.4 | ETAPA.5 | ETAPA.6 |
|------|----------------|----------------------|------------------|--------------------|--------------------|-------------------|
| 2004 | Santiago (Chi) | Buenos Aires (Arg) | Santa Cruz (Bol) | Bogotá (Col) | Aracaju (Bra) | Guadalajara (Méx) |
| 2005 | Bogotá (Col) | Santiago (Chi) | Montevideú (Uru) | Aracaju (Bra) | Buenos Aires (Arg) | |
| 2006 | Bogotá (Col) | Montevideú (Uru) | Aracaju (Bra) | Buenos Aires (Arg) | Assunção (Par) | |
| 2007 | Bogotá (Col) | Belo Horizonte (Bra) | Montevideú (Uru) | Assunção (Par) | Buenos Aires (Arg) | |
| 2008 | Bogotá (Col) | Aracaju (Bra) | Assunção (Par) | Montevideú (Uru) | Buenos Aires (Arg) | Santiago (Chi) |

Fonte: www.copapetrobras.com.br

| PERÍODO | LOCAL | PREMIAÇÃO | INDIVIDUAL | DUPLAS |
|------------|---------------------|-------------|------------------|---|
| 29/11/2004 | Aracaju (SE) | US\$ 50,000 | Nicolas Lapenti | Enzo Artoni/ Ignácio Gonzáles King |
| 14/11/2005 | Aracaju (SE) | US\$100,000 | Boris Pashanski | Maximo Gonzalez/ Sergio Roitman |
| 30/10/2006 | Aracaju (SE) | US\$75,000 | Sergio Roitman | Maximo Gonzalez/ Sergio Roitman |
| 22/10/2007 | Belo Horizonte (MG) | US\$75,000 | Nicolas Devilder | Manoel Granollers-Pujol/ Santiago Ventura |
| 29/09/2008 | Aracaju (SE) | US\$75,000 | Capdeville, Paul | Ferreiro, Franco/ Aranguren, Juan-Martin |

Fonte: <http://www.atptennis.com>

²² www.copapetrobrasdetenis.com.br (acessado em 29/07/2008, atualmente inexistente).

²³ <http://www.atptennis.com>

A Koch Tavares, a partir do ano de 2006, criou um torneio de exibição denominado Torneio dos Campeões, no qual os atletas vencedores de cada etapa da CPT participam juntamente com alguns tenistas convidados deste evento. Este torneio não vale pontos para a ATP, mas conta com uma boa premiação. Vejamos seu histórico²⁴:

| PERÍODO | LOCAL | PREMIAÇÃO | VENCEDOR |
|------------|---------------------------|--------------|-----------------|
| 06/12/2006 | Rio de Janeiro - RJ (BRA) | US\$100,000 | Guillermo Cañas |
| 04/12/2007 | Aracaju –SE (BRA) | US\$100,000 | Nicolas Massú |
| 09/11/2008 | Santiago (CHILE) | US\$ 100,000 | Peter Luczak |

Fonte: <http://forum.tenisnews.com.br>

ANALISANDO..., REFLETINDO..., “OBSERVANDO”

A análise deste estudo configurou-se numa triangulação de dados que envolveram a captura das informações nos jornais (JC, JD, CS, CIN); a observação (DC); e entrevistas (semi-estruturadas), neste aspecto, surgiram algumas categorias ou temáticas que fazem parte deste contexto.

“O Público não Cala o Bocó²⁵”: O conflito entre a elitização e a popularização do esporte

O tênis mantém, tradicionalmente, seja em sua prática, seja nas competições, um rigor no tocante à “disciplina” dos atletas e do público, ou seja, impera um “ensurdecidor” silêncio no momento das partidas. A CPT (2008) revelou uma contradição, ou melhor, um conflito significativo entre a tentativa de popularizar o tênis e a formação cultural do público sergipano. Os organizadores e principalmente, os atletas presenciaram o barulho provocado pelo público (gritos dos torcedores) e outros (carro de som de propaganda política) que em certa medida, atrapalhava a competição. Observem o seguinte recorte:

Nada habituado com a rígida regra do silêncio imposta às platéias de tênis, o público sergipano se sacrificou [...] para calar o bocó [...]. Do lado de fora, ao menos uma dúzia de carros de som com propaganda política [...] em altíssimo volume. [...] Isso é uma tremenda falta de educação [...] (JORNAL CINFOM, 12/10/2008, p.12).

Eis aí uma questão importante: até que ponto a Instituição esportiva – aqui revestida pelos seus agentes do tênis – vai tolerar esta falta de educação? A nosso ver não foi nada absurdo, pois condiz com as características de nossa sociedade, extremamente semiformada (ADORNO, 1996) e segue na onda de qualquer movimento de massa. No entanto, para o esporte/tênis isto foi de tamanha deselegância para a “aristocracia esportiva”. Acreditamos que as relações econômicas, que perpassam nos

²⁴ <http://forum.tenisnews.com.br> e <http://www.infomesergipe.com.br> (acessados em 29/08/2008).

²⁵ Jornal Cinform – referindo-se ao barulho que o público fazia durante as partidas.

bastidores desta competição, determinam seus rumos, pois ficou claro que muitos viram um momento para popularizar o tênis no Estado de Sergipe, assim retratado em matéria do Jornal Cinform (12/10/2008, p.12):

Para o Presidente da Federação Sergipana de Tênis, Gonçalo Sobral, a Copa Petrobras é um evento, sobretudo, inspirador. “É em realizações como essa que surgem novos valores tanto para o tênis local quanto para o nacional. [...] Tentaremos popularizar ainda mais o esporte, pois queremos quadras cheias em eventos assim”. [...].

[...] o professor de inglês Bruno Soares acha a realização de um torneio desse porte em Aracaju o primeiro passo para propagação de um esporte ainda mais obscuro.

Apesar disto, o próprio presidente da FST, reconhece que há muitos pretendentes a sediar o evento: “precisamos valorizar mais esse torneio, pois muitas cidades no país brigam para ser sede, e é Aracaju que tem esse privilégio” [...] (JORNAL CIFORM, 12/10/2008, p.12). Aqui, não temos dúvida que a relação econômica será determinante. Não pensem (ingenuamente), sergipanos, que ter as condições básicas – hotéis e quadras disponíveis – seja o suficiente para manter a competição no Estado, os conchavos político-econômicos ditam as regras do jogo!

Não tenho dúvida que existe um lado político [...]. A Copa Petrobras quando veio para cá, o presidente era o Zé Eduardo. Então, era do interesse dele que a Copa Petrobras fosse aqui. Além de Sergipe ser um dos grandes produtores de petróleo do Brasil. A Petrobras aqui no estado é uma das grandes empresas que sempre alavancou a economia do nosso estado. Foi [...] também uma questão de interesse político [...] Graças a Deus que o torneio veio para Sergipe. Já tentaram tirá-lo daqui e levá-lo para outro estado. No ano passado [...] um jantar de encerramento da Copa Petrobras, levei todo o pessoal da Petrobras, pessoas da comunicação e da Koch Tavares. Eles saíram daqui e mostrei a eles a satisfação do nosso estado de ter este torneio, principalmente com o pessoal da Petrobras e que é do nosso interesse que permanecesse. [...] hoje a “Koch” está satisfeita [...] o Torello disse que está satisfeito e que irá ligar para mim já para começar a preparar toda a estrutura para este ano. (PFST)

Entende-se com isso, que há interesses e divergências. Ora abrem-se espaços para popularizar, ora fecham-se as quadras para manter o padrão elitizado do jogo. Politicamente falando, o torneio de tênis no estado demonstra a suprema comunhão entre as políticas públicas de incentivo ao esporte e lazer e a ascensão de instituições (empresariais e esportivas) privadas.

Não é estranho para nós, que a Copa Petrobras de Tênis – 2009 e 2010 – tenha migrado para outra região do país, pois, os interesses de vários aspectos, rondam o esporte quando assume sua função mercadoria/espetáculo e com isto, muita coisa é possível, inclusive comercializar outras mercadorias em seu rastro.

O “Canto” do Herói, Cadê Ulisses?!

Fica evidente que o status adquirido pelo atleta no mundo esportivo é o combustível para a veiculação (canto) e transmissão das “deixas” simbólicas (Thompson, 1998). Marcos Daniel, atual número 1 do Brasil (à época do torneio) envolvia a “circulação circular da informação” (Bourdieu, 1997), no caso específico do tênis. Os jornais traziam na expectativa²⁶ a possibilidade de tornar-se campeão, pois havia conquistado a etapa da Colômbia em Bogotá e era a grande promessa brasileira no torneio. O nome Marcos Daniel era quase que obrigatoriamente mencionado nas divulgações do torneio. Vejamos alguns destaques em diferentes jornais:

Marcos Daniel estréia hoje e busca o tri em Bogotá [...] da Copa Petrobras [...]. A Copa Petrobras começou em Bogotá e depois segue para Aracaju [...] (JC 23/09/08, p. B-7).

LANÇAMENTO DA COPA PETROBRAS DE TÊNIS EM ARACAJU. [...] o brasileiro Marcos Daniel é principal favorito da etapa da Colômbia [...]. (JD 23/09/08, p. 21).

Marcos Daniel tenista número 1 do Brasil, está confirmado entre os nove brasileiros que vão disputar a etapa da Copa Petrobras em Aracaju. (JC 24/09/08, p. B-7).

[...] o “cabeça” número 1 do torneio será o brasileiro Marcos Daniel [...] (CS, 24/09/08, p. B-7).

[...] em Aracaju, a chave principal contará nove brasileiros garantidos. Destaque para o gaúcho Marcos Daniel, tenista número 1 do Brasil. [...] (JC 28/09/08, Caderno de Esporte p. 5).

Marcos Daniel conquista o tricampeonato em Bogotá [...]. Tenista número 1 do Brasil segue para etapa de Aracaju da Copa Petrobras (JC 30/09/08 p. B-7).

Como vimos após o enaltecimento do brasileiro como possível campeão, não foi suficiente para quebrar os caprichos da “Fortuna²⁷”, pois, eis que surge, invicto, o chileno Paul Capdeville que teve seu nome apresentado nos jornais em apenas dois momentos (lista de inscritos e final do evento) e leva a taça de campeão, ofuscando a luz dos brasileiros, inclusive a do “Rei da Colômbia²⁸”, Marcos Daniel. Mesmo com a contínua e insistente repetição do seu favoritismo, ele some em meio a fumaça do esquecimento e do efêmero sucesso ao qual toda mercadoria está propensa no processo da espetacularização do esporte, ou seja, perdeu seu valor.

²⁶ As categorias elaboradas por Pires *et al.* (2006) e Ribeiro *et al.* (2008), - **Referência ao Local; Expectativa e Realismo; Preparação; Retrospecto; Ineditismo Feminino; Avaliando a Participação; Presente Perpétuo** - aparecem com frequência nos enunciados dos jornais, no entanto, não concentraremos nelas, mas elas perpassam todo o texto.

²⁷ Referimos-nos, ao acaso, à sorte e seu aspecto maligno.

²⁸ Marcos Daniel em matéria do Jornal da Cidade (30/09/2008) é chamado de Rei da Colômbia, título a ele atribuído em função das suas vitórias em Bogotá há quatro torneios seguidos, somando vinte jogos de invencibilidade.

Mas o que aconteceu ao Marcos Daniel? Ficamos em dúvida entre as possíveis dores ou o azar (?), pois, a mídia resolveu poupá-lo da derrota e encontrar uma justificativa, seja nas dores que sentia - ele chegou bem para a partida da terça, sua última no torneio (será que ele já sabia?), - seja no fator sorte, já que a “zebra” não o perdoou (Jornal do Dia, 02/10/2008). Foi o momento que se quebrou um pouco espetáculo do mito e na fugacidade do fenômeno, o herói sucumbiu para os espectadores.

Não tão distante a tornar-se mais um herói no contexto do esportivo do tênis brasileiro, o tenista Thiago Alves tem a responsabilidade de “salvar” a nação esportiva e assim, o espetáculo esportivo apresenta mais uma face, a de perpetuação desse jogo mercadológico com isso, a justificativa da derrota estará sempre em evidência. No entanto, seus atributos heróicos não foram suficientes para tal:

Na final de sábado, Thiago Alves e Paul Capdeville [...] desta feita o chileno deu o troco. Sem encontrar a resistência do último duelo [...] (CIN 12/10/2008, p. 12).

Jogando um tênis de primeira linha, o chileno Paul Capdeville completou sua semana perfeita [...]. Foi sua primeira conquista na Copa Petrobras (JC 07/10/2008, p. b-7).

O desgaste da semana atrapalhou [...] acho que já não tinha tanta energia [...] as pernas estavam pesadas [...]. Mesmo assim, afirmou que o torneio em Aracaju foi muito proveitoso [...] (JD 07/10/2008, p. 12).

Mais do que popularizar o esporte e privilegiar Aracaju, um dos relatos do presidente da FST apresenta outro motivo para a presença dos espectadores sergipanos no torneio, ao afirmar que “essa etapa foi ainda mais significativa por ter sido feita no ano em que o primeiro tenista sergipano pontuou na ATP” (CIN, Caderno Líder, 12/10/2008, p. 12). Este fato nos remete a pensar que de certo modo, ascender os atletas sergipanos é retorno garantido no sentido de evidenciar a presença do Tênis em nosso Estado. Além disso, os patrocinadores tiveram a chance de vangloriar-se.

Os sergipanos [...] lotam as quadras [...] a chance de torcer pelo [...] tenista Victor Maynard. Prata da casa [...] hoje vive no interior aprimorando o seu jogo, quer mostrar que o distancia dos familiares e amigos, compensou todo o esforço [...] (CS 24/09/2008, p. B-7).

O tenista Victor Maynard representou o estado de Sergipe na copa [...]. “O sonho é alcançar o top 100 do ranking [...] Eu mesmo larguei a família para treinar em Ribeirão Preto (SP)” (CS 28/09/2008, Caderno Correio Esportivo, p. 6).

O personagem em questão [...] Victor Maynard, atleta que deixou Sergipe em fevereiro para se aperfeiçoar em Ribeirão Preto e participou da etapa Aracaju tanto em dupla como no simples (CIN 12/10/2008 Caderno líder, p. 12).

Além dos nove inscritos, o número de brasileiros na Chave vai aumentar com a disputa do qualifying [...], e os Wild cards (convites). O sergipano Maynard [...] inclusive, conquistou [...] seu primeiro ponto na ATP [...] (JC 24/09/2008, p. B-7)

[...] Victor Maynard, este sergipano, que pela primeira vez participa da Copa Petrobras e ainda vibrando, com a conquista [...] na ATP [...] (JD 24/09/2008, p. 21).

Não resta dúvida que esta “apelação jornalística” era o engodo para atrair o público sergipano. Também significava que existia um sergipano “bom de tênis” que se configurava entre os melhores do Brasil. “Ora, não era só estrutura, temos também o material humano” (reflexão dos autores), parece-nos que esta era a mensagem subliminar que se apresentava.

A Referência ao Local (PIRES *et al.*, 2009; RIBEIRO *et al.*, 2008) bem como, as Expectativas em torno do sergipano ganham uma dimensão apelativa, mesmo aqueles que não acompanham os torneios de tênis em Aracaju, sabem que o tenista não tinha chances de ficar entre os melhores, parece-nos uma “forçação de barra” (na linguagem popular) para que os interesses e interessados possam aparecer. É, os heróis foram sucumbidos, seja no plano nacional (Marcos Daniel), seja no plano Local (Victor Maynard).

Quem Ganha com a Copa Petrobras de Tênis?!

Poderíamos situar vários campos de interesses, sejam eles econômicos, “sociais” (?) e políticos que envolvem a competição. **Primeiro**, seria diretamente ligado ao pagamento à própria FST (recebeu 20 mil reais); **segundo**, a rede hoteleira e os bares mais próximos que aumentaram o número de clientes no período dos jogos; **terceiro**, as instituições/e/esportivas - Petrobras, Koch Tavares, que tiveram a sua imagem ampliada; **quarto**, os atletas que recebem pela conquista do torneio (para o campeão U\$ 75,000 - setenta e cinco mil dólares); e o **quinto**, o público que tem a possibilidade de assistir a uma competição de alto nível com atletas internacionais, no Estado de Sergipe.

[...] não tenho dúvidas que para o tênis isso é um momento [...] de sempre voltar a crescer [...]. Todo mundo vê na televisão, vem assistir. Então, para o tênis em si, é de grande valia a Copa Petrobras. [...] Hoje vamos ter hospedagens melhores do que no ano passado. Temos hotéis, a inauguração de 02 (dois) hotéis de 05 (cinco) estrelas [...] (PFST).

Koch Tavares [...] aluga o espaço físico. O espaço, todo ele, é alugado pela federação. Toda a estrutura de aluguel de quadras, eles sempre passam uma taxa à Federação, e que esse valor ajudou muito. [...] Copa Petrobras ajudou muito a Federação, até a parte, [...] som, aparelhagem de som nova, bombas, redes novas, postes novos. (PFST).

É notório que o incentivo à prática esportiva constitui-se em condição obrigatória para qualquer discurso dentro de um governo democrático, no entanto precisamos compreender as relações entre a esfera pública e privada que se estabelecem atualmente no cenário político brasileiro. A Petrobras é uma empresa estatal e, portanto,

constitui-se uma riqueza gerada pela sociedade brasileira; o Governo do Estado de Sergipe reforma uma Orla com 6 (seis) mil metros de extensão com dinheiro público e abre concessões para várias entidades esportivas, a exemplo do tênis, kart, aerodelismo, entre outros, “administrarem” os espaços, que em tese são “públicos”. Qual foi a contrapartida que o Estado de Sergipe recebeu para a realização do Evento? Será que a Instituição Esportiva com seus agentes, especificamente a Koch Tavares, tirará a competição do Estado caso haja cobrança para realizar o Evento? Ficamos então nas mãos destas Instituições. Será que estamos vivendo um momento “estranho” no capitalismo em que a máxima da Revolução Burguesa que dizia *laissez-faire*, agora, traduz-se em “Estado, por favor, nos ajude!?”

A Petrobras tem a chance de mostrar sua “cara” para o mundo. Nos países sul-americanos onde ocorre a competição, lá está sua/nossa marca Petrobras. Parece-nos que este é o combustível de que precisa para que tudo possa, ou seja, “não mediremos esforços/financeiros para mostrar nossa imagem” (reflexão do grupo). Com isso, alguns questionamentos nos provocam: Não seria interessante que a Petrobras assumisse uma política de reformas nas escolas de todo país nas quadras escolares e também nas praças públicas? Assumisse uma política de incentivo à prática esportiva²⁹, entre outras manifestações da cultura de forma ampla e sem privilégios? Mas, parece-nos que na sociedade do espetáculo em que a conversão à mercadoria é condição para a imagem materializar-se, estes “sonhos” ficam à margem. É mais rápido e o retorno imediato, se associarmos Petrobras à instituição esportiva, ou à produtora de eventos esportivos como a Koch Tavares, exibindo apenas o fetiche dessa mercadoria, a exemplo dos 25 (vinte e cinco) anos de parceria com o Clube de Regatas Flamengo-RJ com renovação prevista de patrocínio no valor de 14,2 milhões de reais anuais³⁰. Além disso, a Petrobras explicitamente esclarece sua visão de marketing na utilização deste torneio³¹:

A Petrobras, depois do sucesso alcançado nas duas primeiras edições, decidiu investir mais uma vez no tênis como um dos instrumentos de integração de mercados abrangidos por sua área de negócios. Este ano, a Copa será realizada em cinco países: Colômbia, Uruguai, Brasil, Argentina e Paraguai.

A Petrobras, que começou a atuar fora do Brasil em 1972, experimenta hoje uma expansão sem precedentes de suas atividades no exterior. A empresa hoje está presente nos Estados Unidos, Uruguai, Paraguai, Venezuela, Peru, Bolívia, Chile, Equador, Líbia, México, Colômbia, Cingapura, Reino Unido, Japão, China, Angola, Nigéria, Tanzânia, Turquia e Irã, e continua buscando seletivamente novas áreas de negócios para se expandir. O Plano Estratégico reflete esta nova etapa ao programar investimentos de US\$ 12,1 bilhões para as atividades internacionais, que representam 13,8 % do total previsto para a empresa no Plano de Negócios 2007-2011.

²⁹ Hoje, já observamos uma significativa mudança desta empresa no incentivo ao esporte, no entanto, o forte (financeiramente) está nas altas competições automobilísticas, no futebol profissional, no esporte de alto rendimento. Quanto não é gasto para financiar?: Copa Petrobras de Marcas; Rali: Equipe Petrobras Lubrax; Kart: Seletiva de Kart Petrobras; Caminhões: Fórmula Truck; Protótipos: Fórmula SAE e SAE Baja; Campeonato Moto 1000GP; Ainda, no Brasileiro Petrobras 2011; Copa América 2011; Copa do Brasil 2011.

³⁰ www.esporte.uol.com.br

³¹ www.copapetrobrasdetenis.com.br

Os atletas são recompensados com uma boa premiação em dólares e também marcação de pontos na ATP, além disso, a Copa Petrobras de Tenis é responsável por trazer aos circuitos alguns atletas que estavam fora e fazer ascenderem outros ainda desconhecidos.

Desde 2004, a Copa Petrobras vem sendo responsável pela ascensão de vários tenistas argentinos. Na primeira edição, Mariano Puerta foi o grande destaque. Campeão em Santa Cruz de la Sierra (BOL) e Guadalajara (MEX) e vice-campeão em Bogotá (COL), o ex-top 9 ganhou mais de cem posições, após sua participação no circuito, fechando a temporada na 133ª colocação. Diego Moyano foi vice em casa, na etapa de Buenos Aires.

Em 2005, a jovem revelação Juan Martin del Potro faturou o troféu de Montevideú (URU). Começou a Copa Petrobras como 201 do mundo e terminou o ano em 157. Hoje, está entre os 50 melhores. Carlos Berlocq, semifinalista em Bogotá e Aracaju e campeão em Buenos Aires, passou a figurar entre os Top 100 (fechou 2005 em 79). Além dos dois, Diego Hartfield começou a se destacar depois do vice na etapa de Buenos Aires.

No ano passado, a Copa Petrobras foi imprescindível na volta de Guillermo Cañas ao circuito profissional. Ele retornou às quadras em setembro, sem pontos no ranking. Venceu as etapas Montevideú (URU), Buenos Aires (ARG) e Assunção (PAR) e fechou o ano como o 143º do ranking da ATP (Associação dos Tenistas Profissionais).

“A Copa Petrobras foi muito importante para a minha volta ao circuito. Pude voltar a jogar em bom nível e estar onde estou hoje. É um circuito que dá chance aos latino-americanos de ficarem entre os Top 100. Espero que a Copa Petrobras continue por vários anos”, afirmou.

Outros dois argentinos também entraram para o hall de campeões da Copa Petrobras: Diego Hartfield (etapa de Bogotá) e Sergio Roitman (etapa de Aracaju). Martin Vassallo Arguello foi finalista em Buenos Aires. Nesta temporada os três aparecem entre os Top 100.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA BREVE INTRODUÇÃO

A indústria midiática parece ocupar, no período contemporâneo, uma função central na constituição das subjetividades esportivas. Utilizando-se de recursos tecnológicos disponíveis e de estratégias minuciosas de persuasão, ela exerce um papel relevante na construção de imagens que fazem do esporte um cenário de espetacularização. É importante salientar que as táticas que são utilizadas carregam em si as aspirações da massa, ocupando-se de fomentar o consumo de bens culturais, sobretudo as competições esportivas, apresentadas como meios acessíveis a diversas condições econômicas.

A Orla de Atalaia constitui-se para nós pesquisadores, “observatório“, ou melhor, um “Ponto de Observação” frequentado por um grande número de pessoas,

principalmente nos finais de semana. O evento realizado nas quadras da Federação Sergipana de Tênis (FST) – Copa Petrobras – é só a ponta de um enorme *iceberg*. As relações políticas que se manifestam “por detrás dos bastidores” da competição, mostram a cara do nosso país e principalmente, o momento em que estamos vivendo na relação público-privado.

A cobertura jornalística do torneio, especificamente na mídia impressa local representa esta relação. Parecem-nos matérias compradas, reportagens superficiais, obedecem à lógica formal de ações que se repetem exclusivamente em torno do capital, com intentos propagandísticos. Tais características podem ser notadas em reportagens idênticas, que coincidem às vezes, nos quatro jornais analisados. Enfim, notícias que não esclareceram os interesses que permanecem (ou permaneceram até então) atrás das cortinas do espetáculo pouco popular do tênis aqui no estado de Sergipe.

No entanto, um Torneio Challenger deste porte, com premiações que chegam à US\$100,00 (cem mil dólares) e que valem pontos para o ranking da ATP (Associação de Tenistas Profissionais), sempre será cobiçado pelas cidades do país que possuem certa tradição nesta modalidade esportiva. É exatamente por este motivo que a CPT permanecerá como pioneira dentre os diversos eventos esportivos que circularam em nosso Estado/SE, como torneios de Vôlei, Tênis, Kart, Futebol de Areia, etc. Afinal, trata-se de um torneio que se materializa com certo privilégio na Orla de Atalaia (já que na maior parte da história, este torneio aconteceu nas quadras da Federação Sergipana de Tênis), trazendo ganhos diversos às instituições esportivas do Estado e demais envolvidos. No entanto, frustrando os interesses locais, desde 2009 esta competição não é realizada em Aracaju. Talvez, podemos destacar a continuidade de estudos como possibilidade para localizar/entender os diversos interesses que provocaram sua saída (*out!*) da “bela orla de Atalaia”.

Diante de tal contexto, resta-nos a possibilidade de agirmos enquanto leitores críticos da realidade circundante, de aprimoramos nossos olhares para o dito e o não-dito sobre os discursos midiáticos e os grandes eventos esportivos. Afinal, o olhar atento não é uma dádiva da natureza, é ato apreendido, construído na relação com o mundo. Por isso mesmo, ensinar/aprender a “ver” além do que os olhos alcançam deveria ser o fundamento de toda educação. Atentos a este desafio, permaneceremos “observando” os eventos esportivos na/da mídia esportiva sergipana, na tentativa de compreendê-los com maior profundidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Wisengrund. Teoria da semicultura. In: **Educação e Sociedade**, Ano XVII, nº 56, dez. 1996.

ADORNO. Theodor Wiesengrund. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DE TÊNIS. Estrutura de torneios. In: <http://pt.wikipedia.org> (acessado no dia 30.08.2008).

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia educação**. Campinas: Autores Associados, 2002.

BETTI. Mauro. **A Janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas/SP, 1998.

_____. **Educação Física e Mídia, novos olhares, outras práticas.** São Paulo: Huicitec, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte:** uma introdução. UFES: Vitória 1997.

COPA PETROBRAS DE TÊNIS. Premiações. In: <http://www.atptennis.com> (acessado em 29/08/2008).

COPA PETROBRAS DE TÊNIS. www.copapetrobrasdetenis.com.br (acessado em 29.07.2008).

KOCH TAVARES. Quem somos. Copa Petrobras. www.kochtavares.com.br (acessado em 20.08.2008).

LUCENA, Ricardo; PRONI, Marcelo (Orgs.). **Esporte:** história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2001.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva:** primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. Revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 1994.

ORLA DE ATALAIA. www.orladeatalai.com.br (acesso em 03/03/09).

PIRES, Giovani De Lorenzi. **Cultura Esportiva e Mídia:** abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física. In: Educação Física e Mídia, novos olhares, outras práticas. BETTI, Mauro (org.). São Paulo: Huicitec, 2003.

_____. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista de Educação Física/UEM**, 1998.

_____. **O esporte e os meios de comunicação de massa:** relações de parceria e tensão. Possibilidades de superação (?). In: Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes. GRUNENVALDT, Tarcísio *et al.* (orgs.) São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Educação Física, 2007.

PIRES, Giovani De Lorenzi *et al.* **Os Jogos olímpicos na mídia impressa regional:** a dialética local-global na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2004. 3º Congresso sulbrasileiro de Ciências do Esporte. Santa Maria/ RS, 2006.

PIRES, Giovani De Lorenzi; SILVA, Maurício Roberto. Do pan rio/2007 à copa 2014 no Brasil. Que Brasil? E para qual Brasil? **Revista Motrivivência.** Ano XVIII.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski D. *et al.* **Os atletas sergipanoamericanos a partir da cobertura jornalística na mídia impressa local:** In: Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes. GRUNENVALDT, Tarcísio *et al.* (orgs.). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Educação Física, 2007. p.237-252.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade**: Uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

TORNEIO DOS CAMPEÕES 2006. In: <http://www.informesergipe.com.br> (acessado em 29/08/2008).

TORNEIO DOS CAMPEÕES 2007. <http://forum.tenisnews.com.br> (acessado em 29/08/2008).

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2006.

SOBRE OS AUTORES

Diego de Sousa Mendes

Professor Assistente do Departamento de Ciências da Educação Física e da Saúde/UFSJ
Licenciado em Educação Física do Centro de Desportos/CDS/UFSC e Mestre em Educação Física/PPGEF/UFSC
Pesquisador LaboMídia/UFSC-UFS

Sérgio Dorenski

Professor Assistente do Departamento Educação Física da Universidade Federal de Sergipe/UFS
Licenciado em Educação Física pela UFS
Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC
Pesquisador FAPESB
Pesquisador do LaboMídia/UFSC-UFS e do Grupo MEL/FACED/UFBA

Cristiano Mezzaroba

Professor Assistente do Departamento Educação Física da Universidade Federal de Sergipe/UFS
Licenciado em Educação Física do Centro de Desportos/CDS/UFSC e Mestre em Educação Física/ PPGEF/UFSC
Acadêmico Ciências Sociais/UFSC/UFS
Coordenador e Pesquisador LaboMídia/UFSC-UFS;

André Marsiglia Quaranta

Professor da Rede Pública do Estado de Sergipe /SEED/SE
Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe/ UFS
Especialista em Educação Física para a Educação Básica pela Universidade Federal de Sergipe/ UFS
Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de SANTA Catarina/ UFSC
Membro do LaboMídia/ UFSC-UFS

Paula Aragão

Professora da Rede Pública Municipal de Graccho Cardoso/SE
Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe/UFS
Licenciada em Pedagogia/UVA
Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior/FSLF
Mestranda do PPGEF/UFSC; Bolsista CAPES
Pesquisadora do LaboMídia/UFSC-UFS

Luciana Carolline Pina Garcia

Licenciada em Educação Física pela Universidade Tiradentes/UNIT
Pesquisadora do LaboMídia/UFS

Silvan Menezes dos Santos

Licenciado em Educação Física/UFS
Pesquisador do LaboMídia/UFS

Tamires Santos Oliveira

Licenciada em Educação Física/UFS

Janderson dos Santos Paixão

Acadêmico em Educação Física/UFS
Pesquisador do LaboMídia

Fabio Zoboli

Professor Adjunto do Departamento de Educação Física/UFS
Graduado em Educação Física/FURB
Doutor em Educação/UFBA

Rosa Karla Cardoso Almeida

Professora da Rede Estadual de Sergipe e da Rede Municipal de Nossa Senhora do Socorro/SE
Licenciada em Educação Física/UFS
Especialista em Educação Inclusiva/UNIT
Especialista em AEE/UEM
Diretora da Renovar Apoio Pedagógico em Educação Especial - Aracaju/SE

Patrícia Matos Souza Nunes

Professora da Rede Estadual de Sergipe
Licenciada em Educação Física/UFS
Mestranda em Educação/UFS
Especialista em Educação Inclusiva/Faculdade Atlântico
Coordenadora de Lazer da Associação de Pais e Amigos de pessoas com deficiência do Banco do Brasil e comunidade